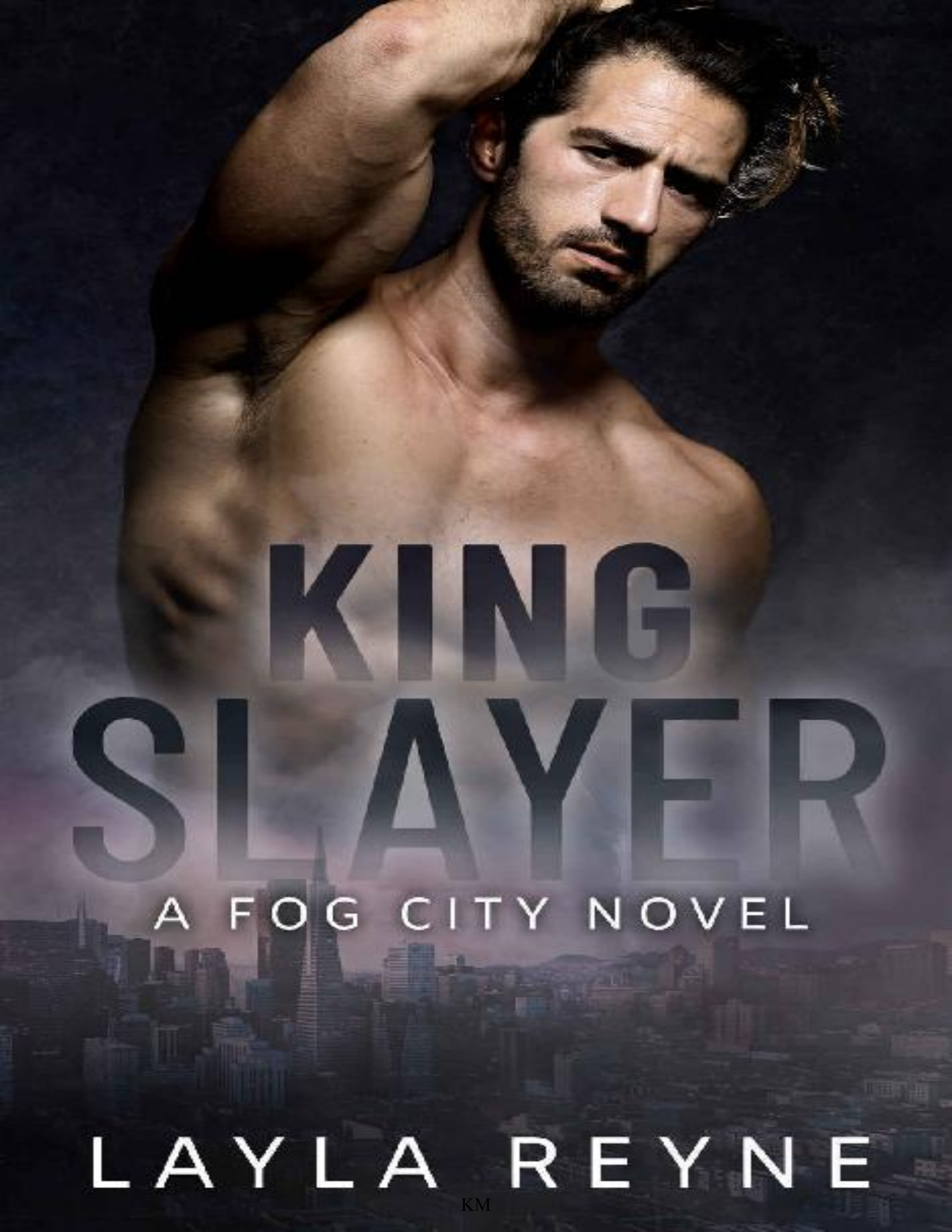




KING SLAYER

A FOG CITY NOVEL

LAYLA REYNE

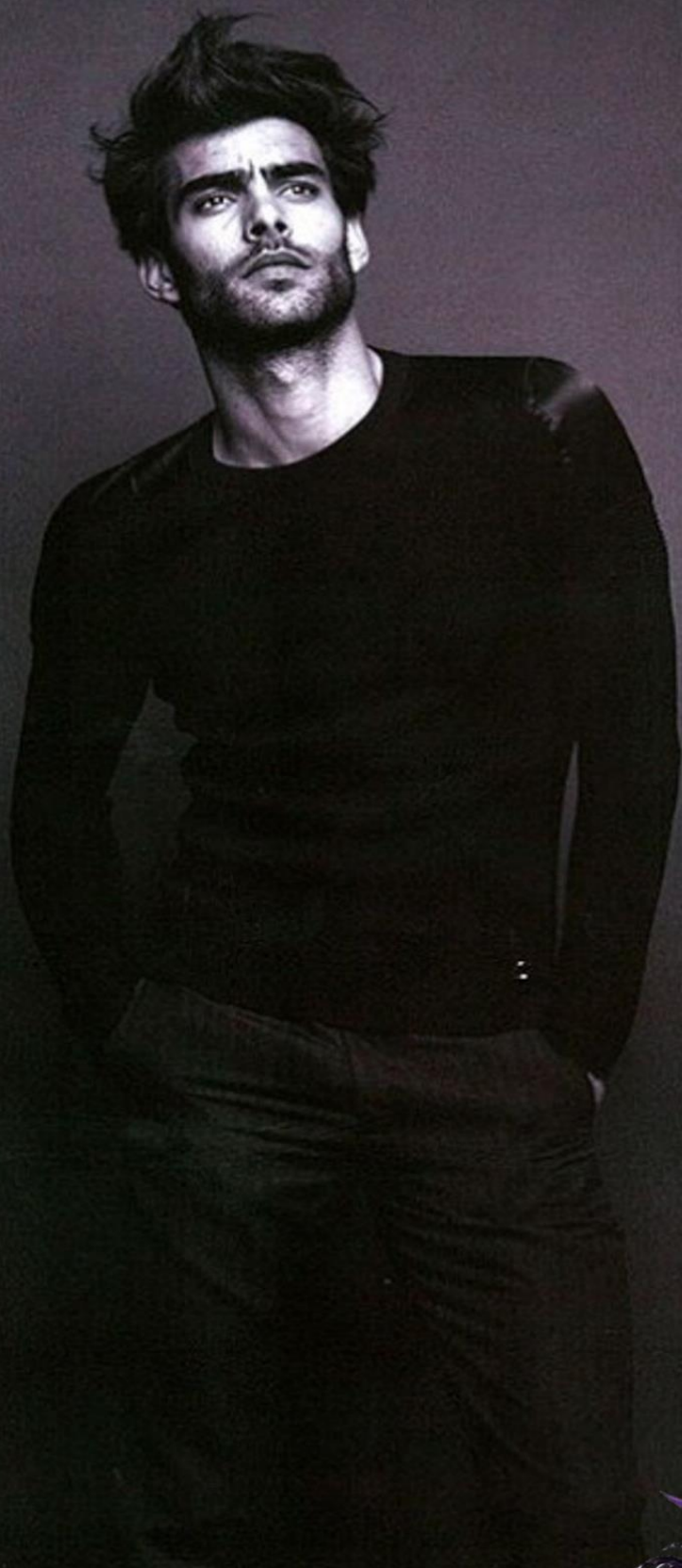
KM

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



KARDIA MOU



Revisão e Arte

Salustiana





King Slayer - Fog City Two

by Layla Reyne

Nunca de apaixonone por um alvo. Falha na missão.

Christopher Perri - também conhecido como. Dante Perry - infiltrou-se na organização Madigan com um objetivo: vingar sua parceira assassinada. Se apaixonar pelo assassino na cabeceira da mesa não fazia parte do plano, mas Hawes Madigan não é o frio e intocável Príncipe dos Assassinos que Chris esperava. Tudo sobre o Rei recém-coroadado é quente, e cada centímetro dele é eminentemente tocável... e está fora dos limites quando o disfarce de Chris é explodido.

A exposição não poderia ter chegado em pior momento. O trono de Hawes está ameaçado, e Chris suspeita que a mesma pessoa que matou seu parceiro esteja por trás do golpe. Trabalhar com Hawes beneficia os dois, mas o empregador de Chris tem outras ideias. Desmantelar organizações criminosas é o que Chris faz melhor, e seu chefe espera que o *King Slayer* cumpra sua missão.



Mas Hawes está levando os Madigans em uma nova direção, uma na qual Chris não pode ficar para trás, e os dois homens formam uma aliança instável, fortalecida pela atração irresistível entre eles... até Chris descobrir quem matou sua parceira. Uma vez que ele sabe a verdade, o *King Slayer* vem à tona, e Chris não se detém por nada em sua missão de destruir aqueles que o traíram, incluindo o rei que roubou seu coração.

As voltas e reviravoltas - e os despenhadeiros - continuam no livro dois da Trilogia Fog City. Leia por sua conta e risco!





Capítulo Um

Nunca se apaixone por um alvo.

Regra número 1 para missões disfarçadas. Inferno, ele era um ávido cumpridor das regras. Com tantos trabalhos que Chris já tinha feito, tantos livros que ele já havia lido, ele já deveria saber disso. Ele deveria ter reconhecido os sinais e construído uma parede mais cedo.

Teria adiantado?

Olhando para Hawes Madigan, nu e algemado na cabeceira da cama - seu corpo rígido e preparado para brigar, seus olhos azuis soltando faíscas de raiva, seu pênis ainda meio duro e sua mente, sempre afiada, sem dúvida trabalhando horas extras - Chris imaginou que provavelmente não. Nenhuma quantidade de treinamento, quantidade de leitura, conduta, algemas ou armamento adequados mudariam o fato de que o lugar que ele mais queria estar naquele momento era naquela cama - com o inimigo.

Com o príncipe dos assassinos.

Não, o rei.



Porra.

Chris piscou para afastar sua fome frustrante por ele, limpou a expressão em seu rosto e escondeu seu desejo fútil. Não importava o que ele queria. O que importava era o distintivo aberto no peito de Hawes e a missão de Chris. A missão para a qual ele passara três anos se preparando e que o havia trazido até aqui.

Sua última missão.

A que tinha chegado à tona ontem e agora exigia que ele estragasse seu próprio disfarce antes que alguém o fizesse.

— Sua parceira?— Hawes disse, sua voz um sussurro incrédulo.

— Agente Especial Isabella Constantine.

Isabella. Constantine. — Hawes repetiu o nome e o sobrenome de Izzy lentamente, como se estivesse envolvendo seu cérebro em torno das diferenças entre ficção e realidade. Elas eram muito sutis - os primeiros nomes tão próximos, como Perri e Perry; O sobrenome de Izzy era uma versão americanizada da versão grega de sua família.

Ela havia ensinado essa lição a Chris no início de sua carreira na ATF. Construa uma cobertura muito próxima à realidade - nome, ocupação, história. Menos propenso a cometer um erro durante seu trabalho disfarçado, mais propenso a enganar



um alvo suspeito. Ela tinha sido uma boa agente. A melhor mentora e parceira que Chris poderia ter pedido. Trazer seu assassino à justiça era o mínimo que ele podia fazer para a pessoa que havia salvado sua vida. E a chave para fazer exatamente isso estava atualmente à mercê de Chris. Ele nunca teve uma chance melhor, ou uma audiência tão atenta.

— Você vai me ajudar a encontrar o assassino dela, disse Chris enquanto caminhava em direção à cama.

O olhar de Hawes disparou para ele, colidindo e provocando-o com incredulidade. Ele riu alto - o mesmo som áspero e amargo que arranhara os ossos de Chris na noite em que eles se conheceram. — Você está louco? Você é um maldito federal.

— Desde quando você tem problemas para trabalhar com um crachá? Braxton Kane é o chefe da polícia.

A risada fria de Hawes desapareceu, assim como a cor em suas bochechas cavadas. — Ele sabia quem você realmente era?

— Não.

Hawes sustentou seu olhar, julgando a sinceridade da resposta de Chris. — Eu confio em Brax, disse ele depois de um longo momento. — Não confio em você. Enfatizando o argumento, ele forçou novamente a algema ao redor de seu pulso, a outra extremidade de metal batendo no trilho onde Chris a havia



anexado.

Chris passou a mão livre sobre a algemada de Hawes e esperou que ele se aquietasse. — Você confiava em mim até cinco minutos atrás.

— Cinco minutos atrás, eu achei que sabia quem você era.— Hawes arqueou e torceu o tronco, lançando o distintivo fora de seu corpo e para o lado oposto da cama e de Chris. — E, tudo isso era mentira.—

Com a arma apontada para a metade inferior de Hawes, impedindo chutes ou movimentos bruscos, Chris soltou o pulso de Hawes e se esticou sobre ele para recuperar seu distintivo. Ele o guardou no bolso, mas permaneceu debruçado sobre Hawes, nariz contra nariz. — Não tudo.

Fatos bem próximos da verdade, como Izzy lhe ensinara, e verdades emocionais também, não importa o quanto Chris desejasse o contrário. Mentiras tornariam o trabalho dele muito mais fácil, tornaria isso muito menos complicado.

Calor, dúvida e esperança brilhavam nos olhos de Hawes, e a tensão foi drenada dele – seu queixo se abaixou, e o torso caiu pesadamente, golpeando o colchão. Uma abertura que aumentou a frequência cardíaca de Chris. Apenas para ter a porta batida em sua cara. Cotovelo travado, punho flexionado, Hawes levantou o braço esquerdo e apontou o calcanhar da mão diretamente para a



têmpora de Chris.

Concussão recebida.

Chris bloqueou o ataque e recuou, fora do alcance de Hawes, lutando contra a atração magnética que surgia tão rapidamente entre eles.

Hawes estava claramente fazendo um trabalho melhor em resistir à atração do que ele. Emoções ternas estavam ausentes de seus olhos, ardiam de raiva, ódio e traição. — Eu não estou te ajudando, porra.

Bem, se era assim que ele queria levar as coisas... Chris se endireitou, ergueu os ombros e manteve a pistola pronta, sem confiar no assassino. — Eu tenho você sob um assassinato.

— Eu tenho o mesmo sobre você.

— Autodefesa no ato de uma investigação.

— E o meu não foi?

Chris não podia argumentar contra isso. Jodie teria matado Hawes. Ele agiu para se defender, mais do que Chris ao matar Ray. Mas Jodie não era a única morte de Hawes. — Lucas.

Hawes sorriu. — Lucas desapareceu.

Foi a vez de Chris rir. — Na Baía, sob suas ordens.



Não dei essa ordem. Você estava lá.

— Tráfico de explosivos, rebateu Chris.

— Você sabe que estou tentando sair desse negócio.

— Mas você ainda não saiu, não é? Você fabricou e, até ontem, possuía explosivos ilegais, que planejava contrabandear para um novo proprietário sob o pretexto de uma venda de imóveis. Se eu entendi direito.

Hawes mordeu o lábio inferior, como se estivesse lutando para conter uma série de maldições ardentes. A represa não segurou muito. —Tudo bem, você me tem nisso, ele explodiu. — Mas, eu ainda não estou te ajudando, porra. Já fiz bastante dano. Eu não vou piorar as coisas. Porra, terei sorte se Holt e Helena me perdoarem do jeito que as coisas estão.

Chris abaixou o martelo. — Engraçado você mencioná-los. Você sabe o que vai piorar as coisas? O backup do pen drive de Amelia. Ela me disse onde estava antes de você e Helena chegarem. Eu o tenho e através dele terei tudo o que preciso para prender você e seus irmãos.

Como esperado, Hawes congelou, sua luta com a algeima esquecida, a ameaça de Chris sobre as pessoas que mais importavam para ele, capturando toda sua atenção.

— Você pode não se importar, Madigan, mas eu conheço sua



fraqueza. Aquela alma que você não pode esconder. Aquela que fará qualquer coisa para proteger sua família, mesmo que eles também não sejam exatamente inocentes.

Hawes engoliu em seco e lentamente olhou para baixo, olhando para a arma de Chris. Chris podia jurar que ouviu o roçar de seus longos cílios nas bochechas pálidas. E novamente em seu caminho para cima de novo.

Mas isso era impossível... *Foda-se!*

Percebeu seu erro tarde demais - o som abafado e fraco veio de trás dele - e Chris moveu-se rapidamente para se defender. E no instante seguinte ele estava indefeso, a arma batida de suas mãos por um pé descalço.

— E faremos qualquer coisa para protegê-lo, declarou Helena.

Chris girou em sua direção com um “Como diabos...”, mas foi interrompido por Hawes, — Abaix-se, Hena!

Ela instantaneamente se agachou. O metal bateu contra a madeira atrás de Chris, e ele se virou. Muito tarde. Todo enrolado, Hawes estava apoiado em seus ombros e chutando as pernas no ar. Não em Chris. No cano da tubulação exposta que estava pendurado no teto acima da cama. Uma vez que o quarto era elevado, como em um loft, Hawes não teve nenhum problema em alcançar o cano com suas longas pernas, prendendo os calcanhares ao redor dele e...



Porra!

Chris teve seu rosto repentinamente inundado com o jato forte de água que o atingiu, o tubo deslocado agindo como uma mangueira de alta pressão. Engasgando, ele levantou a mão para proteger os olhos e contornou o gêiser. O crack de madeira rachando fez Chris usar a mão para afastar a água, desesperado para poder ver o que estava acontecendo. Tarde demais de novo. Hawes jogou o trilho da cabeceira quebrado pendurado nas algemas e ajoelhou-se, quando Chris caiu sobre ele, chutado por trás por Helena. Ele não conseguia recuperar o fôlego, e muito menos tentar avançar à frente deles, a sincronia entre eles era bem praticada e mortal.

Helena apertou seus pulsos atrás das costas com uma algaema plástica e o empurrou de bruços sobre o colchão. Ela escalou as costas dele, leve como uma pluma, letal como uma víbora, depois plantou um pé no colchão e o outro em sua nuca. — Diga-me agora mesmo por que não devo quebrar seu pescoço.

Chris ignorou o instinto de lutar e se forçou a ficar quieto. Entrar numa luta corpo-a-corpo com Hawes já era um desafio. Adicione Helena à mistura, tire a arma de Chris, e essa era uma situação sem vitória, não importa o quão bom ele fosse no combate corpo a corpo. Ele tinha que ser inteligente, usar o que aprendeu sobre os Madigans e oferecer a eles algo que não podiam recusar.



— Eu não estava mentindo sobre o pen drive, disse ele.

— Vamos encontrá-lo, respondeu Helena, depois disse a alguém do outro lado de uma unidade de comunicação: — Corte a água—. Holt, Chris assumiu, deveria estar em algum lugar do prédio para conseguir desligar manualmente os canos.

— Talvez você o encontre, disse Chris, quando o gêiser se acalmou. Suas próximas palavras foram dirigidas a Hawes, para onde quer que ele tivesse deslizado da cama. — E me matar é contra suas regras.

Helena pressionou com mais força o pescoço dele. — Você é uma ameaça.

— E que está atrás da mesma coisa que você está.

— Deixe-o ir, Hena.

Ela recuou com um suspiro. — Hawes!

Endireitando-se, Chris olhou através da sala na direção da voz de Hawes e imediatamente entendeu a mudança de tom de Helena. Hawes estava no canto oposto, o lençol enrolado na cintura, a arma de Chris na mão.

Chris ficou de joelhos, intencionalmente em desvantagem. Não uma ameaça. — Você não vai usar isso.

Hawes levantou o braço e apontou a arma para a cabeça de



Chris. Sem tremor, sem hesitação. — No momento, você não sabe o que vou fazer.

— Grande H...-

O tremor na voz de Helena, combinando com aquelas palavras sombrias e o aperto firme de Hawes, eram indicações suficientes para deixar claro que Hawes estava muito perto de passar por cima de sua linha vermelha autoimposta. Uma que Chris respeitava. Puxar o gatilho era a última coisa que Chris queria instigar Hawes a fazer.

— Eu vou sair.— Chris descansou sobre os calcanhares, os olhos baixos, o queixo abaixado. Ele levantaria as mãos também, se pudesse. —Mas a minha oferta...-

— Não pareceu uma oferta para mim.

Levantando a cabeça, Chris encarou Hawes. — Você precisa saber quem está tentando derrubá-lo. Eu preciso saber quem matou minha parceira. Trabalhamos bem juntos na semana passada. Nós podemos resolver isso também.

— Saia, agente Perri. Indiferente. Frio. Mortal. Nem um traço de calor ou qualquer outra emoção.

Chris se levantou e Helena o acompanhou escada abaixo até a porta, onde ela cortou a algema de plástico com a faca. Chris estendeu a mão para Hawes, que estava atrás dela. — Posso ter



minha arma?

— Não, disse Hawes. — Eu acho que vou mantê-la. Pode ser útil.

Chris esperava que isso não acontecesse, quase tanto quanto esperava que Hawes seguisse suas regras. Caso contrário, não haveria saída disso para nenhum deles.

..*

Chris entrou no circuito de South Park e encontrou um lugar na fila de carros estacionados ao longo da calçada, apoiando sua Hog atrás de uma Maserati horivelmente chamativa. Ele desligou o motor, desmontou e vasculhou entre os livros e detritos em seu alforje por seus fones de ouvido. South Park ficava a apenas duas quadras do apartamento de Hawes; ele não poderia ter perdido muita coisa.

Com os fones de ouvido, ele abriu o aplicativo de vigilância em seu telefone e esperou o sinal se conectar. Ele manteve seus passos leves enquanto caminhava em direção a um dos bancos do perímetro no movimentado parque de bairro. Por todas as vezes que ele ficara ali na semana passada, os moradores provavelmente estavam pensando que ele era algum funcionário novo em uma das



novas empresas que alugavam espaço em volta da área oval. Apenas mais um funcionário em seu telefone, nada para ver aqui, mesmo que ele parecesse meio molhado.

A estática em seus ouvidos dissolveu-se, e Chris se sentou no banco mais próximo, ouvindo atentamente.

— O apartamento está limpo — disse Holt, confirmando a suspeita de Chris de que o gêmeo de Hawes estava no local. Não diretamente na linha de fogo - os três irmãos Madigan raramente estavam - especialmente se Holt tivesse sua filha com ele -, mas sempre nas proximidades para ajudar a controlar as variáveis e chegar rapidamente para o interrogatório. — Não encontrei nenhum dispositivo.

Chris sorriu. Sua tecnologia supostamente indetectável era até agora indetectável. Bom. Dito isto, dada a localização do dispositivo de escuta, o volume das vozes dentro do apartamento flutuava dependendo da proximidade do orador com o alto-falante. Por enquanto, estava perto o suficiente para transmitir claramente a conversa deles.

— Eu disse...- Helena começou.

— Não preciso ouvir isso, disse Hawes. — Já pensei nisso por mim mesmo. O que trouxe vocês aqui?

Um baque ecoou através do comunicador, algo sólido



pousando em uma mesa ou na ilha da cozinha. Chris teve que aumentar o volume do aparelho, as vozes mais distantes do dispositivo, a pessoa que estava falando provavelmente assustada com o barulho.

— Você recebeu o anuário, disse Hawes.

— E uma pista sobre quem estava pagando ele. — Holt fez uma pausa para calar Lily, que, a julgar por seus gritos, também não gostou do barulho repentino. As almofadas do sofá gemeram e, em seguida, uma enxurrada de teclas se seguiu. — Quando não consegui encontrar Perry com um Y, pesquisei variações.

— E encontrou Perri com um I, disse Helena. — A cópia impressa do anuário confirmou.

— E as contas bancárias dele estão em um banco federal, disse Holt.

Chris imaginou o homem gigante sentado no sofá, a filha amarrada na tipóia contra o peito, o laptop aberto sobre os joelhos, o braço estendido sobre Lily para apontar as evidências na tela que confirmariam o que Chris havia dito a Hawes.

— Porque ele é um agente da ATF, disse Hawes. — Vi o distintivo eu mesmo.

— Nós achamos que ele era um federal. Pensei na ATF, mas não tínhamos certeza.



— Independentemente disso, disse Helena, — cheguei aqui o mais rápido que pude.

— Obrigado pelo seu timing, respondeu Hawes.

— Você teria se resgatado por si mesmo, eventualmente. O sorriso na voz dela não durou muito. — Dados nossos negócios e investigações anteriores, a ATF fazia mais sentido.

— Espere, retroceda, Holt interrompeu. Como *Christopher* se traduz em *Dante*? Não há referências no anuário se referindo a ele como Dante, nem como apelido. Foi apenas um disfarce?

— De jeito nenhum, disse Helena. — Ele respondeu a isso naturalmente e está impresso na caixa do cartão.

Chris deu um tapinha no bolso do casaco, em pânico por um segundo ao pensar que a carteira de couro pudesse ter caído quando Helena jogara seu casaco atrás dele. Ele soltou o fôlego quando a encontrou segura no bolso interno onde sempre a mantinha. Izzy dera a ele como presente de formatura quando ele concluiu o Treinamento Básico de Agente Especial. Ela tinha mandado imprimir *Dante* em um dos lados. Após o assassinato, ele teve a data de sua morte impressa do outro lado. Um lembrete de sua missão.

— Não é apenas um disfarce, disse Hawes, informando seus irmãos sobre o mesmo. — Sua parceira de trabalho deu a ele o



apelido.

— Parceira? Helena disse. — No ATF? Com quem ele trabalha?

— Trabalhou como no passado. A parceira dele era a agente especial Isabella Constantine. Como antes, Hawes enfatizou o último A do primeiro nome de Izzy e todas as sílabas de seu sobrenome. — Ou como a conhecíamos, Isabelle Costa.

Holt e Helena inalaram bruscamente, e Lily choramingou com um toque de raiva.

— Ela o chamava de Dante, explicou Hawes, — porque o nariz dele estava sempre preso em um livro.

Enquanto Helena murmurava uma série impressionante de maldições, Holt retomou sua digitação furiosa. Com novos parâmetros de pesquisa, ele descobriria onde os caminhos de Chris e Izzy haviam se cruzado em pouco tempo.

Ao contrário de seus irmãos, Hawes ficou em silêncio. Sem palavras, sem passos inquietos, sem garrafas de uísque tilintando uma contra a outra. Onde ele estava? Encostado na ilha da cozinha ou em um dos pilares de madeira do apartamento? Ou ele estava em pé na frente das janelas da varanda, os braços envoltos sobre o suporte de metal? Como ele tinha estado naquela primeira noite em que Chris o convencera gentilmente a convidá-lo a entrar. Chris



tinha tentado convencer Hawes a convidá-lo não apenas para entrar. Ele não tinha pretendido seduzir o príncipe naquela noite, mas, quando a oportunidade se apresentou, considerara isso como uma oportunidade de obter as informações que precisava.

O que Chris não precisava era das faíscas que voaram entre ele e Hawes, o calor que o atraía como um míssil até seu alvo. Ele se aconchegara atrás da orelha de Hawes, inalara o perfume sutil de sua loção pós-barba cara misturada com o de um homem perigoso, e foi ele quem acabou seduzido. Acrescente a isso o humor e a honestidade de Hawes, os curiosos vislumbres de vulnerabilidade e a mínima sugestão de seu lado submisso, e Chris realmente queria ajudá-lo, o que era a última coisa que ele precisava.

Essa deveria ser sua missão final, e não porque ele tinha sido demitido por ter se apaixonado pelo alvo, pelo menos ainda não. Ele não podia deixar isso acontecer, não podia deixar que esse fosse seu destino final, que tudo terminasse assim. Vingar a morte de sua parceira e sair. Esse era o plano. Ele era uma merda nas jogadas políticas da ATF - isso era a coisa da Izzy, não dele - e não havia nenhum outro lugar para ele entrar na agência que se encaixava tão bem quanto um trabalho secreto. Exceto que ele estava cansado de ser outras pessoas. Após dez anos de trabalho disfarçado, ele precisava descobrir quem ele era e onde estava sua casa, de verdade. Mas, porra, se o apartamento de “Dante” e Hawes não se



sentiu muito próximo disso na semana passada, o que apenas tornava a luz no final de seu túnel de escape mais difícil de ver, difundir e refratar tanto quanto a névoa que Hawes tanto amava.

— Como está Rose hoje? A pergunta de Hawes sobre sua avó fez Chris voltar à realidade.

— Melhorando, respondeu Holt. — Ela receberá alta amanhã.

— Você não está pensando em trabalhar com os federais, está? Helena persistiu. — Os riscos se ele descobrir...-

— Eu sei, Hawes retrucou. — Ele não pode.

Não poderia descobrir o que?

Chris não tinha ilusões sobre estar totalmente por dentro das coisas. Ele sabia que os Madigans estavam escondendo segredos dele. Eles eram espertos demais para contar tudo a ele – relativamente um estranho. Ele estava fora do círculo interno deles, e agora, ainda mais longe. E ainda mais longe de o que quer que fosse essa coisa que afetaria a ele e à organização. Tinha que ser sobre Isabella. Ou os explosivos. Ou ambos. Chris tinha quase certeza de que os dois estavam conectados. O que acontecera naquela noite que levou Hawes a fazer mudanças tão radicais na organização? O que exatamente Hawes sabia?

— Não podemos confiar nele, disse Helena. — Se isso não ficou claro depois de hoje...-



— Sem argumentos aqui, respondeu Hawes. — Mas precisamos dele? Comecei a semana chegando perto de uma fonte, trabalhando com ele para obter informações sobre quem estava se movendo contra nós. Ainda podemos usá-lo para isso?

Ácido se agitou no intestino de Chris. Embora nenhum deles tenha ocultado o fato de estarem usando um ao outro, ouvir a confirmação assim, à queima-roupa sobre como eles haviam jogado com ele era como um chute nas bolas. Isso era tudo o que Hawes estava fazendo? Jogando com ele? Fora tudo uma mentira de sua parte, não importa o quão verdadeiro tenha parecido para Chris? Ele achava que não, dada a expressão de traição nos olhos de Hawes hoje de manhã e o calor neles na noite passada, mas Chris não tinha certeza, e ele não podia pendurar o chapéu naquela colocação sobre 'começar a semana' de Hawes. Não que as intenções de Hawes, naquele momento ou agora, fossem importantes.

Tudo o que importava era a missão.

Mais uma vez, Hawes pareceu entender isso melhor do que Chris, ao perguntar: — Podemos usar ele e seus recursos para descobrir quem está por trás do golpe contra nós? Quando sua questão encontrou apenas silêncio, Hawes latiu: — Holt!

— Huh? disse Holt, provavelmente perdido em seus códigos de computador. — Desculpa.



— Eu disse, precisamos dos recursos do agente Perri?

— Deixe-me ver o que posso fazer primeiro.

— Quando foi a última vez que você dormiu?

Ou o hacker estivera cochilando e não gostou de ser chamado por isso. — Muito de um disco quebrado?

Hawes ignorou a resposta e mudou a conversa. — Precisamos descobrir onde está o pen drive e acessá-lo antes de Perri, se, de fato, ele sabe onde está.

— Você acha que ele está blefando? Helena perguntou.

— Sim. Bom palpite. Aparentemente, Chris havia mostrado a Hawes mais do que alguns de seus movimentos também. — Você voltou para ver Amelia?

— Ainda não, disse Helena. — Holt?

— Eu não posso. E agora com isso... Sua voz cheia de dor, provocada pela menção à sua esposa, fez Chris estremecer. — Brax sabia quem ele era? Para quem ele trabalhava?

— Dante... Hawes fez uma pausa, limpou a garganta e depois corrigiu. — Chris disse que não.

— Não acho que Brax nos trairia, disse Helena.

— Eu também não, concordou Hawes, — mas as únicas



pessoas em que podemos confiar completamente agora estão nesta sala.

Eles podiam confiar em Kane, e Chris precisava que o chefe confiasse nele também. Tão fortemente aliado como ele era com os Madigans, Kane estava na melhor posição para servir como intermediário. E Chris precisava de um porque Hawes estava certo. Eles ainda podiam usar um ao outro - Hawes para descobrir quem estava por trás do golpe, Chris para descobrir quem matou Isabella. Cada um tinha as informações necessárias para o outro, e Kane poderia intermediar essa troca. Mas se Chris tivesse chance de conseguir Kane a bordo, de garantir o fluxo de informações, ele tinha que ser o único a contar a verdade a Kane antes que alguém o fizesse.

E o tempo estava apertado. O chefe de Chris enchera seu correio de voz durante a noite com avisos sobre sua chegada iminente. Ele precisava vencê-la ali. Ele saiu do banco e correu de volta para a Hog. Próxima parada, sede da SFPD¹.

¹ Departamento de Polícia de São Francisco é a corporação policial que serve à cidade e ao condado de São Francisco, Califórnia, Estados Unidos.



Capítulo Dois

Chris já estava a meio caminho do andar onde ficava Kane antes de considerar que ele talvez não estivesse aqui hoje depois da longa noite que se prolongara até esta manhã. No entanto, Chris descartou o pensamento absurdo tão rapidamente quanto se formou. Kane estava com seus olhos nessa merda, da mesma forma que ele. Dado tudo o que havia acontecido, Chris apostaria que Kane estaria em um dos três lugares - aqui na estação, no forte da família Madigan em Pacific Heights ou na sede da Madigan Cold Storage à beira-mar. Como Chris provavelmente levaria um tiro se aparecesse em um dos dois últimos, rezou para que Kane estivesse aqui.

Metade da equipe estava fora para almoçar, mas os policiais restantes, cada um com um par de olhos treinados, seguiram Chris enquanto ele passava pelas fileiras de mesas. Talvez ele tivesse a mesma probabilidade de levar um tiro aqui. As notícias de seu disfarce explodido já haviam vazado? Os Madigans haviam alertado outros aliados dentro da força? Chris tinha certeza de que Kane não era o único oficial da polícia no bolso deles. Ou alguém da força -



Kane, talvez – havia juntado as peças, desde que ele estivera à espreita na semana passada, fazendo perguntas sobre a investigação de um crime que ocorrera há três anos?

Ou nenhuma das anteriores.

Ele virou a esquina e uma voz familiar ecoou dentro do escritório de Kane. — Você deveria ter relatado isso antes, independentemente das ações do Agente Perri. Dados os explosivos envolvidos e investigações anteriores, esse assunto está diretamente sob a jurisdição da ATF. É nosso caso agora. Oficialmente.

Porra.

Tanta coisa para contar a verdade a Kane primeiro e recuperar algum tipo de relação de trabalho. Vivienne Tran o havia batido aqui e, pelo que parecia, ela estava se aproximando das coisas da maneira incendiária de sempre. Ele respirou fundo, se preparando para entrar, depois parou para dar uma rápida checagem em si mesmo. Cabelo puxado para trás, ombros eretos, arma de fogo...-

Porra!

Tran logo veria seu coldre vazio, e quando ele tivesse que confessar que estava nas mãos do alvo deles - um assassino - a chamada seria épica. Talvez épica o suficiente para tirá-lo completamente do caso, o que ele não podia deixar acontecer. Ele



abriu o coldre e procurou um lugar para guardá-lo, tentando abrir a porta da sala de conferências do outro lado do corredor.

Trancada.

Porra, porra, porra!

— Você precisa de alguma ajuda?

Chris virou-se para a voz e teve que se impedir de soltar uma risada. A gravata estampada com patinhos de borracha no pescoço da pessoa foi o primeiro toque de hilaridade de hoje, e era muito bem-vinda. A gravata engraçada contrastava diretamente com as calças muito bem passadas e a camisa engomada, mas fazia certo sentido com o cabelo moicano platina e os medidores de orelha de plástico. O crachá de identificação pendente da pessoa dizia: *Jax Dillon, SFPD IT* e escrito à mão com um marcador em um canto: *They/Them*².

Chris nunca o tinha visto *They/Them* na estação antes, mas o laptop que *They* carregava tinha um adesivo da SFPD e um código de barras. Estagiário de meio período, talvez, ou um funcionário que acabou de voltar de suas férias. De qualquer forma, *They* não parecia saber quem ele era. Boa. Chris poderia usar isso.

² A tradução não apresenta muito sentido, no original está escrito *They/Them*, os quais possuem mesmo significado: Eles. "**Them**" tem função de complemento do verbo, sofre ação verbal. Ambos representa o mesmo pronome (eles, elas), a **diferença** é que um vem antes do verbo "**They**", e outro vem depois do verbo, assim como acontece **entre** I and me, We and us, etc...



— Sim, na verdade. Ele estendeu o coldre vazio. — Você pode guardar isso para mim?

Jax olhou para o coldre de couro, depois de volta para ele, sobranceira levantada acima de um olho verde muito cético. — Por quê?

— Porque estou lhe pedindo.

—Eu nem sei quem você é...-

Chris pegou seu distintivo e o abriu. Agente Especial Christopher Perri. ATF.

They esticou o quadril e deu de ombros, sem parecer impressionado.

Chris não conseguiu conter sua risada dessa vez. Tudo bem, tinha que tentar um suborno então. — Você conhece a Pastelaria Angélica em North Beach?

— Todo mundo conhece a AB³.

Ele era dos arredores, se conhecia a forma como todos do bairro chamavam a pastelaria. — Você guarda isso para mim - ele estendeu o coldre novamente - e eu lhe darei uma caixa de cannoli de visco.

³ Angélica's Bakery.



— Mas é julho.

E os cannoli de visco da AB estavam disponíveis apenas uma semana por ano, entre o Natal e o Ano Novo. A menos que você fosse da família. — Angélica é minha prima. Eu vou conseguir...-

Jax pegou o coldre da mão dele. — Estou no IT⁴. Do outro lado deste andar. Ele colocou o coldre entre o computador e o peito, deu meia-volta e caminhou em direção à escada.

Chris ainda estava sorrindo enquanto batia com os nós dos dedos na porta de Kane.

— Entre! Gritou o chefe. Chris abriu a porta e olhos castanhos e duros dispararam para ele, matando o sorriso persistente de Chris. — Agente Perri, eu suponho.

— Perri, disse Tran, e Chris olhou para a mulher sentada na cadeira de convidados. Uma perna adequadamente cruzada sobre a outra, cabelos escuros em um coque apertado, rosto calmo e olhos pretos sem expressão, ela era a imagem da serenidade. Não havia indício de que ela estivera flexionando seus músculos e cordas vocais jurisdicionais há um segundo. — Há algum um motivo para você não ter se identificado com o Chefe de polícia na jurisdição em que estava conduzindo uma operação?

Kane parecia estar dividido entre a fúria e o medo. O primeiro

⁴ Information Technology.



em nome daqueles que ele considerava família, o segundo sobre a possibilidade desse fato ser exposto. Brax sabia exatamente por que Chris não havia se identificado com ele.

Hora de fazer seu número de dança e reconquistar um pouco da confiança que ele precisava. — Dadas as irregularidades das investigações anteriores, disse Chris, — achei melhor manter uma cobertura total.

— O Chefe Kane não esteve envolvido nessas investigações anteriores. Ele foi nomeado Chefe apenas recentemente.

— Senhora...-

— Você não achou que a polícia local precisava saber que a ATF estava atrás de uma pista de tráfico de explosivos em seu quintal?

— Tráfico de explosivos? Ainda de pé, Kane apoiou as mãos na mesa, os nós dos dedos brancos onde eles se enrolavam na borda. — Eu pensei que você estava ajudando...- Um forte movimento da cabeça de Chris, e Kane emendou. — Pensei que você estivesse ajudando no caso de uma pessoa desaparecida, como um investigador particular.

— O papel de investigador particular era parte do disfarce dele, disse Tran a Kane antes de redirecionar sua atenção para Chris. — A outra parte não era sua tarefa. É por isso que você não



atualiza seus relatórios sobre o caso há mais de um mês?

— Profundamente infiltrado.

— Oh, deixa de papo furado, Perri. Ela se levantou. — Você se rebelou - novamente - depois de ser repetidamente instruído a largar isso.

— Largar o quê? Kane perguntou.

— A investigação da morte da Agente Especial Isabella Constantine.

Os olhos de Kane se arregalaram, redondos como pires. — Como em Isabelle Costa?

— Constantine, Chris corrigiu.

— Isabelle era da ATF?

— Isabella era minha parceira. Ela foi assassinada e merece justiça.

Empalidecendo, Kane curvou as costas e pendurou a cabeça entre os braços estendidos. Antes que Chris pudesse dizer mais, Tran se colocou entre eles. Com quase um metro e oitenta, em seus saltos, ela chamou sua atenção. — O assassino da Agente Constantine foi morto no local. Esse caso foi encerrado.

Chris zombou. — Sem uma investigação completa.



— Porque isso comprometeria a missão da agência, a missão dela, que você está aqui para concluir. Essa é sua tarefa, Agente Perri. Parar o tráfico de explosivos, confiscá-los antes que caiam em mãos ainda piores e desativar os Madigans. Não se ponha no escuro - fora da missão - como sua parceira.

O silêncio ficou pesado no escritório até que foi cortado pelo gemido de molas de cadeira sendo abusadas quando Kane se moveu em sua cadeira giratória de couro atrás de sua mesa.

— Relatório sobre o andamento da missão, Agente Perri, exigiu Tran.

— A pessoa que transportou os explosivos pela última vez está atrás das grades. Ele sacudiu a mão no ar. — Eu acho que ainda está neste edifício.

— Ela está, confirmou Kane.

No entanto, não era bom o suficiente para Tran. — E onde estão os explosivos?

O silêncio os cobriu mais uma vez. Chris não tinha uma resposta.

Tran olhou por cima do ombro para Kane. Ele também não tinha uma. Mas ela tinha uma para eles. — O agente Wheeler estará aqui na segunda-feira.



Chris reprimiu um gemido, certo de que soaria mais alto do que a cadeira se ele escapasse. Scotty Wheeler era uma fodida ameaça cumpridora das regras. Um bichinho de estimação de Tran briguento. Nenhum Agente disfarçado queria ouvir seu nome perto do caso deles. Era tão bom quanto perder o dito caso.

— Respeitosamente, Senhora, não preciso de uma babá. E meu disfarce...

— Já está em ruínas, a julgar pelos eventos das últimas vinte e quatro horas e por essa troca de besteira nos últimos cinco minutos. Você agiu por conta própria, e isso saiu pela culatra e agora você está todo enrolado.

Foi assim que Vivienne Tran subiu a escada política da ATF. Ela identifica a sua fraqueza, o que você está tentando esconder, e usa-a em proveito dela. Uma abordagem do tipo *scorched-earth*⁵, e ela seria a última em pé com o maçarico. Chris apostava que seu filme favorito era *Aliens*.

— Seu caso está implodindo, Agente Perri. A janela para o sucesso está se fechando rapidamente. Você precisa de ajuda para que a Agência possa obter e proteger esses explosivos e prender os alvos antes que eles fujam.

⁵ Uma estratégia militar que envolve eliminar ou destruir qualquer coisa que possa ser proveitosa ao inimigo enquanto este avança ou recua em uma determinada área. A tradução literal seria terra-queimada.



Kane se encolheu. Porque Tran se referira aos Madigans - no plural - como alvos? Ou por causa da insinuação de que eles poderiam fugir? Chris não tinha certeza do que Kane poderia estar pensando, mas tinha uma certeza sobre os Madigans, pelo menos em um aspecto. — Eles não vão fugir, disse ele a Tran. — Não com o poder deles ameaçado, e não com...-

— A esposa de Holt Madigan, a mãe de seu filho, está sob custódia, disse Kane, completando o pensamento de Chris. — Holt não vai embora.

— E Hawes e Helena não vão embora sem ele, acrescentou Chris.

Tran deu um passo atrás e dividiu o olhar entre eles. — Bom, mas ainda estou enviando Wheeler. Ela nunca teve a intenção de mudar sua decisão. Ela pegou sua bolsa do chão e se dirigiu para a porta. — Pegue os explosivos, Agente Perri. Desative completamente os Madigans. Faça o seu trabalho enquanto você ainda tem um.

..*.*

A porta se fechou atrás de Tran e Chris relaxou os ombros, a tensão drenando de sua postura. Depois de uma semana sendo Dante, ele não estava acostumado a ficar alerta, como fazia quando



enfrentava o pelotão de fuzilamento da agência, mas ele sobreviveu. Ele teria um curativo desagradável do tamanho de Scotty Wheeler para mostrar na segunda-feira, mas pelo menos Tran não o havia retirado da investigação. Agora ele só tinha que sobreviver ao outro esquadrão de fuzilamento. Ele se virou para encarar Kane, que havia se levantado enquanto Tran se retirava. Chris levantou as duas mãos, apaziguadoramente. — Brax, ouça...-

— Não. O medo se fora, a fúria do chefe retumbou em sua voz profunda. De pé em toda a sua altura, Braxton Kane era uma figura imponente. É verdade que ele era construído mais como um pinheiro fininho do que uma sequoia, mas era essa força flexível que provavelmente o que o ajudara a enfrentar inúmeras tempestades - exército, Madigan e outros. — Você mentiu para todos nós.

Chris afundou na cadeira que Tran havia desocupado. Ele precisava reorientar essa conversa. Voltar ao seu propósito original ao vir aqui - trazer Kane para o lado dele, ou, no mínimo, para trabalhar com ele. — Você é policial, disse ele. — Você sabe como funciona o trabalho disfarçado.

— Sim, eu sei. Kane cruzou os braços, dedos cavando os músculos tensos de seu bíceps sobre a manga de sua camisa. — Você deveria ter comunicado isso às autoridades locais.

— Exceto quando essas autoridades estão comprometidas.



Chris tinha um palpite sobre o que - ou melhor, quem - era o calcanhar de Aquiles de Kane, mas ele não precisava atacar aquele ponto fraco. Ainda. — O que você teria feito se eu lhe dissesse quem eu era realmente? Eu não o coloquei nessa posição porque você é mais valioso para mim e para eles, se estivermos trabalhando juntos.

— Cruz garantiu você, disse Kane.

— Porque ela sabe o verdadeiro motivo de eu estar aqui.

— Os explosivos.

— Isabella.

Suspirando, Kane soltou o aperto mortal em seu bíceps e caminhou até a janela. Ele passou a mão sobre o cabelo curto, depois apoiou o antebraço contra a moldura da janela, de costas para Chris. — Zander Rowe matou Isabelle Costa. Não era um atestado, e sim mais como um coro bem ensaiado e cansado. Da mesma forma como parecia o próprio homem.

— Se você é metade do policial que acho que é, você sabia tanto do disfarce quanto o nome da minha parceira.

Kane girou e descansou contra a janela. — Então Tran estava certa? Você agiu por conta própria? Isabelle também?

— Não como um trapaceiro. Nenhum de nós. Chris pegou



dois doces da tigela na mesa de Kane e jogou um para o chefe. — Izzy saiu do mapa alguns dias antes de sua morte. Ainda não sei por que, mas acho que tem a ver com esses explosivos e o porquê de ela ter sido morta. O qual é a minha prioridade número um aqui.

— Mas não é o da ATF.

— Minhas prioridades não são as mesmas que as da Agência.

— Oh, isso é tudo?

— Eu também sabia que havia uma ameaça contra Hawes.

Kane jogou o papel alumínio na lata de lixo e colocou o doce na boca. — Você usou isso para se aproximar dele.

— Sim, até que eu percebi o que Hawes estava tentando fazer. Ele bateu o doce duro nos dentes, lembrando-se daquela manhã no banheiro de Hawes. Uma espada de dois gumes - dúvida e respeito - perfurou seu peito ao saber que Hawes estava tentando tirar os Madigans para fora do ramo de explosivos. E então essa lâmina derreteu sob o calor de algo mais quando Hawes recusou a arma oferecida por Chris. Ele derramou suas emoções conflitantes nos beijos que eles haviam trocado naquela manhã. Tudo isso fora real naquele momento. O mesmo que as intenções de Hawes para o império de sua família. — Eles não são mais os mesmos Madigans, são?

Kane não respondeu. Muito esperto de sua parte, era melhor



não deixar transparecer o quanto ele sabia ou não sobre eles.

— Eles estão se afastando de empreendimentos de alto risco e de má reputação, continuou Chris. — E alguém não está gostando disso. Não gosta de Hawes.

— Amelia.

— Estava trabalhando para outra pessoa. A ameaça ainda está lá fora. E, então ele lançou uma linha com a isca, pescando. — Para todos eles.

Kane se afastou da janela e voltou para sua mesa. — Então, o que fazemos agora?

E o peixe foi capturado.

Chris apontou para si mesmo. — Eu continuo caçando o assassino de Izzy. Então gesticulou entre eles. — Trabalhamos juntos o ângulo dos explosivos, o qual está conectado à tentativa de golpe. A facção com a qual Amelia estava trabalhando e que quer derrubar Hawes, roubou esses explosivos. Encontrar a pessoa por trás do roubo e do golpe é o foco principal no momento. Ele se moveu para frente e apoiou os cotovelos nos joelhos. — Eu preciso me encontrar com eles antes de Wheeler chegar.

Kane ergueu as mãos, palmas para cima. — O que faz você pensar que eles falarão comigo agora?



A derrota na voz de Kane enviou uma pontada de arrependimento através de Chris. Ele também não gostou de colocar o chefe nessa posição. — Eu disse a Hawes que você não tinha nada a ver com isso. Que você não sabia quem eu era.

— Mas eles sabem que estaremos coordenando agora.

— Então convença-os de que ainda estamos do lado deles. Eles acreditariam em Kane antes de acreditarem nele.

— Como eu posso ter certeza de que você está sendo sincero?

— Eu poderia tê-los entregue a qualquer momento desta semana que passou. E, eu não fiz isso.

— E por que não?

— Não é do meu interesse fazer isso. Não quando Hawes e seus irmãos poderiam levá-lo ao assassino de Isabella. E não quando seu interesse por Hawes se desviara para algo mais do que o simples interesse em um alvo – muito além - para outra coisa, querendo Chris ou não.

— O fracasso a que isso poderia levar...-

— Eu não ligo, disse Chris. — Estou saindo depois deste caso.

As sobrancelhas de Kane subiram até a linha do cabelo.

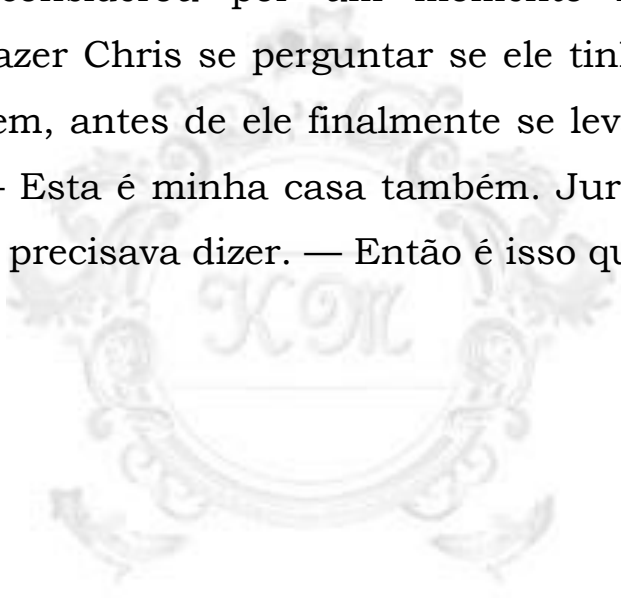


— Quero que o assassino de Izzy seja levado à justiça, então quero continuar vivendo minha vida, ou o que resta dela.

— Você quer voltar para casa.

— Sim. Ele ignorou a imagem que brilhou atrás de seus olhos - de Hawes em seu banheiro - e levantou-se, a mão estendida em direção a Kane. — Você vai me ajudar?

O Chefe considerou por um momento longo demais, o suficiente para fazer Chris se perguntar se ele tinha calculado mal em sua abordagem, antes de ele finalmente se levantar e apertar a mão de Chris. — Esta é minha casa também. Jurei protegê-la. *E a eles*, isso ele não precisava dizer. — Então é isso que eu farei.





Capítulo Três

Telefone na mão, Chris olhou para a tela escura. Mais de vinte e quatro horas e nenhuma palavra sobre um encontro. Ele passara o dia seguindo as pistas sobre o pen drive de Amelia. Ele blefou ao dizer que sabia de sua localização. Sem sorte em encontrá-lo, pelo menos nos lugares em que podia procurar. Agora ele estava aqui, na casa de sua mãe, procurando distração.

Chegara bem na hora. — Christopher? A voz de sua mãe ecoou da garagem no andar de baixo. — É você?

Chris largou o telefone de volta no bolso do avental e gritou acima do som de passos subindo os degraus. — É minha moto lá em baixo, não é? Ele deixou a porta no topo da escada aberta, antecipando a chegada deles em casa da missa da noite.

— A moto do papai, disse a irmã, aparecendo primeiro pela porta. — E está faltando um parafuso no escapamento.

Mesmo com uma sala de estar e uma ilha de cozinha entre eles, a amargura cansada de Celia bateu em Chris. Três jantares em família desde que ele voltara à cidade e ela ainda estava assim



com cada um deles. Ele atribuiu isso a um estado de humor momentâneo na primeira vez, aceitou o trabalho dela como desculpa na segunda, mas agora, na terceira vez ele achou que sabia o que estava realmente acontecendo. Mas ela iria morder a cabeça dele se ele dissesse uma palavra ruim sobre *ele* na frente das crianças, então ele se ateve ao assunto em questão.

— Não é a primeira vez que um deles se solta.

— E o capacete?

— Deixei-o em um quarto de hotel em algum lugar.

— Tio Dante! Marco, seu sobrinho, contornou sua mãe. Ele meio bamboleou, meio correu pela sala, tentando parecer calmo, mas perdendo isso irremediavelmente. Ele estendeu o punho para um solavanco. — Tudo bem?

Chris apertou o punho para recuar. — Parece afiado, Platão.

Os apelidos pegaram desde que ele trouxe Izzy para um dos jantares da família. Marco, então apenas uma criança, também queria um, então Izzy voltou à sua herança e escolheu um famoso filósofo grego.

Com o outro braço, Chris pegou Marco em um estrangulamento brincalhão e agarrou sua cabeça, bagunçando os cachos escuros que ele havia penteado para ir à missa de sábado. — Porra, sou velho demais para essa merda, protestou Marco.



— Linguagem! Celia repreendeu enquanto colocava uma sacola na ilha. Suas cutículas estavam destruídas, não apenas por causa da graxa da oficina, e as bolsas sob seus olhos estavam mais pronunciadas do que na semana passada.

Rindo para encobrir seu escrutínio, Chris soltou o sobrinho e bateu um gancho de direita. — Talvez um dia você consiga.

Marco mostrou o dedo para ele, depois se esgueirou atrás dele para espiar a panela no fogão. — Frango na manteiga, sim!

— Mia ficará desapontada por ter perdido isso. Gloria, mãe de Chris, juntou-se a Celia ao lado da ilha e acrescentou uma garrafa de vinho à recompensa.

— Onde ela está? Chris perguntou por sua sobrinha.

— Jantar com a família do namorado, respondeu Celia.

Marco revirou os olhos, duro, e Chris reprimiu outra risada quando ele descarregou a bolsa. — Tudo o que eu precisava era de coentro, disse ele, depois de tirar dez outros itens.

— E tudo o que eu precisava era de *cacciatore* para o jantar de amanhã à noite, brincou Gloria.

Chris riu. — É justo. Ele finalmente encontrou o coentro e começou a lavar as folhas, enquanto sua mãe guardava o resto de suas compras. — Eu levarei a moto à oficina amanhã, disse ele à



irmã. — Arranje um tempo para consertá-la. Eles, e antes deles, o pai, haviam se esforçado demais para manter a Hog clássica em bom funcionamento. Chris não iria relaxar agora.

Celia apontou o queixo para o fogão. — Quanto tempo ainda falta para ficar pronto?

— Mais ou menos dez minutos. Apenas esperando o arroz.

— Não há necessidade de ir à oficina. Eu tenho ferramentas e parafusos na minha caminhonete.

Antes que ele pudesse objetar, Celia estava voltando para a garagem, puxando sua cascata de cachos escuros enquanto caminhava. Ela se atrapalhou com o elástico ao redor do pulso uma vez, duas vezes, depois deixou o cabelo cair para trás, desistindo do esforço. Mais sinais de sua exaustão, mas se foram os dias em que eles poderiam conversar sobre isso, ou sobre qualquer outra coisa realmente. O relacionamento deles havia mudado, irrevogavelmente, uma década atrás. Não fora por sua escolha na época, mas ele não insistira em consertá-lo ao longo dos anos e quase que abandonara qualquer ideia sobre isso nos últimos três. Ele perdera totalmente a chance?

Por enquanto, ele se contentaria em fornecer uma ajuda que ela aceitaria. Ele agarrou Marco pela camisa enquanto este tentava sair da cozinha. — Vá ajudar sua mãe.



Ele resmungou um pouco por estar recebendo ordens, não pela tarefa em si. Como sua mãe e seu avô, Marco raramente perdia a chance de sujar as mãos. Ele ainda não tinha idade legal para trabalhar na oficina, mas estava lá em todas as chances que tinha. Despindo a camisa, ele a jogou juntamente com a gravata no sofá antes de desaparecer pelas escadas.

— Você não quis vir conosco para a missa? Gloria perguntou.

Ele se inclinou e beijou sua bochecha. — Não teria chegado a tempo.

— Mas você chegou aqui a tempo de começar o jantar?

— Prioridades, ele confessou com um sorriso atrevido.

Ela bateu no ombro dele e depois pegou o abridor de garrafas de uma gaveta. — Cale a boca antes que São Pedro ouça você.

— Tenho certeza de que já estou na lista do “Não admitir”.

— Bobagem, disse a mãe. — Você é um bom garoto. Chris riu alto e ela riu junto com ele. Ela o tirara da prisão vezes suficientes para saber melhor que isso. Ela borrifou o *naan*⁶ com água e jogou-o no forno pré-aquecido. — Agora este seu cunhado, ele não está



⁶ Naan é um antigo e típico pão indiano, com receita à base de trigo, podendo servir de acompanhamento a qualquer refeição. O pão é assado em um tandur e possui um formato peculiar, sendo circular e achatado



chegando nem perto dos portões do paraíso.

Assim como Chris suspeitava. — Dex se foi de novo?

— Espero que para sempre, dessa vez.

Chris concordou, mas eles já haviam dito a mesma coisa inúmeras vezes, a desculpa de sua irmã por um marido decidiu que a vida em família não era uma boa opção para ele. — Qual é a probabilidade disso?

— Tão provável quanto você se estabelecendo.

— Ma...-

— Eu sei. Ela pegou seu copo e engoliu seu rosé favorito. — Com tudo o que você perdeu, é mais fácil seguir em frente. Não posso culpá-lo por isso. A decepção se enredou com compaixão na voz dela, e Chris abaixou o queixo para forçar o nó na garganta.

O trabalho disfarçado o mantinha afastado, exceto por sobrevoos aleatórios, e mesmo esses diminuíram desde a morte de Izzy. Ele sentia falta da família - o humor, a comida, o amor -, mas estar perto deles lembrava Chris das outras coisas que sentia falta - da vida e do futuro que havia perdido. Era mais fácil ignorar as perdas dolorosas quando se estava em outro lugar, como outra pessoa. Izzy reconheceu isso e o levou a um novo caminho, onde ele poderia se perder por semanas, meses a fio. Ele estaria para sempre em dívida com ela por essa cortesia abençoada.



Mas ele não podia correr para sempre. Como Celia, ele estava exausto, cansado de fugir de seus demônios. E ele queria estar aqui para sua família. Mas será que ele não tinha se demorado demais para recuperar seu lugar? Haveria espaço para ele aqui, para a pessoa que ele era agora? Ou seria, quando descobrisse quem diabos ele era? Ele cozinhou e riu com sua família nas últimas semanas, mas não era a mesma coisa. Eles pensaram que ele estava com um pé fora da porta, como sempre. Verdade seja dita, ele também não havia se comprometido a ultrapassar esse limiar.

Gloria passou um braço em volta da cintura. — Fico feliz em tê-lo de volta à cidade, por quanto tempo você puder estar aqui.

— Obrigado, mãe. Ele beijou o topo de sua cabeça grisalha. Então deu um primeiro passo. — Espero que demore mais tempo desta vez.

— Quanto tempo mais?

Chris olhou da mãe para a voz, e seu olhar colidiu com o sombrio e assombrado de Celia. Ela estava de pé ao lado do sofá, segurando a camisa de Marco.

Ele deu outro passo, acima do limite. — Para sempre, espero.

Gloria ofegou, depois bateu palmas, enquanto Celia apertou a camisa do filho. — Você espera, sua irmã zombou. Ela parecia quase assustada e um tanto irritada por ele ter acrescentado a



ressalva “espero”. Ela o queria de volta ou não?

— Cee, Chris pediu, confuso pra caralho.

— *Sua* moto está consertada. Ela girou nos calcanhares e voltou para a garagem. — Vamos à loja pegar um refrigerante. A porta da garagem se fechou atrás dela, cortando qualquer resposta.

Gloria descansou seu peso contra o lado de Chris. — Foi uma semana difícil.

Chris riu, amargo e compreensivo.

Os mesmos olhos escuros que os dele e de Celia o encararam. — Para você também? Perguntou a mãe.

— Oh sim, para mim também.

— Frango na manteiga vai consertar isso. Ela levantou o copo e girou o conteúdo rosa. — O vinho também.

— Sirva-me um copo grande, então.

Rindo, ela serviu uma caneca para ele, muito mais do que era decente em qualquer copo de vinho. — Você realmente está voltando para casa?

— Eu posso?

— Sempre, Christopher. Ela lhe entregou o copo e bateu a borda do copo contra o dele. — Bem, não nesta casa, porque eu já



conquistei minha paz e sossego, e você tem sua própria casa, mas sempre terá um lugar nesta família.

— Obrigado, mãe. Ele deu outro beijo em sua cabeça e sorriu, cobrindo as preocupações que ainda rodavam em sua cabeça sobre a reação de Celia, sobre o que estava acontecendo na vida de sua irmã. Preocupação que continuou aumentando enquanto ele dava os retoques finais no jantar. Dois sons distintos subindo as escadas soaram no momento em que Chris tinha acabado de pôr os pratos fumegantes de arroz e frango na manteiga sobre a mesa, e foi também neste momento que o telefone no bolso de seu avental vibrou. Ele pegou e leu o texto de Kane.

GARY DANKO. AMANHÃ À NOITE. 8:30.

Finalmente.

Só que agora havia mais uma preocupação adicionada à montanha.

Chris bebeu o que restava de seu vinho e serviu-se de outro copo cheio demais, tentando abafar sua preocupação e a perigosa esperança de ter uma casa - não apenas com sua família - que ameaçava eclipsá-lo.

..*.*



Chris brincou com a caixa de cartões em sua mão, virando-a de um lado para o outro, no mesmo ritmo de seus pensamentos saltitantes e de seus passos medidos, indo e voltando através de seu escritório, fazendo a digestão de seu jantar e trabalhando em seus pensamentos. Ele tinha um encontro com Hawes amanhã. Progresso. Ele queria mais.

Mas duas horas depois, a alta temporária em seus impulsos secou e morreu, deixando para trás sua velha amiga frustração. Sua companheira constante nos últimos três anos.

Comece do início.

A voz de Izzy tocou em sua cabeça - consoantes afiadas, vogais longas, tudo anasalado. Seu sotaque de Nova York – de Astoria, Queens – parecia pregos arranhando um quadro-negro a princípio, irritante e desagradável. Agora era um conforto, mesmo que apenas em sua imaginação.

— Hawes Madigan, disse ele, falando com um fantasma. — Rei, chefe do império. Chris descansou na quina de sua mesa cheia de papéis, que ele amontoara no canto da janela da sacada na sala da frente de seu apartamento. Ele olhou para a parede comprida à direita. Estava coberta de fotos e cordas coloridas, dispostas em uma espécie de pirâmide. Ele colocou ali todas as anotações de caso dele e de Izzy, e as anotações das investigações anteriores, para



construir uma hierarquia da organização Madigan.

A parte ilegal.

Helena e Holt estavam ambos dispostos um de cada lado de Hawes na linha superior do gráfico. Hawes não tomava nenhuma decisão importante sem discutir isso com seus irmãos. Ele era o rei no que dizia respeito ao mundo exterior, mas Chris conhecia seu segredo, ele o confessara numa noite em que a coroa estava pesada demais para suportar. Hawes não queria ser rei, não se ele tivesse que destruir sua alma novamente para fazê-lo. Foi um golpe devastador quando um Hawes, de dezesseis anos, teve que telefonar para desligar os aparelhos que mantinham seus pais vivos. Na semana passada, ele teve que orientar sua família através da morte de seu avô. Hawes precisava de seus irmãos para assumir papéis iguais no aparato de liderança da organização, se ele iria sobreviver, independentemente de quem mais estivesse lutando por eles.

Nos dois lados do triunvirato - nem uma fileira abaixo, mas não exatamente na mesma linha - Chris colocou o resto do núcleo da família: a avó deles, Rose; A esposa de Holt, Amelia; e Kane. Este último não estava relacionado por sangue ou casamento, mas ele era uma família para eles e vice-versa. A próxima linha abaixo listava os tenentes da organização: Jodie, Ray, Lucas, Avery, Zoe e Rowe. Todos eles, exceto Avery e Zoe, tinham X vermelho sobre as fotos – todos falecidos. Abaixo deles, os capitães que Chris ouvira falar, mas não havia visto. E abaixo dos capitães havia soldados,



alguns dos quais Chris vira no MCS. Em suma, não era uma estrutura incomum para uma empresa criminosa. Mais complicado do que a estrutura da máfia, mas não muito diferente do cartel que Chris havia se infiltrado na Flórida ou do clube de motociclistas que ele havia derrubado em Seattle.

De onde vem o próximo golpe? Izzy perguntou.

Chris descartou os irmãos de Hawes. Ele já havia percorrido esse caminho equivocadamente antes, acusando Holt de forma injusta, e agora estava com essa bagunça em suas mãos. De uma coisa ele tinha certeza, uma que compartilhava com Hawes: Holt e Helena não se voltariam contra o irmão. Da mesma forma como Chris acreditava que Celia nunca se voltaria contra ele. Nem sua mãe. Ele descartou Rose sumariamente também, além disso, ela estava no carro com Hawes quando eles foram alvejados após o funeral de Papa Cal. Matar a matriarca teria sido outro golpe poderoso para a família, possivelmente devastador demais para todos, logo depois de perder Cal.

Kane não era um novato. O chefe não tinha nada a ganhar e tudo a perder com um golpe que derrubaria e ameaçaria o trio. Avery havia provado sua lealdade. Zoe também. Então restava apenas...-

— Os capitães.

A não ser que...



— Esteja ocorrendo uma revolta entre os soldados.

Mas Chris duvidava que um simples soldado estivesse puxando as cordas de Amelia. Ela era muito forte por si só, muito focada no poder para si e para o legado de Lily, embora diferente do que Holt e seus irmãos queriam para a pequenina. Não, alguém com muito mais gás estava manipulando Amelia. Eles levaram-na a bordo, como fizeram com Jodie, Ray e Lucas.

— Alguém de fora, raciocinou Chris. — Alguém que prometeu a Amelia a liderança quando tudo acabasse. Alguém que queria um aliado dentro e estava disposto a usar esses explosivos para conseguir isso. Talvez por outra coisa também. — Ele pegou suas tachinhas e barbante e colocou um X vermelho no lado direito do organograma.

Bom Dante. Agora, quando esse estranho entrou em cena?

Ele girou e examinou a parede oposta.

Fotos da cena do crime e relatórios da noite da morte de Izzy estavam reunidos em uma colagem com três anos de anotações. Foi a primeira coisa que Chris organizou em seu escritório em casa quando retornou a São Francisco para esta operação. Ele não se importava com os buracos nas paredes; elas precisariam de uma nova camada de tinta de qualquer maneira. Ele faria isso assim que terminasse essa missão, quando terminasse e tivesse tempo de transformar esse lugar em um lar.



Ele estendeu a mão e pegou a pasta superior da pilha em sua mesa. Retirando o extrato da conta bancária no exterior que ele mostrara a Hawes, ele o virou para a transação destacada mais antiga na parte de trás. Ele pegou outra tachinha e adicionou essa última evidência à coleção. Três anos atrás, Amelia havia pago a Zander Rowe dessa conta. Dois anos depois de Hawes assumir o trono, operacionalmente, se não oficialmente.

Esse estranho misterioso estava jogando o jogo longo. Eles decidiram rapidamente que não queriam Hawes no comando. Tentaram usar Rowe de alguma forma, e isso havia saído pela culatra. Após a morte de Izzy, Hawes solidificou a nova direção da organização. Foi ainda mais longe em direção à cautela e o vigilantismo⁷ em contrapartida ao medo e poder diretos. Assim, os opositores, liderados por esse estranho, esperaram até a morte de Papa Cal - a transferência oficial de poder - para atacar.

Por que, Dante?

— Porque as transferências de poder são agitadas e confusas. Um bom momento para atacar.

Mas isso não poderia ser tudo. Ele olhou através das janelas do outro lado da mesa. Ele não podia ver a baía daqui, mas sabia

⁷ Eu não sei você leitor, mas eu não sabia o que era vigilantismo, então lá vai: de acordo com o amigo google isso significa Fazer justiça com as próprias mãos.



que estava lá fora. E Lucas também, em algum lugar no fundo de suas profundezas escuras. Lembrou-se do que o traidor havia dito no barco naquele dia em que Hawes quase ordenara que ele fosse morto. Lembrou-se do que Amelia havia dito da última em que estivera com ela no apartamento. — Porque alguém pensava que Hawes era fraco.

Hawes, no entanto, abraçou isso que era considerado sua fraqueza - em sua pessoa e em seus motivos - e fez disso sua força. E agora ele não era apenas um príncipe, mas um rei. Uma ameaça da mais alta ordem.

A quem?

— Concorrentes, ex-aliados, ex-clientes.

E quem pode levá-lo a esses?

— Amelia Madigan.

Chris estava concentrado em explorar as conexões de Hawes e depois as de Holt. Hora de mudar de marcha. Amelia era a nova entrada dele. Com quem ela cruzou em seu caminho? Onde suas lealdades realmente se encontravam? As respostas estavam no naquele pen drive? E onde diabos estava isso? Ele precisava encontrá-lo antes dos Madigans. E ele precisava encontrar o estranho antes de Hawes, porque, enquanto era do interesse de ATF e de Chris capturar essa pessoa e levá-la a julgamento, obtendo

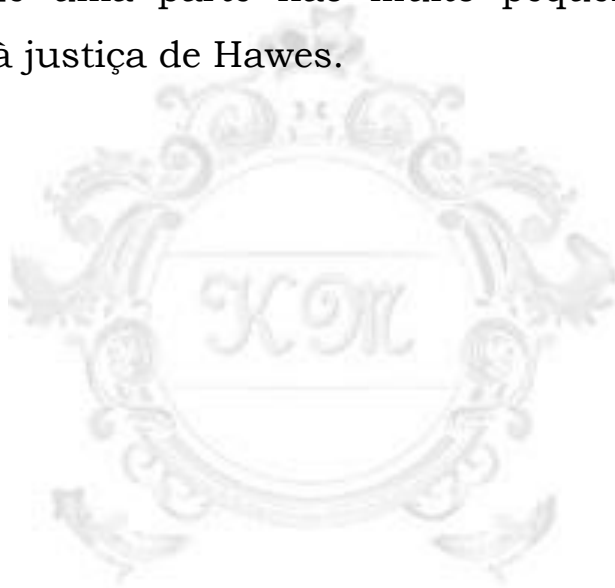


justiça pela morte de Izzy e seus outros crimes, Chris achava que Hawes tinha um final de jogo muito diferente em mente. O único que garantiria o futuro de sua família e protegeria aqueles que ele considerava queridos.

Você não pode deixar isso acontecer.

— Eu sei.

Mesmo que uma parte não muito pequena de Chris não tenha se oposto à justiça de Hawes.





Capítulo Quatro

A luz no pen drive conectado ao computador de Chris piscou em laranja, sinalizando que a transferência de arquivos estava em andamento, no mesmo momento que o clique das fechaduras eletrônicas soou nos alto-falantes da mesa. Ele os ligara e sincronizara com o telefone assim que chegara em casa. Alguém finalmente tinha retornado para casa também.

— Ei, garota, disse Hawes. — Desculpe por ter ficado fora o dia todo. Sua voz era suave e baixa - e soava tão cansada, sua expiração ruidosa, suas sílabas longas. As pessoas alegavam que não havia um sotaque da Califórnia, e Chris geralmente concordava, exceto que havia uma cadência distinta, que era mais perceptível quando esta estava meio desligada, como estava a voz de Hawes agora.

Iris soltou um miado de revoltado, parecendo brava e confusa. Ela fez o barulho novamente, depois soltou um uivo de protesto. As palavras de Hawes foram amplificadas quando ele falou a seguir. — Só eu, sua pequena traidora.



Chris sorriu com a lembrança de estar estendido no sofá de Hawes, fingindo estar dormindo com Iris em seus pés enquanto Hawes se preparava para um trabalho, e pela ironia das palavras de Hawes, pois estas continham mais verdade do que ele sabia. Chris escondera a escuta nas dobras estreitas da coleira de Iris, que estava transmitindo alto e claro com o gato nos braços de Hawes.

— Mas eu ainda te amo de qualquer maneira, Hawes murmurou. — Vamos pegar um pouco de comida. Sua voz desapareceu quando ele colocou Iris no chão, o gato sem dúvida fugindo para a tigela dela na cozinha.

Chris abaixou o volume do alto-falante e tentou não ouvir muito de perto enquanto Hawes se movia pelo apartamento. Se Hawes contatasse seus irmãos ou outro associado da organização, Chris detectaria a mudança de tom e entraria em contato. Até então, ele não queria atropelar completamente a expectativa de privacidade de Hawes. O apartamento - sua casa - era um refúgio seguro, do trabalho, da organização e de sua família, quando ele precisava de um descanso. Assim como estava, isso tinha sido violado pelo caos que Amelia havia provocado. Chris não queria aumentar a insegurança que Hawes já sentia dentro de seu espaço... que consideração ridícula por seu alvo. Chris deveria estar fazendo tudo o que podia para desequilibrar Hawes Madigan, para fazê-lo se sentir inseguro e alerta. Dessa forma seria mais provável que ele cometesse um erro e Chris teria uma pista de dentro. Ele



sabia mais do que a maioria quais botões apertar para multiplicar os erros. Ele fez uma conexão física e emocional com o assassino frio, intocável, bonito e eficiente que Izzy havia descrito em seus arquivos. Chris não discordou dos dois últimos, mas os dois primeiros não poderiam estar mais longe da verdade. Tudo em Hawes era quente, e cada centímetro dele era eminentemente tocável. As ondas de cabelos castanhos claros, a pele pálida e macia pontilhada de sardas, todos aqueles ângulos agudos. Chris havia se convencido de que ele havia quebrado Hawes naquela noite no apartamento contra a escada, encontrando uma maneira de entrar na mente e no corpo do assassino, mas Hawes havia escapado da pele de Chris também. E de outros lugares também, se a dor em seu peito e em sua virilha fosse alguma indicação.

Nada bom, Izzy repreendeu.

— Não brinca, Sherlock.

Ele apoiou os cotovelos na mesa e esfregou as mãos no rosto. Dedos afundando em seus cabelos, ele afrouxou o elástico em torno do nó e massageou o couro cabeludo enquanto os longos fios se soltavam. Isso não poderia ser do jeito que ele queria. Nada disso importava até ele terminar tudo, até ele encontrar o assassino de Izzy e encerrar a investigação do ATF sobre os explosivos. Chris tinha uma chance melhor de ter sucesso nessas duas frentes, trabalhando com os Madigans contra o estranho que estava trabalhando contra eles. Esse era o verdadeiro inimigo aqui – a



parte que queria transformar a organização de volta na máquina de matar indiscriminada que fora sob o reinado de Papa Cal. A parte que usaria os explosivos roubados para tornar seu objetivo realidade. Estava tudo torcido e amarrado. Chris não conseguiria resolver um sem o outro.

Era nisso que ele precisava se concentrar. Não no tilintar da garrafa de uísque contra o copo, não no respingar da água durante o banho de Hawes, não nos trechos da reprise do jogo dos Giants e nem nos roncos leves de Hawes. Não em como Hawes deveria estar parecendo amarrotado e sedutor deitado em seu sofá. Como ele parecia na sexta-feira de manhã antes de Chris o acordar - mechas onduladas em todas as direções, músculos magros e tensos relaxados pelo sono, uma camada de restolho mais escura sombreando sua mandíbula angular.

Ele ainda o queria, talvez mais ainda do que quando ele vira Hawes pela última vez. Mas o que restaria do que ele queria quando terminasse o que tinha que fazer? Como no inferno Hawes o perdoaria? Ele alguma vez tocaria...-

Pare com isso!

A voz dele, não a de Izzy. Ele trancou esses pensamentos que estavam deixando seu jeans desconfortável e voltou ao trabalho. Ele deu outra olhada nos arquivos dele e de Izzy, reformulando contatos e eventos em torno de Amelia, procurando suas conexões e



esconderijos. Uma hora depois, ele estava percorrendo os resultados da pesquisa - os últimos endereços conhecidos e locais de trabalho anteriores de Madigan-Amelia cruzando suas referências contra todas as pessoas sinalizadas nas investigações anteriores sobre os Madigan - quando ouviu a voz de Hawes saindo dos alto-falantes novamente. Chris aumentou o volume para ouvir com mais clareza.

— Não, não, não, Hawes murmurou. — Saia de cima de mim! Eu não posso simplesmente sair!

Chris se levantou e pegou as chaves da mesa. Alguém estava no apartamento de Hawes tentando forçá-lo a sair. É verdade que Hawes poderia cuidar de si mesmo, mas se o intruso tivesse surpreendido Hawes enquanto dormia, como Chris fez ontem, Hawes poderia estar à sua mercê. Porra, Chris precisava chegar lá. Mas ele não conseguiria chegar rápido o suficiente a partir de seu lugar em Mission Dolores. Ele deveria alertar Kane, chamar um oficial para Hawes. Ou melhor ainda...

Chris pegou o telefone e rolou para as informações de contato de Holt. Mas então ele parou, antes de pressionar o botão Ligar, enquanto sua mente passava pelo pânico para compreender o que estava ouvindo.

— Não, não, não, Hawes repetiu. — Saia de cima de mim! Eu não posso simplesmente sair!



Se um assaltante estivesse no apartamento, se uma briga real fosse iminente, Iris teria fugido, não chegando mais perto, como indicado pelos murmúrios mais altos de Hawes. Acrescente a isso o ronronar frenético, tão alto que parecia o zumbido da Harley de Chris, e ele deduziu que a gata estava tentando acordar o dono de um pesadelo.

Finalmente, ela miou, tão melancólica e penetrante que Chris estremeceu.

E Hawes ficou em silêncio. Até a contagem começar. Igual à primeira noite em que Chris dormira lá, e novamente na noite em que Papa Cal morreu. Naqueles momentos, Chris estava no apartamento de Hawes. Ele poderia ter ido até ele, se necessário. Mas Hawes havia se esquecido disso depois de algumas repetições, a chegada de seus irmãos acelerando o processo. Hoje à noite, no entanto, Hawes estava sozinho, a contagem continuou, e Chris estava do outro lado da cidade, sentindo-se desajustado, como Hawes descrevera sentir-se no início da semana.

Chris voltou à sua lista de contatos, passando o polegar sobre o nome de Hawes. Ele atenderia a ligação de Chris? No caso improvável disso acontecer o que diabos Chris diria? Ele não tinha motivos para ligar à uma da manhã. Não seria relacionado a caso. Eles já tinham um encontro marcado para isso. Não, isso estava relacionado ao seu pau na melhor das hipóteses, e relacionado ao seu coração na pior.



— Porra!

Chris saiu do escritório e entrou na cozinha, quase arrancando a porta da geladeira na pressa de pegar uma cerveja. Ele jogou o telefone na ilha, pegou um abridor de garrafas e abriu a tampa, que ricocheteou nos azulejos e rolou pelo piso de madeira em direção ao escritório. Tentando-o a segui-la de volta lá. Ouvir. Ele contornou a ilha da cozinha e recostou-se nela, fingindo não ver a tampa ali, não ouvir o único outro som em seu apartamento muito silencioso.

A contagem de Hawes.

Até a metade da garrafa de cerveja e depois através do resto.

Chris pegou o telefone e apertou o botão *Ligar*.

Iris sibilou, derrubou algo enquanto deslizava sobre a mesa de café de metal, e Chris percebeu que ele só tinha alguns segundos para se mover - o tempo que Hawes levaria para pegar o telefone - ou então Hawes ouviria o eco dos alto-falantes de Chris.

Ele apressou seus passos através da cozinha aberta, passou pela mesa de jantar e pelo longo corredor que dividia sua unidade, até a área de estar na parte de trás de seu apartamento estreito no segundo andar. Essa área fora planejada como um vestíbulo das escadas que levavam ao quintal, mas Chris raramente se aventurava por aí. Em vez disso, ele fez desta sala seu recanto de



leitura - uma estante inclinada repleta de livros de bolso em uma parede curta, uma mesa de café e uma *chaise longue* rebaixada na parede comprida, e em frente à chaise, grandes janelas com batentes através das quais ele tinha uma vista decente da cidade. Para o sul, em direção ao apartamento e ao homem dentro dele — Está tarde.

Melhor do que o “foda-se” que Chris esperava. Ele moveu uma pilha de livros da espreguiçadeira para a estante e depois se abaixou no canto macio e acolchoado dela. — Você está acordado.

— Você também, disse Hawes, áspero e estridente. — À uma da manhã. Por que?

— Estava revisando os arquivos de casos de Izzy.

— Izzy. O ruído de fundo da TV se acalmou. Ainda na sala e pela falta de passos em qualquer lugar, ainda no sofá. — Sua parceira.

Quanto deveria divulgar? Chris queria manter Hawes falando, mantê-lo envolvido, e esse gato em particular já estava fora do saco. Um pouco de verdade poderia percorrer um longo caminho. — Eu a considereei assim, embora ambos fossemos agentes disfarçados. Ela me recrutou e me treinou no momento em que eu precisava de uma nova direção. Um de nós sempre estaria em campo, disfarçado, enquanto o outro era o backup operacional. Então, cerca de quatro anos atrás, fomos designados separadamente. Fui enviado para a



Flórida para uma missão contra um cartel.

Hawes ficou em silêncio, tempo suficiente para Chris ter que checar para garantir se a ligação não tinha sido encerrada. — Hawes, você está aí?

— E ela foi enviada para se infiltrar na minha organização. Seu tom sombrio provocou uma onda de arrepios que eriçaram os pelos dos braços de Chris.

— Sim.

— E três anos depois, aqui está você. Hawes cantarolou, contemplativo. — Muito paciente.

— Algo assim.

Pensativo deu lugar a indignado. — Você esperou até que eu estivesse em um momento mais vulnerável.

— Não. Chris se moveu para frente na espreguiçadeira, como se quisesse enfatizar seu argumento para um Hawes imaginário encostado nas janelas. — Esperei até conseguir o pen drive e a evidência de que alguém estava fazendo uma jogada.

— Então isso não foi besteira?

— Eu disse que não era tudo mentira.

— É difícil discernir o que era e o que não era.



— Então pergunte-me. A verdade tinha mantido Hawes falando até agora. Chris poderia oferecer-lhe mais, qualquer coisa, para restabelecer essa conexão. Pelo bem do caso, é claro, nada a ver com o que ele queria.

— Você é mesmo daqui? Perguntou Hawes.

Chris reprimiu seu suspiro de alívio e se acomodou nesta conversa que ele tinha desejado o dia todo. Erguendo e dobrando uma perna, ele a apoiou nas almofadas e passou um braço pelas costas da espreguiçadeira. — Sim, nascido e criado em North Beach.

— Sua família ainda está aqui?

— Sim.

Hawes bufou em descrença. — Por que você me disse isso? Você está colocando-os em risco.

— Não estou. Disso, Chris tinha toda certeza, mais com a organização de Hawes do que com qualquer outra que ele havia investigado. — Machucá-los seria contra as suas regras.

— Minhas regras...- As palavras de Hawes morreram em uma risada amarga.

Isso raspou até os ossos de Chris, como antes. Ele odiava isso, odiava a dúvida que acrescentara a essa mistura. — Suas



regras são boas, Madigan.

— Deveria ter reconhecido isso pelo que era. *Policial.*

— Por que você não pensou nessa hipótese?

— Eu considereei quando você entrou em Danko. O couro do sofá rangeu e o tecido moveu-se, Hawes relaxando mais do seu lado também. — Mas então Brax disse que não te conhecia e...-

— E o que?

— Esse cabelo.

As bochechas de Chris se aqueceram, lembrando quantas vezes o olhar de Hawes se desviou para os longos fios, em como suas mãos passavam por ele, em como ele pegava uma mecha e enrolava em torno do punho e puxava. Chris quase gozou no local. — Você gosta do meu cabelo.

— Demais. A julgar pela rouquidão na voz de Hawes, sua mente tinha ido para o mesmo lugar. — Além disso, a forma como você diz *Madigan*. É muito sexy.

Chris largou o braço na parte de trás da espreguiçadeira, pousando a mão na coxa. — Essa via corre nos dois sentidos, com seu *Sr. Perry*.

— Então as formalidades podem não ter feito nenhum favor para mim, *Sr. Perry*?



— *Cristo*. Chris deslizou para baixo e abriu as pernas, tentando abrir mais espaço para seu pênis inchando rapidamente.
— Não, *Madigan*, elas não fizeram.

Esta não era a conversa que Chris havia antecipado hoje à noite. Ele precisava se aproximar novamente, para o caso, mas isso... Isto estava mais perto do que ele queria, mas não precisava. E ele não tinha poder para detê-lo. Assim como ele estava impotente para parar de deslizar a mão em direção à sua ereção, que estava pressionando contra as costas do zíper, exigindo atenção. Ele agarrou-se através do jeans, com a intenção de afastar o desejo em construção. Ele acariciou seu comprimento. — Provavelmente teria te fodido mais cedo, ele resmungou. — Teria levado você naquela doca deserta se não tivesse saído em disparada.

Hawes tinha estado glorioso. Calças de terno azul marinho que mostravam sua bunda alta e apertada, cabelos castanhos claros beijados e varridos pelo vento do passeio no iate, olhos azuis brilhantes de luxúria. Chris apostava que aqueles olhos estavam brilhando desse jeito novamente agora.

Outro golpe e Chris mordeu o lábio para segurar o gemido.

— Eu teria deixado você, respondeu Hawes, áspero. — Já estava duro.

— Como você está agora?



— Porra, Dante.

Chris soltou o telefone e teve que interromper outro golpe para evitar que o dispositivo caísse no chão. Recuperando-o, ele colocou o telefone no alto-falante e o colocou no braço da espreguiçadeira. Ele precisava das duas mãos para abrir a braguilha e tirar seu pau o mais rápido que podia. — Fiquei lembrando seu gosto mais tarde naquela noite, disse ele. — Gosto de neblina. Ele passou os dedos sobre a fenda, coletando umidade, e espalhou-a por seu pênis, facilitando o deslize em seu aperto. Ele fechou os olhos e deixou cair a cabeça no braço da chaise. — Luz e escuridão, disse ele, lembrando o momento. — Oculto e aberto. Revivendo-o. — Sufocante e, depois libertado.

— Eu não posso...- Hawes ofegou.

Chris parou os golpes e rolou o rosto em direção ao telefone. — Diga a palavra e eu desligarei.

— Muito tarde.

Sim, isso era em muitos níveis. E nesse caso, Chris não iria acionar os freios mais do que Hawes. — Tire seu pau dessas calças, de treino disse ele, imaginando que era para isso que Hawes havia se trocado depois do banho. Comando, como ele era propenso a estar. — E puxe sua camisa. Ele fechou os olhos novamente, imaginando a vista. Hawes deitado em seu sofá, calças enroladas em torno de suas coxas, sua camiseta puxada e enfiada sob o



queixo, tronco nu, músculos tensos, a pele pálida se tornando avermelhada com o calor crescente enquanto a mão de Hawes subia e descia por seu pênis.

Chris empurrou seu próprio jeans mais para baixo, tirou a camisa e acariciou-se mais rápido. — Deixe-me ajudá-lo, ele insistiu. — Deixe ir por mim.

— Olhe onde isso me levou. Você mentiu. Você me traiu. Eu deveria odiar você. A parte racional e inteligente do cérebro de Hawes estava lutando com ele, mesmo enquanto o pré-sêmen tornava seus golpes audíveis, assim como sua respiração entre as palavras se tornava curta e agitada.

— Você gostou de estar debaixo de mim.

— Fodidamente demais. Hawes gemeu, devasso e carente, e Chris teve que apertar suas bolas para evitar seu orgasmo.

— Eu também gostei. Todos esses músculos tensos, toda essa força combinando com a minha. Suas mãos cavando meu bíceps. Agarrando-me como se sua vida dependesse disso.

— Oh Deus. Hawes ofegou, respirando irregularmente, suas palavras gaguejando. — Bom demais. Muito perto.

— Não existe tal coisa, disse Chris, ali mesmo com ele. Ele desejou como o inferno que pudesse ver Hawes, desejou estar lá com ele. Mas eles poderiam chegar a outro lugar juntos. — Chegue



lá, Madigan.

O gemido de Hawes foi longo e quebrado, e nele um “Dante” destruído.

Chris caiu sobre a borda com ele, estrias de sêmen salpicando seu torso enquanto prazer, desejo e desespero irrompia em conjunto com um orgasmo ofuscante.

Eles recuperaram o fôlego juntos, e Chris foi o primeiro a falar. — Gostaria que tivesse sido minha boca em você novamente.

— Aquele atleta e líder de torcida realmente não apreciaram o que eles tinham.

— Você já viu meu anuário. Tão ruim na foto quanto era na vida real também.

A risada de Chris foi recebida com um silêncio mortal do outro lado da linha. Uma batida depois, Chris percebeu o erro que seu cérebro e boca enevoados de luxúria haviam cometido.

— Como você sabia disso? Hawes perguntou, sua voz soando como batida de um chicote. Totalmente alerta, todos os traços de seu prazer compartilhado ausentes.

— Eu presumi, Chris tentou cobrir. — Holt disse que estava recuperando isso.

— Ou meu apartamento está comprometido.



— Suponho que você já tenha procurado por grampos.

— Você assume. O passo rápido e determinado de Hawes ecoou na linha. Ele estava de pé, andando pelo apartamento. — Suas suposições e seus planos, Sr. Perri. Não posso confiar em nenhum deles. Lição aprendida. Totalmente gelado, nem um pouco de calor.

Chris odiava esse tom congelante, especialmente depois que eles queimaram tão bem juntos. Depois que ele conseguiu se aproximar novamente. Droga! Ele tinha que voltar para lá, ou pelo menos tentar. Confiança - essa era a chave. Era nisso aí que eles se mantinham tropeçando.

Ele limpou a bagunça em seu torso, vestiu a camisa e se levantou, subindo as calças. Ele correu para o escritório e levantou os alto-falantes, ouvindo. — Dê a Iris um arranhão por mim, disse ele. — Ela está no seu closet.

Hawes encerrou a ligação e, um momento depois, destruiu a escuta, uma explosão de estática dando lugar ao silêncio.

— Não foi tudo mentira, disse Chris a ninguém.



Capítulo Cinco

Chris abriu a pesada porta de vidro do restaurante e a onda de *déjà vu* quase o fez cambalear. A mesma anfitriã estava de pé, Kane estava sentado em um banquinho no bar e Hawes ocupava a cabine de canto do outro lado da sala de jantar. Mas é aí que as semelhanças com o domingo passado terminavam. Nenhuma música animada tocava, nem aromas atraentes saíam da cozinha, e nenhum outro cliente do restaurante enchia o resto das mesas. Os únicos clientes hoje à noite eram o rei e dois de seus cúmplices mais leais e mortais, Helena e Avery.

A anfitriã saiu de trás do estande e estendeu um braço em direção à mesa de Hawes. — Sua festa o está esperando, Sr. Perri. Casaco pendurado no outro braço, ela contornou Chris e colocou um conjunto de chaves no bar ao lado de Kane. — Mais alguma coisa, chefe?

Kane puxou as chaves em sua direção. — Estamos bem, Ashleigh. Chris não conseguia ver o rosto de Kane, mas sua voz fora de tom dizia muito sobre o fim de semana que ele teve. Pior do que o de Chris. — Obrigado.



— Apenas coloque as chaves no meu compartimento de correspondência antes do amanhecer. Ela apertou o ombro dele, deu um sorriso em direção a Hawes na mesa e saiu pela porta da frente, ignorando Chris completamente.

Ele esperou que a porta se fechasse atrás dela antes de deslizar para o espaço ao lado de Kane. — Eles reservaram o lugar?

— Eles não confiam mais em você. O chefe rolou um misturador de cristal entre as palmas das mãos, jogando os dois dedos de líquido âmbar dentro de seu copo. Escocês, a julgar pelo cheiro de turfa que fez cócegas no nariz de Chris. — Não confiam muito em mim também.

— E, no entanto, nós dois estamos aqui e eles não atiraram em nós.

Kane olhou para ele de lado. — Ainda.

Chris não duvidava que Helena e Avery tivessem suas armas ao seu alcance, se não estivessem fora e apontadas para ele embaixo da mesa.

— Obrigado por configurar isso.

— Você tem sorte que eles ainda atenderam minha ligação. Kane drenou o uísque e estendeu a mão por cima do bar para colocar o copo na pia. — E não me agradeça ainda. Ele se endireitou, limpou as mãos e deslizou do banquinho. — Vamos ver



como isso corre primeiro.

Kane liderou o caminho através da sala de jantar, em vez de ficar de guarda no bar. Ele estava se juntando a eles dessa vez. Como mediador? Chris não se demorou muito nesse pensamento, sua atenção capturada pelo homem sentado no meio da mesa - o homem cujos lábios estavam pressionados em uma linha fina, cuja postura estava alerta e cujos olhos azuis rastreavam cada um de seus passos. Chris tentou dar cada passo mais como Dante e menos como o Agente Especial Perri. Dante era o nome que Hawes havia gemido ontem à noite quando ele gozou, o homem que ele deixou entrar novamente. O homem que Chris queria ser mais do que qualquer outra pessoa naqueles breves minutos, talvez quem ele queria ser agora mais do que apenas um pouco - muito mais, depois que isso estivesse terminado. Mais do que quem ele queria ser, Dante era quem Chris precisava ser para que esse encontro valesse a pena.

Um encontro que ele teve sorte de ter conseguido. Depois de divulgar a localização da escuta para Hawes, Chris esperou o dia todo pela ligação de cancelamento. Ele fez uma aposta arriscada com aquilo, e isto poderia ter seguido um caminho totalmente diferente. A destruição final de sua confiança ou a recuperação de uma pequena parte dela. O telefone nunca tocou. Ou ele recuperou confiança suficiente para Hawes manter esse encontro, ou isso era uma armadilha na qual ele havia caído.



O frígido “Sr. Perri” de Hawes fez Chris pensar na última opção. Nenhum traço sexy ou de calor, nenhuma sugestão de um Y em vez de um I. Este era o frio e intocável Hawes Madigan dos arquivos de Izzy. O único sinal de emoção era a raiva silenciosa e contida que praticamente vibrava sobre ele, como se seu terno escuro e justo fosse a única coisa que o estivesse contendo. — Eu não sei o que mais temos a dizer um ao outro, mas você solicitou esta reunião - ele abriu as mãos - então estamos aqui.

Chris sentou-se na cadeira ao lado de Kane e cumprimentou Helena e Avery. Helena parecia distante, enquanto o brilho de traição ardia nos olhos escuros de Avery. Ainda leal a seus empregadores. Bom. E para a festa estava faltando... — Como está Holt? Chris não esperava que ele estivesse aqui se Hawes e Helena estivessem, mas ele provavelmente não estava longe.

O olhar de Hawes piscou para Kane, um olhar passando entre eles. — Bem. Holt estava bem, se Chris tivesse que adivinhar a partir dessa resposta concisa.

Mas antes que ele pudesse questionar mais, Helena voltou a encará-lo. — Vá em frente, Sr. Hair.

Chris riu, o ar cheio de tensão ao redor deles aliviando um pouco. — Estamos aderindo a isso, então?

— Como devo chamá-lo? Dantopher?



E isso aliviou um pouco mais. Ele levantou as mãos, com as palmas para fora. — As coisas ficaram um pouco fora de controle na sexta-feira.

Silêncio pedregoso. Tanta coisa para aliviar o clima.

— Ainda podemos trabalhar juntos, ele se aventurou.

— Não vejo como isso é possível. Hawes apontou um dedo para ele. — Fed. Então para si mesmo. — Alvo de uma investigação federal.

Chris apontou o polegar para Kane. — LEO⁸. Você trabalha com ele.

— Porque conhecemos o Brax há mais de uma década, disse Helena. — Ele provou que pode ser confiável. Ela inclinou a cabeça, seus longos cabelos loiros caindo em cascata sobre o ombro coberto de couro. — Você, nem tanto.

— Deixe-me ver se posso mudar isso. Ele afastou um lado de sua jaqueta jeans, movendo-se deliberada e obviamente, e enfiou a mão dentro do bolso interno. Ele ignorou o estojo de couro e retirou o pen drive que preparara na noite passada. Ele empurrou-o sobre a mesa. — Essa é uma cópia do arquivo da mesa do juiz. Não querendo implicá-los na frente de Kane, Chris não mencionou Campbell pelo nome, o alvo que havia dado a Hawes a dica sobre a

⁸ LEO -Law Enforcement Officer - Agentes da Lei.



investigação atual pouco antes de Hawes e companhia o terem assassinado e configurado para parecer um suicídio.

Olhos queimando, Hawes leu com precisão nas entrelinhas.
— Então foi o ATF?

Chris assentiu. — Os superiores descobriram que você estava transportando os explosivos. Isso causou a reabertura da investigação anterior.

— Eles pensaram que nos pegariam durante a venda?

Chris assentiu novamente. — Eu os convenci de que poderia me infiltrar mais rapidamente.

Hawes passou o dedo indicador pela borda do copo. Chris pensou ter detectado um pequeno tremor. — Porque você pensou que poderia me seduzir. Ou, dada a fúria mal contida na voz de Hawes, o assassino estava se preparando para pegar o pesado cristal e jogá-lo nele.

Chris recuou, rápido. — Não fazia parte do meu plano original.

Hawes revirou os olhos. — E assim nós completamos um ciclo, voltando aos seus planos.

Chris ignorou o golpe e fez sua defesa antes que os objetos comesçassem a voar. — Eu tinha os arquivos de Isabella e os



conhecia melhor do que ninguém. Por isso achei que poderia me infiltrar mais rápido. Além de Izzy, ninguém mais na ATF conhecia bem você ou a organização. Ele se inclinou para frente, apoiou os antebraços na mesa e apertou as mãos. — No entanto, o que eu percebi rapidamente entre a fase de reconhecimento e a de trabalhar com você, foi que a sua não é a mesma organização que Isabella, e os que estiveram antes dela, haviam investigado. E você está saindo do negócio de explosivos. Não tenho interesse em parar ou prender você.

— Não foi o que você disse ontem de manhã.

— Você não estava ouvindo.

Ele apertou o copo, as juntas brancas. — Eu estava algemado na porra da cama.

— Você não está agora, disse Chris, lutando para manter essa conversa focada, lutando para não se distrair pela imagem que brilhou atrás de seus olhos - Hawes nu, se contorcendo e enlouquecendo. Tão louco naquele momento quanto estava agora, e ainda não estava ouvindo. — Preciso que você me ouça, Hawes. Minha missão continua a mesma.

Hawes abafou um barulho e desviou o olhar, soltando a mão do copo.

Helena iniciou a conversa. — Para encontrar o assassino de



Isabella.

— Sim, respondeu Chris. — Com menos morte também, o que significa que eu tenho que deter quem está tentando derrubar você e seus irmãos. Nossos interesses estão alinhados. Nós rastreamos os explosivos e determinamos quem está por trás do roubo e da tentativa de golpe, e os detemos.

— Nós, Hawes zombou. Um lampejo de algo mais suave e triste passou por seus olhos, antes que uma camada de gelo caísse sobre ela. — Eu não confio em você.

— Então confie em mim, Kane falou. — Eu tenho todos os lados disso cobertos.

Sobrancelhas franzidas, lábios apertados novamente, Hawes não parecia convencido pela afirmação de Kane, mas o chefe continuou, e Chris manteve sua boca fechada. Ele não estava chegando a lugar algum, talvez Kane conseguisse.

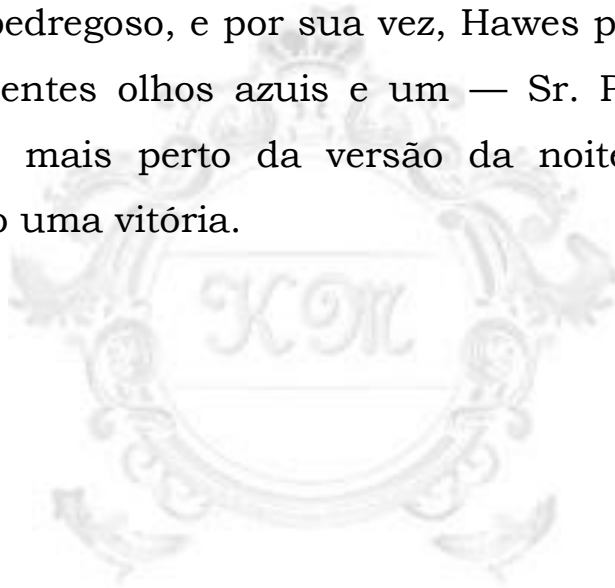
— Eu não quero um banho de sangue nas minhas ruas, disse Brax. — Seja por uma guerra dentro da sua organização, uma venda de explosivos para a parte errada ou uma guerra entre você e o ATF. Eu tenho muito em jogo aqui. — Mais do que apenas o trabalho dele, dada a tensão em seu corpo e o apelo em sua voz. — Estou tentando proteger todos nós. Confie em mim para fazer isso e manter minha promessa. Dez anos e eu nunca vacilei. Eu não vou agora.



Hawes manteve o olhar fixo em Kane - calculando, avaliando - por intermináveis cinco segundos, antes de piscar para Chris, depois para o pen drive. Ele puxou o dispositivo em sua direção e o guardou no bolso. — Vamos pensar. Ele se levantou, Helena e Avery subindo ao lado dele.

Chris ficou de pé também. — Obrigado.

Helena deu-lhe um aceno de despedida. Sr. Hair - Avery, deu-lhe outro olhar pedregoso, e por sua vez, Hawes parou na porta e o nivelou com ardentes olhos azuis e um — Sr. Perri , que estava algumas oitavas mais perto da versão da noite passada. Chris contou isso como uma vitória.





Capítulo Seis

Segunda de manhã chegou sem mensagens de acompanhamento. O telefone de Chris estava desagradavelmente silencioso novamente, não importa quantas vezes ele o verificasse. Nada de Hawes, nada de Kane, nem mesmo um alerta de intrusão para indicar que Holt estava bisbilhotando em seu sistema. É verdade que havia uma chance acima da média de Holt ter contornado seus firewalls aprimorados, mas Chris esperava que o hacker lhe desse uma saudação inicial com o dedo médio para que ele soubesse exatamente onde ele esteve. Mas seu computador, como seu telefone, não transmitiu nenhuma mensagem esta manhã.

Do lado de fora da estação BART do metrô na 16th Street, ele olhou mais uma vez para o telefone. Nada ainda. Uma resposta sobre como eles iriam jogar isso seria útil mais cedo do que mais tarde, dada a chegada iminente de sua babá. Ele enfiou o telefone de volta no bolso, reorganizou sua bolsa para que a alça cruzasse seu corpo e entrou no meio da multidão de passageiros descendo as escadas para o metrô.



Tomar o metrô na BART, que estava a apenas uma parada da subestação da UN Plaza e o Federal Building era mais fácil do que encontrar estacionamento para a Hog no centro. Também mais rápido a esta hora da manhã, mesmo com as escadas rolantes quebradas que constantemente atormentavam as estações. Pensando bem, talvez ele devesse ter ido de moto todo o caminho. Ele poderia ter perdido tempo encontrando uma vaga no estacionamento e adiado o encontro com o terror que era Scotty Wheeler.

Por todas as contas, Wheeler era um bom agente, mas ele não era um agente que trabalhava disfarçado. Precisa de um arquivo volumoso para construir um caso? Wheeler era o cara. Precisa encontrar uma agulha no palheiro? Wheeler era o cara. Precisa se infiltrar delicadamente em uma família muito unida de assassinos? Wheeler não era o cara. Ele era tão sutil quanto um saco de martelos quando se tratava de conduzir investigações. E martelos eram a última coisa que Chris precisava quando ele já estava patinando em gelo fino.

Uma vez no trem, Chris repassou os arquivos em sua bolsa e pegou seu livro. Ele esperava que os arquivos iniciais com os quais que ele gastara o dia inteiro preparando ontem - sobre Amelia Madigan e dos soldados da organização - mantivessem Wheeler ocupado. Deixe Scotty cavar aquela agulha em particular enquanto Chris trabalhava, à sua maneira, relativamente desimpedido.



Ele leu algumas páginas antes que as portas se abrissem na próxima parada. Ele saiu do trem para a plataforma e para o mar de pessoas, a maré se movendo lentamente em direção às escadas, mais uma vez a escada rolante estava quebrada. Embalado como estava, Chris não percebeu que a pessoa diretamente atrás dele era um inimigo até sentir a pressão do cano de uma arma contra a parte inferior de suas costas.

— Sem movimentos bruscos, Agente Perri, disse a mulher.

Um homem apareceu do outro lado de Chris, meio passo atrás como a mulher, mas perto o suficiente para espetar o flanco direito de Chris com uma faca, atrás da bolsa e logo acima da cintura da calça jeans. — Continue andando, disse o homem.

Chris fez o que foi dito, mas diminuiu o ritmo de seus passos, o suficiente para que seus pretensos captores fossem forçados pela multidão a chegar mais perto de Chris, dando-lhe uma visão melhor. Ele os reconheceu pelas fotos nas paredes de seu escritório em casa. Tamela com a arma à esquerda e Devon com a faca à direita. Soldados Madigan. Seria essa a resposta de Hawes? Ou Tamela e Devon estavam trabalhando contra o chefe?

— Hawes enviou você?

Sem comentários, não que Chris tivesse esperado uma resposta. Os soldados sabiam melhor. Mas eles vacilaram na base da escada enquanto a multidão na frente deles ondulava para trás



em resposta a uma comoção no nível acima.

Uma abertura.

Chris jogou o livro em suas mãos para o teto, espalhando os pombos e empurrou a multidão da plataforma ao redor deles. Para evitar uma facada nos rins, Chris jogou a bolsa para cobrir a região lombar, girou na direção de Tamela e agarrou a pistola pelo cano. Era arriscado. Ela poderia puxar o gatilho e matá-lo, provocando um pânico em massa aqui embaixo, mas ele não seria útil para eles morto. Ela não atiraria.

Foi a opção acertada. Chris arrancou a arma de suas mãos e deixou o impulso levar o cotovelo direito de volta ao rosto de Devon. Chris contrabalançou com um chute à esquerda, colocando uma bota no estômago de Tamela. Não o suficiente para derrubá-la, mas o suficiente para dispersar a multidão.

Vários dos espectadores mais próximos gritaram: — Luta! — Movam-se! — Arma! – ao avistarem a arma na mão de Chris e a faca de combate de Devon batendo no chão de cimento.

Chris não teve escolha. — ATF! Limpem a área! Ele gritou, selando o acordo no caos. Melhor para o público saber que a aplicação da lei estava em cena e melhor ainda se anunciar a qualquer policial presente. Ele pegaria seu distintivo, se pudesse, mas Devon, atrás dele, estava tentando estrangulá-lo com a alça da bolsa. Chris colocou a mão livre embaixo da alça, enrolou os dedos



ao redor e empurrou para fora, estendendo o braço. Vítima de um empurrão novamente, Devon bateu em suas costas. Chris estendeu o braço para trás, enrolou-o no pescoço de Devon e, inclinando-se para frente, puxou Devon por cima de suas costas. O soldado bateu no chão com força suficiente para perder o fôlego, abrindo e fechando a boca enquanto tentava respirar.

Chris estava tendo problemas para respirar - ou acabar com isso - por conta própria. De pé, Tamela estava se preparando para atacar. Ela sacudiu os membros e olhou a arma que Chris havia apontado para Devon.

Gritos crescentes da multidão afastaram o olhar de Tamela de Chris por tempo suficiente para ele enfiar a arma na cintura. Ele não podia se arriscar a usá-la aqui, mesmo que a maioria dos passageiros tivesse atendido ao seu pedido para saírem. Com Tamela ainda distraída, Chris tirou a alça da bolsa de seus ombros e enrolou-a ao redor do punho, e inclinou-se para frente se preparando para dar um golpe com ela. Cheia de arquivos, havia peso suficiente na bolsa para causar um bom impacto.

A manobra se mostrou desnecessária.

Um flash de seda cinza, algodão branco engomado e olhos azuis frios apareceram na frente de Chris, levando Devon que estava ressurgindo, a retroceder novamente e enviando Tamela ao chão ao lado dele, o estalo de ossos foi inconfundível. Ela se



inclinou para frente, tentando enrolar-se sobre o braço desajeitadamente pendurado, mas um fio enrolado em seu pescoço a puxou para trás.

— Não é uma das suas? Chris perguntou ao homem segurando uma das extremidades do garrote.

— Não mais. Hawes se inclinou e falou bem ao lado da orelha de Tamela. — Diga-me por que eu não deveria te matar, traidora.

Tamela não lutou ou pareceu surpresa. Pelo contrário, ela parecia satisfeita. Absolutamente orgulhosa.

As peças se juntaram na cabeça de Chris. — Madigan, pare! É o que eles querem.

Hawes apertou o fio. — Eles foram investigados.

— Por que você está aqui? Chris perguntou, pegando a faca de Devon.

— Recebi uma dica.

— Exatamente. Ele apontou para as câmeras com cúpula preta ao longo da plataforma e ao pé da escada. — Existem câmeras em todos os lugares.

O sorriso de Hawes foi perverso. E bonito. — Não mais.

Chris reprimiu o desejo quase irresistível de beijar aquele



sorriso mortal e lindo em seu rosto. Ele viera atrás dele. Não, merda, alguém o enviou. — Eles podem ter informações que podemos usar.

Gritos ecoaram no nível acima.

— ATF!

— Polícia!

— Mexam-se, mexam-se, mexam-se!

— Acho que eles também receberam uma dica, disse Chris a Hawes. — Isso é uma configuração, Madigan. Não brinque com isso.

— Eu sabia o que era no segundo em que recebi a dica, mas queria saber quem eram os outros traidores. Agora eu conheço mais dois. Ele se afastou e esperou que Chris prendesse Devon e Tamela. — E eu tinha que ter certeza que você...-

Inconvenientemente, o desejo de beijá-lo voltou ao topo. — Eu também posso me cuidar, disse Chris. Não que ele não tivesse feito a mesma coisa, se tivesse recebido uma dica de que Hawes estava em perigo mortal. O que era a própria definição de se tornar um desonesto, e Chris, reconhecendo esse fato, ainda não faria nada diferente. Ele ainda correria para salvar Hawes, por razões que estavam muito além do seu valor para a missão. Razões pelas quais Chris precisava resolver consigo mesmo ainda, mas não com a cavalaria caindo sobre eles.



Ele enfiou a pistola e a faca em sua bolsa, não querendo deixar nada que pudesse indicar a participação da organização. Por sua experiência com Amelia, ele sabia que os soldados não falavam. As armas eram a única evidência. Ele jogou a bolsa para Hawes. — Mas obrigado pela ajuda. Agora dê o fora daqui.

Ele esperava que Hawes pegasse a bolsa e corresse. Ele não esperava que Hawes se aproximasse, enfiasse a mão no cabelo e enrolasse-o no punho, para puxar a cabeça de Chris. — Eu ainda não confio em você. Ele esmagou a boca na de Chris, agindo sob o mesmo desejo cheio de adrenalina que tinha tomado Chris também. Um deslize de lábios, um golpe de língua, um beliscão de dentes, um gemido de cada um deles. O beijo foi breve, maravilhoso, de tirar o fôlego em sua força e surpresa, e Chris teria permanecido feliz nos braços de Hawes, se não fosse pelos gritos dos oficiais, no nível acima cada vez mais alto e mais perto.

Chris recuou e sussurrou: — Vá, contra os lábios de Hawes, então o rei se foi, com a bolsa na mão, desaparecendo na névoa da manhã serpenteando através dos túneis.



Capítulo Sete

Um Scotty Wheeler, muito furioso, estava esperando Chris no saguão do escritório de campo. — Você o deixou fugir.

— Deixei quem fugir? Perguntou Chris, depois deu um sorriso para a recepcionista, que jogou seu crachá de acesso no balcão. Enquanto o escritório da divisão local da ATF estava em Dublin, o escritório menor da SF Metro era a base de Chris quando ele estava entre as tarefas. O que era raro o suficiente para que ele se preocupasse em manter - ou perder - o crachá de acesso. Melhor deixá-lo aqui e reivindicá-lo quando necessário.

Desnecessário: festa de boas-vindas de Wheeler. — Não se faça de idiota comigo, Perri. Wheeler girou nos calcanhares e marchou pelo cercado, o final de sua gravata voando sobre o ombro de seu terno. Sempre o agente adequadamente vestido. Traje profissional, barbeado, sem cabelos loiros fora do lugar. Muito longe da barba, calça jeans e camisetas de Chris, embora ele tenha atualizado para uma Henley hoje, devido à visita ao escritório. Ele nem possuía mais um terno. Ele jogou o único que tinha no dia seguinte ao funeral de Izzy. No mesmo dia, ele jogou as máquinas



de cortar cabelo.

Wheeler girou na porta da sala de conferências, bloqueando a entrada de Chris. Ele era mais baixo que Chris por uns bons quinze centímetros, mas naquele corpo compacto havia músculos que entregavam as horas diárias passadas na academia. Não é alguém com quem você gostaria de se envolver em uma briga. — As declarações de testemunhas indicam que um homem que corresponde à descrição de Hawes Madigan estava no local.

— Mas você não tem identificação positiva?

— Eu não tenho? Wheeler olhou para ele com grandes olhos castanhos que, em qualquer outro homem, Chris teria considerado atraente. Não, no entanto, sobre o homem que estava prestes a tornar sua vida um inferno.

— Hawes Madigan não estava no local. O fantasma de um beijo formigou nos lábios de Chris, lembrando-o de que Hawes definitivamente estivera lá.

As orelhas e bochechas de Wheeler ficaram vermelhas de raiva, a mesma frustração brilhando em seus olhos escuros. Ele queria discutir, mas depois de uma batida e uma respiração ofegante, pensou melhor e se retirou para a sala de conferências. Chris conteve um sorriso vitorioso. Se ele a soltasse, teria durado pouco, morrendo assim que ele entrou na sala e vislumbrou o trabalho de Wheeler realizado até hoje. Pastas de arquivo estavam



espalhadas ao longo da mesa de conferência, um quadro de avisos perto da porta estava coberto com fotos das duas cenas dos crimes acontecidos na semana passada, e os dois quadros brancos na parede do outro lado da sala estavam cheios de anotações rabiscadas, incluindo uma com a Estrutura Organizacional Madigan semelhante à que Chris havia construído em seu escritório em casa. O gráfico de Wheeler tinha a atribuição oficial e não oficial de cada pessoa, listada abaixo do nome e, ao lado, sob o título *Wildcard*⁹, estava escrito *Braxton Kane*.

Porra.

Tran havia mentido. Wheeler não tinha acabado de ser colocado neste caso. Esse nível de detalhe exigia semanas, meses, anos de trabalho. Teria Tran conduzido investigações paralelas? E desde a montagem aqui, quando Wheeler realmente havia chegado à cidade? Definitivamente antes deste fim de semana.

— Você derrubou esses dois agentes sozinho? Perguntou Wheeler.

— Sim.

—Vamos ver o que eles dizem quando os questionarmos.

Devon e Tamela haviam recebido atenção médica no local e estavam, neste momento nas celas provisórias do FBI no andar de

⁹ Curinga



baixo, nenhum deles lúcido o suficiente para um interrogatório admissível. O SAC avisaria Chris e Wheeler quando estivessem prontos. Não que Chris esperasse que os soldados falassem muito. Se isso corresse da mesma maneira que correu com Lucas e Amelia quando foram interrogados, eles ficariam mudos. A facção adversária queria derrubar Hawes e tomar o controle da organização, não destruí-la completamente.

Chris caminhou até a cafeteira do outro lado da sala, verificou se havia água e água fresca o suficiente e depois preparou a bebida. Ele girou e descansou contra o balcão, olhando novamente para as anotações de Wheeler. — Há uma falha no seu trabalho.

Wheeler virou a meio caminho para o quadro. — E o que é isso?

— A explosão após o funeral de Cal foi um ataque aos Madigans, e não um projetado por eles.

— Amelia Madigan estava por trás disso.

— Sim mas...-

— Vamos esclarecer uma coisa, Perri. Ele se virou para encarar Chris. — Nem eu nem a ATF nos importamos com o que está acontecendo na organização Madigan. Estamos trazendo tudo para baixo, começando do topo. Ele apontou para a foto de Hawes,



sentado sozinho no topo da pirâmide. Outra falha na investigação, mas Chris não daria uma pista sobre isso para Wheeler. Se Wheeler quisesse concentrar sua atenção em Hawes, deixe-o. Hawes poderia lidar com Scotty. Haveria menos atenção sobre Chris enquanto ele trabalhava com Holt, Helena e Kane no que deveria importar para o ATF.

— Segundo Tran, disse Chris, — os explosivos são nosso objetivo principal.

— Os quais estão onde?

Chris serviu uma caneca de café e tomou um gole em silêncio, não admitindo a presença de um desconhecido que era mais perigoso do que qualquer um dos Madigans.

— Exatamente, disse Wheeler, lendo corretamente sua resposta. — Você não sabe onde eles estão. Explosivos feitos por assassinos profissionais, que poderiam pousar nas mãos de assassinos ainda piores. Quero eliminar a organização que os criou, impedindo-os de ganhar mais e eliminar aqueles que poderiam usar os explosivos.

Essa era uma maneira de encarar a situação. Um pouco parecido com o Rambo em seu idealismo, porque ele fodidamente sabia que não poderiam eliminar todos os alvos.

— E você vai me ajudar, acrescentou Wheeler.



— O que você acha que eu tenho feito aqui? Na semana passada com os Madigans, no mês passado colocando tudo no lugar, nos últimos três anos seguindo as indicações de Izzy? Estou tentando encontrar uma maneira de identificar os assassinos reais e encontrar os explosivos.

— Bem, você falhou, Carrasco do Rei.

Chris rangeu os dentes.

— Não é assim que eles chamam você?

Havia uma razão para ele entender o ódio de Hawes ao apelido de Príncipe dos Assassinos. Uma razão pela qual Chris sabia exatamente quando mencioná-lo e quando deixá-lo ir. Porque depois de derrubar mais do que alguns chefes de impérios criminosos, Chris ganhou seu próprio apelido. Um que ele gostava tanto quanto Hawes gostava do dele. Infelizmente, toda vez que ele derrubava um rei, danos colaterais eram inevitáveis. Inocentes envolvidos na organização. Parceiros, crianças, membros da organização que estavam apenas tentando fazer o bem por suas famílias. Outra razão pela qual a nova ordem de Hawes ressoou em Chris, e que era um dos motivos pelo qual queria ajudá-lo, não derrubá-lo. Mas Chris não iria falar nada disso com Wheeler. — Sim, é assim que eles me chamam, disse ele.

Wheeler sorriu, vitorioso. — Então vamos derrubar a porra do rei já.



..*.*

Se Chris pensou que todos os olhos estavam nele sexta-feira na sede da SFPD, não foi nada comparado à segunda-feira à tarde. Crachá ao redor do pescoço, arma de segurança no quadril, ele não estava mais escondendo sua identidade, e os olhares curiosos vinham de todas as direções. Ele precisaria abordar o assunto na reunião da força-tarefa interinstitucional de amanhã, mas primeiro ele teria uma reunião com Kane...-...sem Wheeler.

Talvez também com um certo Madigan.

Chris havia repetido mentalmente a altercação da manhã na estação BART muitas vezes, como o melhor disco quebrado de todos os tempos. O beijo muito breve de Hawes, o formigamento fantasma nos lábios que se prolongava deliciosamente, torturantemente. Sua velocidade e habilidade em derrubar Devon, a mesma agilidade e graça que ele demonstrou ao despachar Jodie. Aquele sorriso perverso depois. Chris não conseguia tirar a cena - ou o homem - da cabeça.

Treinado em combate como era, Chris encontrou algo inegavelmente sexy em uma pessoa cujas habilidades rivalizavam com a sua, uma pessoa que exercia tanta confiança e controle sobre



suas habilidades e os arredores. Ainda mais sexy fora Hawes cedendo toda essa confiança e controle a Chris em seus momentos sozinhos na semana passada. Ele fez isso porque confiou em Chris, e Chris o traiu, embora não na medida em que Hawes acreditava. Chris tinha um caminho a percorrer para recuperar essa confiança, mas o encontro da noite passada e o beijo desta manhã foram bons começos. É verdade que o breve bloqueio labial fora noventa e nove por cento alimentado por adrenalina, mas Chris poderia trabalhar com um por cento.

— Você vai ficar aí fora o dia todo?

A voz de Kane trouxe Chris abruptamente de volta ao presente. O chefe estava inclinando a cabeça e os ombros para fora da porta do escritório, como se estivesse escondendo algo - alguém - lá dentro.

A esperança de Chris floresceu com cautela. — Desculpe, disse ele. — Estava analisando alguns detalhes desta manhã na minha cabeça.

— Temos mais alguns detalhes a discutir. Kane abriu a porta o suficiente para Chris entrar, depois a fechou atrás dele.

Um olhar do outro lado da sala e a esperança de Chris morreu, cortada pela raiz por um fio de decepção e depois por uma enxurrada de preocupação. Uma mesa dobrável fora posicionada em frente à janela fechada e as cadeiras dos visitantes movidas



para trás dela. Em uma delas, Jax (*They*), digitando no laptop, e na outra, Holt, com Lily amarrada ao peito em uma tipoia de bolinhas.

Ele parecia um inferno total.

A última vez que Chris viu o irmão gêmeo de Hawes foi na quinta-feira, antes do funeral de Papa Cal. Holt parecia áspero então. Quatro dias e uma montanha de merda depois, o ex-soldado parecia ter passado quatro meses no deserto implacável. Barba ruiva por fazer, pele sardenta e manchada, olhos castanhos injetados e sublinhados por bolsas escuras. Até sua tatuagem de braço inteiro, espreitando por baixo do punho direito da camisa de flanela, parecia opaca. Mas, por mais cansado que parecesse, sua digitação não era menos sonora, a velocidade de uma mão incompreensível. Ele embalava Lily com o outro braço, como se tivesse medo de deixar sua filha ir. Ela estava apagada, roubando as horas de sono que seu pai claramente perdera.

Kane desabou na cadeira barulhenta de sua mesa, que havia sido rolada para a ponta mais curta da mesa dobrável, mais próxima de Holt. — Ele veio se encontrar com Amelia e seu advogado.

Chris encostou um quadril na mesa de Kane e pegou um doce. — Como foi isso?

Holt tirou os dedos do teclado e depois ergueu os olhos, olhando furiosamente para Chris. — Como você acha que foi?



Chris desviou para um tópico mais seguro. — Como está a Lily?

— Sente falta da mãe dela.

Ou talvez não fosse um tópico tão seguro assim. A tensão do grandalhão só diminuiu quando Kane estendeu a mão e roçou os dedos sobre a cabeça de Lily.

Jax assistiu o momento tranquilo e familiar com carinho, sem surpresa. De fato, o especialista em TI não pareceu surpreso com nada do que estava acontecendo aqui. — Você está ajudando neste caso? Chris perguntou a *They*.

They projetou uma unha laranja na direção de Holt. — Eu sou um de seus filhos.

Chris levantou uma sobrancelha. — Um dos seus...-

— Jax era o pupilo estrela de Holt no abrigo LGBTQ, Kane forneceu.

— Consegui meu GED, depois meu diploma de graduação e comecei aqui no ano passado.

Quão conveniente. Outro membro da equipe Madigan aqui no SFPD. Um hacker. Em qualquer outro momento, Chris se preocuparia com conflitos de interesse, mas agora isso significava mais aliados - e menos traidores - era uma coisa boa agora.



Kane alcançou atrás de Holt e pegou algo do chão. — Eu acredito que isto é seu. Ele jogou a bolsa onde Chris havia escondido as armas nesta manha sobre a mesa.

— Você viu o que estava dentro?

— É claro, respondeu Holt. - A maior parte estava também no pen drive que você nos deu, embora algumas de suas... tarefas de casa adicionais fossem... Holt engoliu em seco e desviou o olhar - para Kane, Lily, seu laptop. Todos os novos materiais eram sobre Amelia. Mais merda para Holt suportar enquanto processava um coração partido. Não é à toa que ele parecia uma merda.

— Trabalho para manter Wheeler ocupado, disse Chris, vasculhando as pastas e dando tempo a Holt para se recompor. Tudo, exceto as armas, ainda estava na bolsa, incluindo uma nova cópia do livro que ele sacrificara aos pombos. Abaixando o queixo, Chris escondeu o sorriso e abaixou a bolsa até o chão. — Scotty vai ser um problema, disse ele. — Ele não está atrás apenas dos *protótipos*. Chris usou o código dos Madigans para os explosivos, sem saber quão profundamente Jax estava dentro. — Ele está querendo derrubar sua família.

Os olhos estreitados de Holt dispararam. — Scott Wheeler? Seus dedos voaram pelo teclado, e então ele girou o laptop em direção a Chris. — Esse cara?

Na tela, estava a página de perfil de Wheeler da intranet



supostamente inatacável do ATF. — Esse é ele.

Holt xingou e fechou a tampa do laptop. — Ele era um dos federais que se apresentou como o advogado do último comprador.

— No encontro da última terça-feira? Chris lembrou-se da pressa de Hawes naquela manhã. Ele recusara uma oferta de diversão no banho porque não podia se atrasar para a reunião. — Para a venda dos protótipos?

Holt assentiu. — Hawes e eu executamos todos as características que poderíamos lembrar através de bancos de dados de reconhecimento até que obtivemos um ID. Não tínhamos cem por cento de certeza, mas...-

— É ele, com certeza. Ele é um bom agente, mas segue as instruções. Chris virou-se para Kane. — Ele está claramente nesse caso a mais tempo do que Tran nos levou a acreditar.

Kane se levantou, pegou um doce e o desembulhou enquanto passeava pelo tapete puído atrás de sua mesa. — Ela também nos levou a acreditar que cancelaria a investigação se protegêssemos as armas. Essa é a jurisdição da ATF.

Chris também pensara assim, mas não tinha certeza agora. — Exceto que a jurisdição pode ficar mais confusa, dependendo de com quem encontramos os protótipos, em como eles chegaram lá e se eles podem ser rastreados até o fabricante.



— Estamos limpos, disse Holt. — Eles não vão rastrear isso de volta para nós.

— Alguém poderia testemunhar contra você ou fabricar evidências.

— Claro. Holt deu de ombros. — E eu também posso fabricar evidências contrárias da mesma forma.

Kane jogou a embalagem amassada de bala em Holt e cobriu os ouvidos com as duas mãos. — Cristo, isso é privado.

Um canto da boca de Holt se levantou. Apenas a parte mais jovem. Chris teria que comprar mais doces para Kane.

— Alguma sorte em encontrar o pen drive ausente de Amelia?

— Então você admite que não sabe onde está? Holt rebateu.

Chris inclinou a cabeça. — Sob este novo espírito de honestidade.

Holt bufou. Outro bom sinal. — Foda-se sua honestidade, mas não.

Jax não escondeu sua diversão, rindo alto antes de voltar aos negócios. — O que tenho é uma nova pista sobre os explosivos.— Leia tudo, então. Eles estenderam um tablet para Chris. Nada de papel - definitivamente um dos filhos de Holt. — Isso foi publicado na dark web.



Chris pegou o tablet e leu a solicitação na tela. Era para licitantes de um leilão privado de protótipos de demolição que aconteceria amanhã à noite. O local seria fornecido a “licitantes pré-qualificados”.

— Você acha que esse é o seu estoque de explosivos?

— Tenho certeza, disse Holt. — Sabemos pelo nosso último comprador que não havia mais ninguém no mercado oferecendo tanto poder de fogo.

— Mas por quê? Chris perguntou. — Se Amelia e sua facção estão atrás do poder, por que eles estão vendendo suas armas mais poderosas?

— É apenas uma parte, disse Holt.

— Levantando recursos para a operação? Kane se aventurou.

— Pode ser, disse Chris. — Ou poderia ser outra armadilha como a que eles tentaram para atrair Hawes esta manhã. Ele voltou sua atenção para Kane. — Teremos que preparar uma emboscada com vários cenários em jogo.

— Queremos estar lá, Holt interrompeu.

— Você perdeu o que eu disse?

— Nós temos tanto interesse quanto *you* em descobrir quem está por trás disso.



A frustração - e o volume - de Chris aumentaram. —
Pergunte à porra da sua esposa. Ela não está falando com nenhum
de nós.

— Você acha que eu não tentei!

O lamento de Lily encerrou a discussão tão rapidamente
quanto ela havia começado. Chris recuou enquanto Holt se
preocupava com a filha agitada.

— Os Madigans ficam de olho, Kane ofereceu como um
compromisso, sua mão segurando levemente o ombro de Holt. —
Jax, você pode configurar um canal fechado? *They* assentiu e então
Kane disse a Chris: — Vou dar à minha equipe a ordem de
capturar, não de matar. Sua equipe concordará com o mesmo?

— Eu vou fazer isso acontecer.

— Não sei se posso, disse Holt a Kane. —Eu tenho que
conversar com...-

— Confirme isso com eles. Kane apertou seu ombro. —
Obteremos respostas, mas vamos bloquear os explosivos primeiro.
Isso nos comprará uma pequena pausa para respirar.

— Verei o que posso fazer, disse Holt, assentindo.

Um impulso para frente. Chris queria se alegrar por isso. Mas
ao mesmo tempo, ele se preocupou que sua janela para obter



respostas sobre a morte de Isabella estava se fechando. Tran e Wheeler não se importavam - suas principais prioridades eram os explosivos e os Madigans, numa ordem discutível. Embora a noite da morte de Isabella tenha marcado um ponto de virada para a organização Madigan, agora a principal prioridade de Hawes e seus irmãos estava em se manter no controle para que eles pudessem manter a família e a organização no caminho que escolheram. Chris era o único a colocar Isabella em primeiro lugar, e ele não podia decepcioná-la.





Capítulo Oito

— Comece com Devon, disse Chris a Wheeler, dividindo sua atenção entre sua babá e as costas do agente especial encarregado do FBI que fora incumbido de levá-lo às salas de interrogatório. Chris ouvira histórias - sotaque irlandês, terno de três peças, abotoaduras brilhantes e uma ótima bunda - tudo verdade, exceto pelos rumores sobre os cabelos loiros do SAC, que eram na realidade um tom de vermelho muito mais atraente.

— Ele está acordado há mais tempo. Ele estará mais alerta - rebateu Wheeler, reunindo seus arquivos da mesa na sala de observação. — Podemos tirar mais proveito da mulher.

— Nós não vamos. Se Chris tinha aprendido algo sobre a organização de Hawes, é que as mulheres eram as mais duras. Se ele tivesse uma chance de escolha entre os três irmãos no topo, Helena era a pessoa que ele menos queria encontrar em um beco escuro.

Chris colocou as duas pastas de arquivos debaixo do braço e entrou completamente na sala de observação, vendo Devon através



do vidro de mão única. Algemado à mesa, o ex-soldado Madigan estava em melhor forma do que sua parceira. Chris quebrou os dedos de Tamela quando tomou sua arma e Hawes quebrou o antebraço quando intercedeu. Cada um deles havia deixado hematomas do tamanho de um sapato em seu torso, sem mencionar as marcas “interessantes” ao redor do pescoço. Chris havia deslizado um Benjamin¹⁰ ao médico para vender essa besteira de marcas imprecisas para Wheeler. Por outro lado, Devon tinha alguns arranhões e contusões. Ele provavelmente também estava machucado pelos chutes de Chris e Hawes, mas Devon escondeu essas informações, sentando-se atento em sua cadeira.

— Não os temos por nada além de agressão, disse Chris.

— Você era um oficial federal fazendo o seu trabalho. Isso foi um delito sério.

Chris encostou um ombro na parede ao lado do copo. — Eu estava a caminho do trabalho. Não no meio de uma operação em andamento.

— Você tem certeza que eles não tinham armas? Algumas das testemunhas...

— Estão enganadas. Eles ficaram em pânico com a alteração. Ele estendeu uma de suas pastas para Wheeler. —

¹⁰ Nota de cem dólares.



Mesmo que Devon tivesse uma arma, ele teria permissão para isso e ele está limpo. Não há antecedentes criminais.

Wheeler folheou os papéis e fechou o arquivo. Seu olhar cintilou no espelho e voltou. — Ele não sabe disso.

Chris apostou que Devon sabia disso muito bem, mas Wheeler tinha terminado com sua discussão. Ele empurrou a pasta contra o peito de Chris, pegou a sua própria na mesa e passou por ele. Ele segurou a porta da sala de interrogatório aberta para Chris, e os dois entraram, reivindicando as cadeiras do outro lado da mesa de Devon.

— Sr. Henderson, disse Wheeler.

— Devon, o soldado corrigiu.

Wheeler empurrou um pedaço de papel sobre a mesa. — Esta é sua renúncia assinada por Miranda. Você pode mudar...-

— Desnecessário, disse Devon. — Não preciso de um advogado. Ele estava tão calmo e resignado quanto Lucas estivera no iate de Hawes. Isso era inútil pra caralho.

— Você trabalha para a Madigan Cold Storage? Perguntou Wheeler.

— Trabalhei. Saí recentemente.

Como nesta manhã. Chris reprimiu seu escárnio.



Felizmente, Wheeler não percebeu. — Por que isso?

— Não gostei da direção da empresa.

— Que direção é essa?

O olhar de Devon se desviou para Chris, mesmo enquanto ele respondia a Wheeler. — A gerência ficou mais seletiva com a clientela. Não parecia a melhor decisão de negócios para o crescimento da empresa.

— O que exatamente você fazia na Madigan Cold Storage? A restrição de Wheeler impressionou Chris. Ele estava vasculhando a cobertura de Devon, em vez de ir direto à realidade.

— Marketing, respondeu Devon.

— Por que um profissional de marketing precisa de uma quarenta e cinco e uma licença para poder transportá-la oculta?

— Razões pessoais.

— Como o fato de você ser um assassino contratado para os Madigans.

— Eu fechei contratos para com meu ex-empregador. Sem olhos arregalados, sem lábios trêmulos, sem reação alguma.

Chris não esperava menos. No entanto, ele esperava que Wheeler seguisse a linha de questionamento sobre a história da



arma.

O outro agente desviou. — Por que você atacou o Agente Perri na estação BART hoje de manhã?

— Minha colega e eu só queríamos conversar com ele. Ele - Devon inclinou a cabeça em direção a Chris - complicou a situação.

Besteira, mas Chris não poderia dizer isso, sem revelar as armas, e ele havia negado a presença delas para Wheeler. Evitando essa possível pergunta, Chris fez outra. — O que você queria discutir comigo?

— O clima.

Sem segurar a zombaria nessa colocação.

— Quem te derrubou? Perguntou Wheeler. — Na estação.

— O Agente Perri.

— Sozinho?

— Não foi o meu melhor momento.

Wheeler não parou. — Hawes Madigan estava no local?

— Eu não sei onde o Sr. Madigan estava esta manhã. Não sou mais funcionário dele.

Wheeler estava perdendo o foco, perdido em detalhes que não



importavam. Chris se concentrou no caminho. — Para quem você está trabalhando, Devon? Ele se inclinou para frente, apoiando os antebraços na mesa. — Você está trabalhando para alguém. Eu sei disso, e não é para Hawes Madigan. Sua chefe também não é Amelia Madigan. Ela não falou com ninguém além de seu advogado desde a prisão.

O assassino se calou. Não tão tagarela mais.

— Qual era o plano? Chris pressionou. — Me matar? Atrair Hawes para o resgate para que você pudesse enquadrá-lo? Chris escolheu suas próximas palavras com cuidado. — Limpar o caminho para o seu chefe assumir a empresa?

Mais silêncio.

Chris abriu sua outra pasta de arquivos, pegou a única folha de papel impresso dentro dela e deslizou-a sobre a mesa. Ele persuadira Kane a lhe dar uma cópia do arquivo que falava sobre o leilão, apesar das objeções extenuantes de Holt, que concordara somente depois que Jax garantiu ao seu mentor que ele havia isolado a impressora e todos os dados da rede comum da SFPD. — Seu chefe é quem está planejando este leilão?

Os olhos de Devon se arregalaram uma fração e sua respiração engatou uma vez. Um observador comum não teria notado a reação, mas Chris a pegou. O flash de surpresa por saber que a polícia estava sabendo sobre isso. Vendo também, Wheeler



inclinou-se para olhar o papel. Chris prendeu a respiração até ver Wheeler recostar-se na cadeira, com a armadilha ainda felizmente fechada.

Chris continuou com sua linha de questionamento. — Por quê? Ele perguntou, confiando que Devon entenderia a pergunta.

— A mesma resposta, Agente Perri. Não concordo com a direção atual da empresa. Se o MCS quiser permanecer no topo do mercado, talvez seja hora de sangue novo.

Ameaças e julgamentos envoltos em linguagem de marketing. Devon desempenhou bem seu papel, exceto pela pista que ele deixou cair.

Chris pegou a folha impressa e colocou-a de volta na pasta. — Eu estou feito aqui. Ele se levantou. Obrigado, Sr. Henderson. Manteremos você em custódia até termos a chance de questionar sua colega.

Devon sorriu. — Vou querer aquele advogado agora.

Chris apostava que sim. Agora o traidor estava com pressa, sem dúvida ansioso para evitar uma noite na prisão e transmitir ao seu chefe que a polícia estava sabendo de seu plano.

— Vamos resolver isso, mentiu Chris.

Wheeler o seguiu de volta para a sala de observação. — Sobre



o que é essa impressão? Um leilão?

Chris empurrou a pasta para ele. — Leia. E certifique-se de que ninguém entre lá para falar com ele. Não quero que avise ao seu chefe, quem quer que ele seja, que sabemos sobre isso.

— Nós deveríamos interrogar...-

— Ela lhe dirá menos, confie em mim.

Wheeler recuou, pela segunda vez nos últimos minutos. Bom. Eles precisavam estar na mesma página em sua abordagem para este caso. E Chris poderia usar a ajuda de Wheeler. Ele precisava do agente para encontrar a agulha. — A reunião é em uma hora. Temos trabalho a fazer.

..*.*

A noite havia caído e o nevoeiro havia retornado quando Chris saiu da estação BART e caminhou vários quarteirões a oeste em direção a Mission Dolores. O parque da cidade e a mistura de prédios residenciais e comerciais davam a seu bairro uma vibração movimentada, não importa a hora, mas a noite fria de verão mantivera algumas pessoas dentro, o tráfego de pedestres na rua era mais leve que o normal.



A pessoa sentada no meio da escada, no entanto, não parecia nem um pouco perturbada pelo frio. Empacotada em um casaco verde-azulado, sua sobrinha estava sentada com uma caixa rosa de doces nos joelhos e um *e-reader* nas mãos, usando seu dedo indicador para passar as páginas. Seu nariz raramente saía de um livro, eletrônico ou não. Ela tinha vindo como prometido.

Chris contornou a frente da escada de cimento e apoiou uma bota no último degrau. Mia olhou para cima, mas apenas por um segundo antes de voltar a ler. — Trouxe os cannoli de visco para você.

— Você também tem as chaves do apartamento. Por que não entrou?

Ela encolheu os ombros. — Depois da onda de calor da semana passada, estou saboreando o frio.

— Foi apenas um dia. Terça-feira. O dia em que o avô de Hawes havia morrido. Houve algumas horas de sol na sexta-feira também, mas desapareceu tão rapidamente quanto chegou, assim como o disfarce dele tinha caído naquele dia.

— Um já é demais, disse Mia, trazendo-o de volta a esta semana. Ela enfiou o *e-reader* no bolso do casaco e se levantou. — Eu tive que fazer minhas pausas no freezer de doces.

Rindo, Chris subiu as escadas e abriu a porta da frente. Sua



sobrinha entrou tranquilamente, acendendo as luzes enquanto ela passeava pelo corredor em direção à cozinha, mais em casa aqui do que ele. Quando ela completou 13 anos, ele começou a pagar vinte dólares por mês a ela para que verificasse o local enquanto ele estava fora. Além de aumentar anualmente sua taxa, ela nunca reclamou feliz por ter seu próprio santuário particular. Ele bloqueou qualquer pensamento de sua sobrinha adolescente utilizando seu lugar para qualquer outra coisa. E a preocupação de que ela se ressentisse por ele estar de volta retirando assim seu refúgio. Ele gostaria de evitar um adolescente irritado; eles eram assustadores, ou pelo menos ele era quando adolescente, antes que as coisas mudassem.

Mia deixou cair a caixa de doces na ilha. — Então, quem você está subornando?

— Um técnico da SFPD. Ele me fez um favor. Ele espiou por baixo da tampa, sentindo a água inundar sua boca. — Obrigado por trazê-los. Você não precisava. Eu ia buscá-los neste fim de semana.

— Eu estava na vizinhança.

Chris levantou uma sobrancelha. Mission Dolores não estava completamente do outro lado da cidade de North Beach, mas também não estava no caminho da casa de Mia para a AB, onde ela estava trabalhando no verão.

— Ethan mora a alguns quarteirões, ela acrescentou.



— Seu namorado?

Ela levantou um quadril e colocou as duas mãos na cintura. Ao mesmo tempo, seu rosto assumiu uma expressão melancólica.
— Ele é mais do que apenas um namorado.

Ah, o amor jovem. Chris preferia lidar com a versão adolescente puta de sua sobrinha. — Você está se cuidando? Isso deveria ser suficiente.

Com certeza, a expressão sonhadora de Mia desapareceu para dar lugar a um olhar irritado e um suspiro dramático.

Chris riu. Não fazia sentido ficar com raiva também; isso não daria a resposta que ele precisava. Ele circulou a ilha, abriu a geladeira e pegou duas canecas de café gelado Blue Bottle NOLA. Ele bateu a porta com o cotovelo e colocou as caixas na ilha.

— Ooh...- Os olhos escuros de Mia se iluminaram. — Uma dessas é para mim?

Chris manteve a mão em ambos. — Quando você responder à pergunta.

Outro rolar de olhos, mas desta vez acompanhado por uma gargalhada. — Sim, Davos, estamos seguros.

Ele zombou, de forma exagerada e ofegando para o efeito. — Eu não sou tão velho! Ele deslizou a caixa sobre o balcão e depois



levantou as duas mãos, mexendo os dedos. — E eu tenho tudo isso.

Mia olhou para a caixa de doces enquanto trabalhava para abrir o café. — E, no entanto, você está contrabandeando cannoli fora de temporada como suborno.

— Touché. Nesse caso...- Ele abriu a tampa da caixa e pegou um cannoli, colocando-o em uma toalha de papel que rasgara do rolo. — Imposto sobre contrabandistas.

Antes que ele pudesse dar uma mordida, Mia enfiou a mão debaixo do nariz, palma para cima. — Me chame de Salladhor, então.

Chris não pôde deixar de sorrir. Ela era esperta, tendo superado ele na leitura de suas séries favoritas, e espirituosa por ter superado ele nessa conversa. Atrevida, como sua mãe...- costumava ser.

Ele entregou a ela um dos confeitos de chocolate branco, pistache e amora, uma versão em cannoli do pistache coberto de chocolate branco e dos biscoitos de amora que a avó Perri costumava fazer no Natal. Na primeira mordida, os dois cantarolaram de alegria e desfrutaram alguns minutos de silêncio sociável enquanto comiam.

Mas Chris não se esqueceu de onde seus pensamentos tinham parado. — Como está sua mãe?



— Muito bem. Muito rápido, muito curto. E óbvio demais em seu esforço para olhar para qualquer lugar, menos para ele. Ela terminou o café e foi até a mesa de jantar, folheando os livros ali. Ela parou quando a mão pousou no livro de capa dura na parte inferior da pilha, os dedos traçando o selo dourado desbotado na capa. — Esse era o favorito dela. Ela costumava ler para mim sempre que eu vinha aqui brincar. Mamãe não me deixava pegá-lo.

— Você lembra disso? Você tinha apenas cinco anos.

Ela sorriu com carinho, genuinamente, uma visão rara no rosto de quinze anos e se sentou na cadeira mais próxima. — É claro que eu me lembro. Ela era minha melhor amiga. Eu a adorava.

Chris jogou as caixas vazias e reivindicou o assento ao lado dela. — Ela costumava ler para mim também, todas as noites antes de dormir. Perdi a conta quantas vezes passamos por isso. Ela lia, eu fazia barulhos de personagens. Isso nunca pareceu assustá-la.

— Me assustava muito, mas valia a pena. Porque ela gostava tanto. Mia virou os olhos vidrados em sua direção, segurando suas lágrimas com pura força de vontade. Mas não conseguiu segurar as palavras, e resmungou: — Sinto falta dela.

Chris passou o braço pela sobrinha e a abraçou mais forte. — Eu também. Todos os dias. Ele engoliu em seco, lutando contra as próprias lágrimas. Esta era a parte mais difícil de estar de volta



aqui. A razão pela qual ele evitou isso nos últimos dez anos. Pegar os pedaços de uma vida perdida e tentando recuperá-la. Ao contrário de Hawes e os Madigans, ele seguiu o caminho mais fácil e fugiu de sua dor, de seus demônios, quando deveria ter se mantido perto da família que havia deixado. Quanto dano ele causara - a todos eles - deixando as coisas numa bagunça dispersa? Era tarde demais para consertar isso? Ele poderia realmente voltar para casa de novo, como sua mãe havia dito?

E o que dizer de Hawes? Ele fazia parte dessa imagem de casa? Ele pertencia a esse quebra-cabeça? E se ele pertencesse, como eles se encaixariam quando os dois continuavam dobrando as arestas e mudando a forma da peça?

Como se estivesse lendo a direção de seus pensamentos, Mia perguntou através de suas fungadas: — Você voltou para ficar? Nonna disse...-

— Estou pensando sobre isso.

Isso chamou sua atenção. Ela se afastou e olhou para ele com uma sobrancelha levantada. — De verdade? Ela perguntou com um pouco de fogo em sua voz.

— De verdade. Ele alcançou o rolo de papel-toalha atrás dele, rasgou uma folha e entregou a ela. — Mas eu não quero que você tenha muitas esperanças até que eu possa ter mais certeza.



Ela assoou o nariz, deselegantemente e sem nenhuma inibição, e o coração de Chris inchou, amando-a ainda mais por isso. Mas então seu coração se partiu com as próximas palavras. — Precisamos de alguma esperança, Tio Chris. Ela parecia sua mãe, muito cansada, mais do que qualquer garota de quinze anos deveria estar.

O investigador dentro dele levantou a cabeça, mas ele suavizou a voz. Essa era a família dele. Ele precisava ser o Tio Chris aqui, não o agente Perri. — Você quer me dizer o que está acontecendo?

— Os adultos acham que as crianças não percebem. Ela passou as unhas na toalha de papel, rasgando-a. — Eles acham que não sabemos o que está acontecendo.

Mas certas lições de sua vida profissional eram aplicáveis aqui. — Fique você sabendo, disse ele, — que, se estou na cena de um crime e há um garoto entre os espectadores, ou se Deus nos livre diretamente envolvido, ele é a primeira pessoa a quem eu vou. Eles vêem mais do que ninguém. Ele estendeu a mão e fechou a mão sobre a de Mia. — Diga-me o que você vê, Mia.

— Mamãe está tão infeliz, e papai...-

Ela endureceu, um leve arrepio que tentou esconder com uma sacudida de seus cabelos escuros, e tanto o investigador quanto o Tio viram vermelho. Apenas seus dez anos de trabalho



secreto mantiveram Chris calmo - porque era disso que Mia precisava no momento - mas sua raiva mal foi contida. — Ele machucou você?

Ela balançou a cabeça novamente. — Não, mas eu me preocupo com mamãe e com Marco. O exemplo que ele está dando. É tóxico.

— Marco é um bom garoto.

— Ele tem doze anos e é impressionável. Na semana passada, ele decidiu que o amarelo era sua cor favorita, porque o lindo monitor de acampamento gosta de amarelo. Na primavera, era roxo porque essa era a cor favorita do garoto que ele gostava nas aulas. O rolar de olhos acompanhando essa divagação foi suficiente para temperar a fúria de Chris. — Você causaria uma impressão melhor, disse ela. — Precisamos de você. Seu apelo o mudou totalmente de volta ao modo tio.

Ele circulou os ombros dela novamente e apertou. — Estou sempre aqui para você, Mia.

— Aqui...- ela empurrou contra o lado dele -...e ao telefone não é a mesma coisa.

Não, não era. Eles estavam mais afastados do que Chris imaginara. E a urgência de diminuir essa distância subiu mais um degrau em sua escala de prioridades.



Capítulo Nove

Chris não esperava que os explosivos estivessem no leilão. Estrategicamente e taticamente, não fazia sentido. Era um estoque muito grande para transportar e muito arriscado até que um acordo tivesse sido feito. Próximo, no entanto, era uma suposição razoável. Essa tinha sido a afirmação dele e de Wheeler na reunião da força-tarefa conjunta ontem. Então, quando a notícia chegou há uma hora - de Holt via Kane - de que o leilão seria realizado hoje à noite em um dos novos edifícios de uso misto de Potrero Hill, Chris havia saboreado uma pequena vitória.

Potrero era um local próximo e um dos quais eles suspeitavam se os explosivos estivessem em um dos antigos cais de Hunter's Point, do outro lado da Rodovia 101 ou em um armazém na península de South City, perto de onde os Madigans os haviam originalmente armazenado. Chris já havia enviado agentes para as duas áreas, mas nada até agora. Ele mandou um rádio para eles pedindo que intensificassem as buscas. Uma chance melhor de vitória lá do que no próprio site de leilões.



Mesmo na rua principal do bairro, o prédio tinha seis andares, com espaço comercial no térreo e unidades residenciais nos cinco andares acima. Nenhuma das unidades tinha sacada, as janelas eram irregulares e espaçadas, e todo o vidro do prédio era aquela merda de cor verde esquecida por Deus que estava por toda a cidade agora.

Uma cadela para vigiar adequadamente, agravada pela hora do rush da semana. Impossível evacuar ou isolar sem alertar o organizador do leilão. Era desafiador identificar se as pessoas que entravam no prédio eram residentes, clientes ou alvos. Era um pesadelo tático e inteligentemente escolhido exatamente por esse motivo.

E porque as unidades do último andar estavam vazias.

Houve um atraso na obtenção dos materiais para fazer os acabamentos interiores das coberturas de luxo. Embora a maior parte do restante do prédio estivesse aberta e funcionando, a cobertura ainda não estava pronta para os locatários. Chris tinha certeza de que o organizador do leilão também sabia disso.

— Conseguiu um! Jax gritou, a voz elevada sobre o barulho do tráfego na sala.

Chris se virou da janela que estava olhando. Eles estavam a dois prédios de distância do alvo, e tudo o que eles podiam ver a partir daqui - seu centro de comando improvisado da força-tarefa



em um espaço comercial vago - era a calçada que levava ao edifício-alvo. Jax, no entanto, havia conseguido uma visão melhor através da câmera no caixa eletrônico não operacional da calçada. Deveria estar em funcionamento na próxima semana, quando o banco no lobby do qual estava ligado fosse oficialmente aberto. Duas ligações - uma para o escritório local do FBI e outra para o Promotor Público - e Chris tinha uma ordem judicial para o banco ligar parcialmente o caixa eletrônico. Para os transeuntes, ele parecia morto - sem telas iluminadas, sem dinheiro para dispensar - mas Jax havia acessado a câmera da máquina, dando a eles uma visão de quem estava indo e vindo.

— Quem é? Perguntou Wheeler ao atravessar o canto mais distante, onde estava com a equipe tática.

Um dos monitores na mesa que eles montaram como uma estação de trabalho para Jax veio à vida e exibiu o rosto capturado no caixa eletrônico.

— Aposto quinhentos que é um traficante de seres humanos, Alex, brincou Jax. Outra explosão de teclas, e uma foto do capitão de um cartel apareceu na tela, junto com sua ficha criminal de uma milha de comprimento.

Um sorriso feliz apareceu no rosto de Wheeler, rápido e cruel, antes que ele se lembrasse de escondê-lo. Composto mais uma vez, ele encheu a equipe tática com perguntas de acompanhamento.



Uma oportunidade maior se apresentara, e Wheeler arrancaria todas as penas da cauda que pudesse.

Por outro lado, Chris estava tentando desesperadamente conter a onda de bile subindo pela garganta. Hawes ficaria arrasado se os explosivos de sua família caíssem nas mãos de um cartel. Ele estava levando sua organização na direção oposta. Inferno, ele vinha reduzindo sistematicamente os carteis nos últimos meses, não os ajudando.

Chris lembrou-se de sua arte na parede em casa - o “estranho” que ele marcou com um X no lado direito do organograma. Seria um cartel o jogador de fora ali? Eles estavam tentando remover a ameaça contra eles planejando um golpe contra Hawes? Fazia sentido tático e lógico, mas Chris achava difícil acreditar que Amelia se aliasse a uma organização que comercializasse drogas e pessoas. Ela tinha suas falhas, tinha sido vítima da tentação do poder, mas todos tinham uma linha vermelha, e Chris não achava que ela cruzaria essa.

— Conseguiu outro! Gritou Lance, o agente do ATF que dirigia a estação ao lado de Jax.

Atrás deles, Wheeler empalideceu e moveu a mão em direção ao braço lateral, como se por instinto. Um rosto apareceu na tela ao lado de Lance, e Chris quase perdeu a batalha contra a bÍlis. Ele entendeu a reação de Wheeler, entendeu por que cada LEO na sala



estava em alerta máximo. Chris não precisava ver a ficha de antecedentes criminais deste. Todos eles conheciam esse imbecil. Um supremacista branco com seguidores on-line raivosos, que estava conectado a meia dúzia de incidentes de terrorismo doméstico, que sempre conseguia escapar de acusações e que era suspeito de fazer ameaças contra escritórios de imigração em cidades-santuário, incluindo San Francisco. E aqui estava ele na cidade de Chris, dando lances para obter armas e fazer exatamente isso. Novamente. O mesmo que ele tentou fazer na noite em que Izzy morreu. Foi o último relatório que ela registrou antes de seu assassinato. Isso - *hoje* - estava conectado àquela noite, três anos atrás? Isso era mais do que apenas uma tentativa de golpe?

O estômago de Chris revirou, forçando-o a se virar e recuperar o fôlego. Apoiando a mão aberta na janela, ele esperou que o vidro frio acalmasse seu interior fervente. Ir devagar, era melhor do que abrir um buraco na parede, ou pior, xingar alto enquanto Wheeler estava no telefone com o Departamento de Segurança Interna dos EUA.

— Não era isso que eles queriam, disse Kane, juntando-se a ele na janela.

— Eu sei. Se os explosivos caíssem nas mãos do capitão do cartel, isso devastaria Hawes, mas se esse poder de fogo caísse nas mãos de um fanático perigoso - alguém que o usaria contra sua cidade - seria mais do que a alma de Hawes poderia suportar. — Ele



está apenas tentando protegê-los, disse Chris enquanto olhava para a calçada lotada. — Todas essas pessoas cuidando de seus assuntos na hora do rush. Alheios à ameaça caminhando entre eles. Inconsciente de que se esses explosivos caíssem nas mãos erradas, eles poderão estar mortos amanhã.

— Tudo isso apenas para financiar a aquisição.

Chris olhou para Kane. — É isso que você acha?

O chefe não respondeu.

— Nem eu, disse Chris. — Algo está errado.

— Alvo Alfa avistado, disse Lance, e Chris se virou, não acreditando em seus malditos ouvidos.

No entanto, não havia como negar seus olhos. A captura de tela do caixa eletrônico não mentiu. Terno escuro, justo, camisa social escura, olhos azuis brilhantes e cabelos castanhos claros agitados pela brisa. Hawes Madigan. Queixo erguido, seus belos ângulos agudos em plena exibição, ele caminhou para o último lugar na terra que deveria estar. Imperioso, confiante, como se fosse o dono do lugar.

— Você pode diminuir o zoom? Chris disse para Jax.

Algumas teclas depois, eles tinham uma visão mais ampla de Hawes e seus arredores. E da ausência de outros agentes. Ele



estava sozinho.

— Foda-se! Chris amaldiçoou.

Jax lançou-lhe um olhar preocupado, enquanto Wheeler gritava novas ordens para as equipes táticas. — Madigan está no local. Mova-o para a prioridade um!

— Os explosivos são a prioridade um! Chris insistiu. — O estoque e o vendedor são nossos principais alvos.

— E não estou convencido de que Hawes Madigan não seja nosso vendedor, rebateu Wheeler. — Se você estiver certo e ele não for, então que assim seja. Mas ele ainda é um alvo da agência. Eu posso pegá-lo, as armas, o vendedor e mais dois outros criminosos. Essa mesma alegria apareceu em seu rosto novamente, muito poderosa para conter. — Vai ser um bom dia.

Ou um dos piores dias da vida de Chris.

..*.*

— Imagens térmicas indicam que os licitantes estão indo para diferentes unidades no piso superior. No total, três. Jax não precisou levantar a voz agora que restavam apenas algumas pessoas. As equipes táticas, compostas por agentes da ATF e



oficiais da SFPD, haviam deixado o centro de comando trinta minutos atrás, se posicionando no local ou próximo ao leilão. Vestidos com roupas simples sobre equipamentos táticos, eles entraram no prédio como se fossem residentes ou compradores. Eles permanecerão lá até Wheeler encaminhá-los para a próxima posição.

— Alguma indicação de quem é e onde está o vendedor? Perguntou Wheeler.

— Não sei quem, disse Jax, —...mas talvez esteja nesta sala aqui. O prédio era em forma de U, e a cobertura que Jax indicou ficava na extremidade superior da ala sudeste, o mais longe possível das outras unidades ocupadas e que ficavam nos lados oeste e norte do edifício.

— A curva para a ala sudeste deve estar protegida contra qualquer um que tente entrar no corredor até a unidade isolada, disse Chris.

Jax assentiu. — E do outro lado do corredor há um elevador de serviço. Acesso separado do elevador da área comum que os compradores subiram. — Ele apontou para o conjunto principal de elevadores no centro do edifício, na parte inferior do U.

— Mais alguma coisa? Kane perguntou.

— Duas outras pessoas subiram a escada norte, mas



voltaram e saíram no quinto.

— Provavelmente apenas residentes que estavam conversando e foram longe demais, disse Wheeler. — E no andar de cima? Algum outro movimento?

— Alguém está indo e voltando da sala isolada para as outras unidades.

— As ofertas de lances, Chris supôs.

Wheeler apontou para a imagem térmica da pessoa que permanecia no quarto do suposto vendedor enquanto um outro andava de um lado para o outro entre ele e os outros. — Essa figura ainda deve ser Madigan.

Aqui vamos nós novamente.

— Não é ele, disse Chris. — Ele não é o vendedor.

— Se ele não é o vendedor, então que porra ele está fazendo lá?

Chris apontou um dedo para a sala do vendedor. — Tentando descobrir quem é, assim como nós. Então ele apontou para os outros quartos. — E tentando descobrir se algum deles está envolvido nisso. Ele não negocia mais com pessoas como essas.

— Ou ele é o terceiro comprador, disse Wheeler, apontando para os três quartos ocupados pelo comprador. — Está lá para



comprar de volta os explosivos. Eu o peguei, Perri, de um jeito ou de outro.

— Porra, Scotty, ele está tentando mantê-los longe dos outros.

Kane ficou entre eles, a voz calma e nivelada. — Os explosivos não estão aqui. Já falamos sobre isso.

— Mas alguém naquele prédio vai nos levar aos explosivos. Wheeler se virou e levou o comunicador à boca. — Equipes, subam para a segunda posição.

Chris xingou de novo e recuou para o canto oposto. — O que diabos eles estão fazendo? Ele perguntou quando Kane se juntou a ele. — Não estão apenas observando.

Kane segurou o telefone para que Chris pudesse ver o registro de chamadas não atendidas para Holt. — Ele não está respondendo a mim ou a Jax.

Aquela pontada de dúvida no fundo da mente de Chris soou alto como uma buzina. Mais alto ainda, enquanto Wheeler transmitia as equipes pelo rádio para convergir para o quinto andar, um abaixo da cobertura. — Se este leilão não é para financiar o golpe, então o que é isso? Disse Chris.

— Poder, respondeu Kane. — É disso que sempre se trata. Hawes e seus irmãos têm. A oposição quer que eles possam levar a



organização em uma direção diferente. Para trás.

Chris pegou o fio. — Então suponha que este leilão também seja sobre poder. O vendedor organizou os compradores assim de propósito. Em salas separadas e apenas se comunicando através de um mensageiro

— O vendedor está mantendo cada comprador em uma corda, controlando-o, disse Kane. — Eles podem manter o leilão em andamento ou encerrá-lo.

No controle. Desligue isso.

As palavras, as pequenas imperfeições, se transformaram em um único som, um único pensamento. Este leilão não se tratava de alianças com pessoas de fora ou apenas para limpar Hawes do mapa. Tratava-se de consolidar poder, ponto final. — Porra! É uma armadilha. Como Chris pensava que poderia ser, mas não pelo motivo e pela pessoa que ele pensava. — Não apenas para Hawes.

— Eles querem acabar com os compradores, seguiu Kane.

Chris assentiu. — E com todos esses agentes e oficiais lá também. — Foda-se! Chris moveu-se para ir, mas Kane agarrou seu antebraço.

— Você fica, eu vou.

— Brax...-



Olhos castanhos duros colidiram com os dele. — Eu fiz uma promessa.

— Para Hawes?

— Tão bom quanto. Ele moveu o olhar para Wheeler. — E você precisa ficar aqui para convencê-lo a evacuar. Ele não vai me ouvir, mas pode ouvir você. Você tem que fazê-lo recuar.

Kane não deu a Chris a chance de discutir. Ele soltou o braço e correu em direção à saída. Chris também não perdeu tempo, cobrando a Wheeler. — Recue! É uma armadilha!

Jax girou na cadeira deles. — O que?

— Eles vão explodir o lugar.

— Hawes? Perguntou Wheeler. — Os Madigans?

— Não! Chris gritou. — A pessoa que o quer morto. Ele apontou enfaticamente para os quartos ocupados pelo comprador. Salas com grandes jogadores do submundo esperando por eles como patos sentados. E eles também. Todo mundo que pode desafiar seu poder.

Wheeler hesitou. Bom. — Você sabe disso com certeza? A apreensão que poderíamos fazer...-

— Não vale a pena a vida de nossos agentes ou das pessoas inocentes.



— Nós não sabemos...-

— Agente Wheeler, Jax chamou. — Vendedor e mensageiro estão em movimento.

Ele e Chris se viraram. — Qual direção?

— Descendo pelo elevador de serviço.

— Eles estão saindo de cena, disse Chris. — Antes de colocarem alguns desses explosivos em uso.

Um rádio estalou e uma voz em meio a um monte de estática veio, resolvendo depois de um momento. — Equipe beta para centro de comando. Wheeler transmitiu a confirmação por rádio e o líder da equipe continuou. — Temos um dispositivo na escada norte.

Os olhos de Wheeler se arregalaram. — Que tipo de dispositivo?

— Receptor para um detonador remoto.

— Você pode desarmar isso?

O elevador de serviço abriu no piso inferior. Eles tinham segundos antes que o vendedor e o mensageiro deixassem o prédio. E explodissem tudo. — Não há tempo, disse Chris.

Wheeler não hesitou. — Abortar! Puxe os alarmes, limpe os andares inferiores. Protocolos de evacuação de emergência. —



Wheeler enfiou um rádio na mão de Chris. — Me ajude a coordenar.

Sirenes soaram no ar e moradores - e LEOs - começam a sair do prédio. Tudo o que Chris queria fazer era correr para lá e garantir que Hawes saísse vivo também, mas Kane já estava nele. Chris tinha que priorizar a saída dos residentes, agentes e oficiais.

— Jax, disse ele. — Fique de olho nessa saída de serviço. Toque e grave as filmagens próximas. Chris esperou o aceno em concordância dele e voltou a atenção para onde era necessário. Ele levou o rádio à boca e trabalhou em conjunto com Wheeler para acelerar a evacuação.

Wheeler estava fazendo um relatório da situação com suas equipes quando Jax interrompeu. — Agente Perri, tem algo aqui que você precisa ver. Ele esperava imagens ao redor da porta de serviço, uma possível identificação no vendedor. Em vez disso, eles pegaram as imagens térmicas no último andar e rebobinaram os últimos dois minutos. Enquanto agentes e oficiais estavam ocupados limpando os andares inferiores, e o vendedor e o mensageiro estavam descendo o elevador de serviço, os compradores em seus quartos não haviam feito... nada. Eles estavam perfeitamente imóveis.

Muito quieto.

— Que porra é essa? Chris ainda estava tentando montar quando, atrás deles, Wheeler confirmou: — Os pisos inferiores estão limpos.



— E Kane? Jax perguntou. — Onde está o chefe?

Wheeler transmitiu um rádio, sem resposta. Chris tentou também, sem conseguir nada melhor.

— Ele está no último andar? Wheeler perguntou. — O que está acontecendo lá?

— Os compradores ainda estão em seus quartos, Jax respondeu vagamente com um movimento de seus olhos para Chris.

— Podemos seguir em frente...-

O que quer que Wheeler dissesse, a resposta seria não, eles não podiam. As janelas quebraram, um estrondo ecoou e metade do último andar explodiu em chamas.

Com Hawes e Kane ainda lá.

..*.*

O coração de Chris parou e depois ficou de pé junto com o estômago cheio de ácido. Ele agarrou a cadeira de Jax, lutando para impedir que o resto do seu peso desabasse com a sensação de perda.



Ele não queria acreditar. Ele fechou os olhos, bloqueando a fumaça e o fogo e rezando para que essa terrível realidade fosse como a voz de Izzy em sua cabeça, uma invenção de sua imaginação. Que qualquer sinal de explosão teria desaparecido quando ele os abrisse novamente. Não teve tanta sorte. Na realidade, a fumaça subia mais escura e as chamas ardiam mais fortes.

Dois bons homens. Se foram. Um amigo e um policial competente em Kane. Algo infinitamente mais intrigante, mais promissor, em Hawes. A chance de algo real juntos era pequena - um homem da lei e um homem constantemente caçado pela lei, que só acontecia nos livros que ele lia - mas foda-se se essa pequena possibilidade não tivesse se infiltrado em sua mente tão profundamente quanto ele se infiltrara na organização de Hawes .

E agora aquela peça do quebra-cabeça se fora. Não apenas os cantos dobrados e esfarrapados da semana passada de verdades inconstantes. Longe, e nesse segundo, Chris jogou fora a questão de saber se Hawes tinha sido uma peça daquele quebra-cabeça para ele. A imagem de casa - pelo menos aquela na cabeça de Chris - seria incompleta sem ele. Ele seria uma terceira peça que faltava, como a que perdera há uma década e a de Izzy há três anos.

E, porra, se o vazio no peito de Chris não fosse suficiente para roubar seu fôlego, ele odiava pensar em como Helena e Holt reagiriam quando eles ficassem sabendo. Depois de perder Papa Cal



para a morte e Amelia para a prisão, a família poderia voltar de um golpe duplo como esse?

Os pés de Chris - sua alma - coçavam com a necessidade de correr. Mergulhar de volta no seu caso, no esquecimento. Mas como, quando suas melhores pistas sobre o assassino de Izzy se foram? Trabalhar com Hawes, com os Madigans, com Kane, tinha sido sua melhor chance de chegar à verdade. Ninguém mais vingaria sua parceira. Tran deixara isso claro. Chris estava mais perto do que qualquer outra pessoa, mais perto do que ele já havia conseguido. E agora tudo se fora também.

Falha na missão.

Enquanto Chris lutava para se manter de pé, Wheeler caminhava de lá para cá do outro lado da mesa, passando a mão pelos cabelos. Não mais tão perfeitamente penteado. — Você pode obter alguma leitura?

— O fogo está muito quente no último andar, respondeu Jax. — Verificando a parte inferior... Espere... tenho quatro corpos descendo a escada de serviço.

— Equipe Alpha, convergir para a saída da escada de serviço, ordenou Wheeler. — Possíveis alvos.

A porta de serviço - à vista da câmera do caixa eletrônico e mais de meia dúzia de câmeras de capacete tático - se abriu. Fora



da fumaça ondulante, caminhavam dois homens, cada um com uma criança nos braços. Dois homens que Chris nunca ficara tão feliz em ver em sua vida.

— Recue! Ele forçou em torno de seu coração martelando, que disparara de seus pés até a garganta. — Recue!

Wheeler ofegou. — Esse é Madigan.

— E Kane, Chris respondeu. — Carregando duas crianças resgatadas de um prédio em chamas, então pela primeira vez em sua vida, pare com isso!

Reprimido, Wheeler levantou uma mão e ergueu o rádio na outra, retransmitindo a ordem para se afastar. — Eu só quero falar com Madigan, disse ele, depois que as temperaturas na sala esfriaram.

— Eu também, mas ele não vai a lugar nenhum. Chris acenou com a cabeça para os federais de vigilância, que mostravam Hawes e Kane do outro lado da rua do prédio agora, sendo cercados por pais e residentes aliviados, enquanto EMS e policiais esperavam no local à margem da multidão. Eles estavam cercados. E se isso não fosse o bastante, em cada extremidade do quarteirão havia vans de imprensa. — Você terá sua chance. Mas, Hawes Madigan acabou de salvar duas crianças, e juntamente com Kane, quem sabe quantos mais entre agentes, oficiais e residentes.



Wheeler apontou um dedo acusador para o outro monitor, no último andar do prédio que continuava a arder. — Enquanto ele deixava os compradores queimarem.





Capítulo Dez

Tão ruim quanto parecia inicialmente, a explosão foi relativamente contida. Recém-construído, o edifício estava equipado com os mais recentes equipamentos de combate a incêndios, e o SFFD¹¹ estava por perto e em alerta para apoiar a operação. Apenas as coberturas do último andar ocupadas pelos compradores foram materialmente danificadas.

Apenas o suficiente para cobrir as evidências. Exatamente como o esperto organizador do leilão pretendia. Algumas horas após o evento, Chris já havia elaborado a matemática. Somando os compradores ainda imóveis vislumbrados na tela pouco antes da explosão, além dos restos carbonizados dos corpos que haviam encontrado nas coberturas, além do que havia aprendido sobre a maneira como essa nova geração de Madigans via seu papel na justiça, a soma da equação era óbvia.

Tinha sido um trabalho de merda. Orquestrado pelos Madigans, ou perfeitamente aproveitado quando a oportunidade se apresentara. Independentemente disso, Chris estava fodidamente

¹¹ San Francisco Fire Department. Corpo de bombeiros de São Francisco



chateado. Ele havia sido deixado de fora da merda, o pessoal dele e de Kane havia sido ameaçado de maneira imprudente e, o pior de tudo, ele teve que assistir Hawes entrar em uma armadilha, pensar que ele fora pego e, por dois minutos angustiantes, acreditar que ele estava morto. Ele fizera Chris duvidar de sua missão, seu propósito, seu plano florescente de ficar aqui e fazer um lar. O fez esquecer-se de ser o tio que Mia e Marco precisavam, o irmão em quem Celia podia confiar e o filho Glória merecia. Hawes enviou seu interior em uma montanha-russa e quase o fez correr.

E para quê? Uma maldita afirmação de poder. Uma guerra que, apesar de aparentemente ligada à morte de Izzy, não iria parar se Chris resolvesse a última. Uma batalha que Hawes e seus irmãos claramente pretendiam lutar por conta própria. Concedido, Chris estar do lado de fora olhando era em grande parte devido à sua própria traição, mas isso era mais do que apenas ele. Holt estivera sentado no escritório de Kane, olhara-os nos olhos e não dera nenhuma indicação de que isso não nada mais do que uma operação que eles estavam planejando. E essa ordem, sem dúvida, tinha vindo de Hawes, que havia arriscado mais do que apenas sua própria vida.

Mas Chris não podia ficar bravo com ele, literalmente. O alvo de sua raiva o havia esquecido nas horas seguintes após a explosão, enquanto era tratado como um maldito herói. Os canais de notícias locais fizeram um loop das filmagens de Hawes e Kane



saindo do prédio com aquelas crianças, e até os agentes e oficiais estavam lidando com Hawes com luvas de pelica.

Todos, exceto Wheeler, que não comprou o Hawes estava vendendo, que estivera no prédio esta noite para ver uma das unidades da cobertura. Não comprou que Hawes não havia chegado ao seu destino antes da explosão. O gerente de vendas da propriedade confirmou o que Hawes disse, é claro. Essa era a pessoa que ficara no “quarto do vendedor” enquanto Hawes corria para os compradores? Chris se perguntou quanto Hawes pagara ao sujeito para arriscar sua vida e tempo de prisão.

Wheeler não acreditava em Hawes ou no gerente da propriedade, mas deixou passar temporariamente. Ele estava muito ocupado limpando a quase bagunça que fez enviando agentes para uma zona quente. Da mesma forma, Kane estava ocupado lidando com o papel do SFPD na situação, além de atender às solicitações da mídia e sufocar sua própria raiva fervente. Chris não tinha certeza de qual deles estava mais irado. Kane também foi deixado de fora do caminho, colocou inadvertidamente seus oficiais em perigo e correu para um prédio pronto para explodir e “salvar” a vida de um amigo. Chris tinha certeza de que Hawes e companhia ouviriam sobre isso do chefe, se eles sobrevivessem à ira de Chris primeiro. Tão bravo quanto estava, ele poderia merecer o título de Matador do Rei que Wheeler estava tão ansioso para colocar nele. O risco que Hawes correu hoje, se Chris estivesse certo, foi alto



demais.

Ele estava tão bravo, tão distraído correndo cenários em sua cabeça do que ele faria com Hawes Madigan se ele pudesse encontrá-lo, que Chris quase caiu em sua bunda quando entrou em seu apartamento e encontrou seu alvo ao lado da ilha da cozinha, bebendo uma cerveja. Livre da fuligem e do terno, vestido casualmente com jeans e uma camiseta do Giants, Hawes parecia ter acabado de voltar do estádio e não como se ele mal tivesse escapado de uma explosão.

— Sr. Perri.

De pé no vestíbulo, Chris foi atingido pela dissonância emocional. Alívio, surpresa, desejo e a raiva acalorada que fervera durante toda a noite, ebulindo e queimando as outras emoções. Mas ele seria condenado se deixasse Hawes ver isso. Não até ele receber suas malditas respostas.

Chris tirou o casaco e o pendurou na prateleira ao lado da porta. Movimentos praticados e cotidianos para manter a raiva em evidência. Perguntas inocentes e conversa trivial para liderar as grandes. — Você está adicionando arrombamento e invasão à sua ficha criminal?

— Não seria a primeira vez.

Chris mediu seus passos no corredor, forçando sua marcha a



permanecer casual enquanto passava por Hawes a caminho de seu quarto. — Você descobriu onde eu morava, disse Chris enquanto se movia pela sala. Ele abriu o armário e guardou a arma no cofre com o outro coldre vazio.

Hawes moveu-se ruidosamente pela cozinha. — Depois que eu obtive o nome certo, não foi muito difícil.

Chris verificou se a porta trancada do quarto entre seu próprio quarto e o escritório estava segura e sem ser mexida, depois voltou para lidar com seu intruso. — Tenho certeza de que não foi difícil para Holt, disse ele, se pondo ao lado de Hawes na ilha da cozinha.

Hawes entregou-lhe uma garrafa aberta e depois deu uma longa tragada na nova garrafa que ele pegou para si mesmo. — Ele é bom no que faz.

— Acredito que não como um mensageiro.

— Oh, ele é bom nisso também. “Apenas observar”. — Fiquei sabendo disso. Eu simplesmente não dei atenção.

— Ou você configurou tudo isso, para começar.

Hawes sorriu ao redor da boca de sua garrafa, e foi necessário todas as restrições que Chris pode conjurar para esperar até Hawes abaixar a garrafa dos lábios antes de arrancá-la de sua mão e batê-la na bancada de azulejos.



Tanta coisa para ir com calma. Pelo menos ele não quebrou a garrafa. — Que porra você estava pensando?

Hawes, por outro lado, era a epítome da frieza. Do controle. Quadril apoiado na ilha, ele girou para encarar Chris. — Por que eu deveria lhe contar alguma coisa? Eu não confio em você.

— Então por que você está aqui?

— Você acha que eu quero estar?

Chris zombou. — Por favor, você não estaria aqui se não quisesse estar.

— Eu não *deveria* estar aqui. Um flash de fogo naqueles olhos, uma rachadura no gelo daquele exterior frio. — Eu não confio em você. Mas depois de hoje, você é o único que... Ele se interrompeu e virou o rosto, também se afastou, mas Chris agarrou seu pulso e segurou-o contra a mão no balcão.

Uma inspiração aguda. Mais rachaduras.

Chris queria o resto da frase. Queria engolir essa inspiração. Desesperadamente, em ambos os casos. Mas ele ainda precisava de suas fodidas respostas. Precisava deixar claro que o que acontecera hoje não poderia acontecer novamente, pelo bem de todos.

— Você deixou a mim e a Kane fora do circuito. Um pouco de sua raiva anterior voltou à tona, e ele forçou-a a descer, nivelando a



voz, como havia feito com Mia na noite passada. Ele queria dizer o que queria, sem afastar Hawes. — Você colocou meu pessoal e de Kane em perigo hoje. Você colocou Kane em perigo. Porque você não nos contou a história toda. Eu quero isso agora. Talvez eu não mereça sua confiança, mas eu mereço pelo menos isso.

Hawes inalou profundamente, como se estivesse se concentrando, então, sem esforço, libertou sua mão. O controle de Chris era pura ilusão a esse respeito. Mas Hawes não se afastou. — Você é um federal.

— O que você disser fica entre nós. Eu não vou entregá-lo.

Hawes sustentou seu olhar por um minuto agonizantemente longo, avaliando, antes de recuperar a cerveja e dar um longo gole. — Eu estava pensando que estava cansado de jogar na defesa, disse ele enquanto abaixava a garrafa. — Que eu queria ir para a ofensiva.

— Você estava tentando atraí-los? Como Hawes havia feito no funeral de Papa Cal na semana passada. Ele também estava cansado de esperar.

— *Tentando* é a palavra de ordem. Eu também precisava testar a teoria do influenciador externo.

— Os outros compradores. Chris se perguntava a mesma coisa. — E?



— Esses três não estavam envolvidos, o que me dá algum conforto.

— Vi dois entrarem - cartel e o neo-Nazista. Quem era o terceiro?

— Um traficante de armas que tinha uma unidade no prédio.

— Então você matou os três?

Hawes deu de ombros. — Isso me dá um certo conforto também.

— Jesus, Madigan. Chris segurou sua própria cerveja na testa, rezando por paciência e esperando futilmente que a garrafa gelada contivesse a onda de raiva que o dominava.

— Eu também tinha contratos com eles.

— Foi tudo muito conveniente, então?

Hawes levantou uma sobrancelha. — Você está realmente discutindo em nome de um traficante de seres humanos, um supremacista branco e um traficante de armas, sendo que todos eles ameaçaram nossa cidade e escaparam da justiça várias vezes?

Chris bebeu da garrafa.

Um canto da boca pecaminosa de Hawes se levantou. — Achei que não. Ele colocou a garrafa de lado, abriu os dedos



cerrados de Chris e depois se aproximou, deixando poucos centímetros entre eles. — Eu precisava mostrar a quem quer que esteja por trás desse golpe pelo poder que conheço o jogo que eles estão jogando, que eu também posso jogar e que não tenho medo de fazer o que é preciso para vencer. Que lutarei pelo que é meu e pela maneira como faço as coisas. Foi-se o gelo. Seus olhos estavam energizados, transbordando com a confiança de um rei. E aquecido, a expressão neles uma versão ampliada do fogo que Chris vira neles ontem na estação BART. Logo após a queda, logo antes daquele beijo muito breve.

Chris levantou a mão, querendo desesperadamente tocá-lo, afundar-se nesse feitiço baseado no desejo que estava afastando sua raiva e no alívio de ver que Hawes estava seguro. E aqui com ele. Mas que direito ele tinha? Sim, Hawes iniciou o beijo ontem, mas depois de tudo o que aconteceu entre eles, após a traição de Chris, ele não tinha direito a nada mais de Hawes do que o que ele já havia lhe dado. Especialmente quando isso era a última coisa que Chris deveria estar fazendo.

No entanto, Hawes não lhe deu uma escolha. Ele capturou a mão agitada de Chris e a colocou em sua própria cintura, incentivando o toque, restabelecendo a conexão. — Eu queria saber quem estava vendendo os explosivos, disse ele. — Esta foi a maneira mais rápida de obter uma chance dessa informação.

Deslizando a mão sob a bainha do pulôver, Chris enrolou os



dedos na pele quente e esfregou o polegar sobre a saliência do quadril de Hawes. — Você disse que não estava mais usando os explosivos.

— Eu não usei.

Chris soltou a mão, esquecendo tudo sobre os ângulos agudos de Hawes. — Repita isso?

— Eu não armei ou explodi esses explosivos. Indignação justa passou pelo rosto de Hawes. — Eu não arriscaria todos os residentes inocentes, ou o gerente da propriedade na sala de controle, ou você, ou Brax, ou seu pessoal. Você estava errado sobre essa parte. Ressentimento deu lugar a um sorriso astuto e satisfeito. — Mas meu plano funcionou.

— Porque o verdadeiro vendedor esteve lá para definir esses explosivos.

Assentindo, Hawes diminuiu ainda mais os centímetros entre eles e passou a mão no peito de Chris. — Podemos descobrir pela linha do tempo. Talvez a identidade deles. Você faz o seu trabalho, e nós fazemos o nosso.

— Por que você nos contou sobre o leilão, mas não a história toda?

— Eu arrisquei na possibilidade de conseguir entrar e sair a tempo. Se o vendedor estivesse lá ao mesmo tempo que eu, eu o



teria entregue a você. Eu precisava dos LEOs no local para isso, e no caso de algo dar errado.

— Você considerou que eles - ou nós - poderíamos ter virado a armadilha contra você?

— Sim. Lembre-se, eu não confio em você... Hawes desviou o olhar e deu um passo atrás. A atração magnética entre eles puxou o interior de Chris, tornando a ausência dolorosa depois de terem estado tão próximos novamente. Ainda mais quando Hawes girou nos calcanhares e caminhou em direção ao seu canto de leitura. Ele apoiou um braço sobre a cabeça, encostado no vidro da janela. — É por isso que era apenas eu lá.

Chris temia que essa fosse a resposta, lembrando as imagens de vigilância de Hawes se aproximando do prédio sozinho. Holt certamente estava em seu ouvido, mas ele não tinha nenhum backup no local.

— Você teria se sacrificado, disse Chris quando parou ao lado do final da espreguiçadeira.

— Você não faria essa promessa, a de não se sacrificar. E eu também não. Se isso é o que é necessário para manter minha família e cidade...- ...e você, a salvo.

— Como diabos eu devo argumentar contra isso, Madigan?

Hawes girou e descansou contra a janela. Ele levantou o



queixo e os olhos, ambos desafiadores. — Não pode.

Muita confiança e um desejo sombrio de morte. Antes e agora.

Chris fechou a distância entre eles e apoiou as mãos em ambos os lados da janela, prendendo Hawes. Mantendo-o perto, combatendo a perda que quase o atingira hoje. — Não me mantenha no escuro. E não me faça ver você quase morrer de novo.

Hawes se afastou da janela e trouxe seus corpos juntos, seus lábios a um fôlego de distância. — Eu sou apenas um alvo.

— Não fodidamente minta também.

Chris certificou-se de que ele não soltar mais mentiras, esmagando a boca dele com um beijo que impossibilitava palavras, pensamentos e respiração. Todo desejo, alívio, frustração e medo que ele acumulou nas últimas quatro horas, nos últimos quatro dias, foram liberados, levando-o a pressionar Hawes contra a janela, a passar as mãos por todos os ângulos agudos, a mergulhar a língua entre os lábios de Hawes para dentro de sua boca, provando toda essa confiança. Provando sua submissão quando Hawes levantou os braços acima da cabeça e agarrou os dois lados da moldura da janela. Aberto e espalhado como ele tinha estado na escada de seu apartamento na semana passada. Hawes também precisava de alívio - do controle rígido que ele tão habilmente havia exercido hoje - e Chris queria dar a ele, queria aquela confiança de



volta, talvez mais do que ele jamais desejou alguma coisa.

Mas Chris hesitou, a conversa anterior voltando à sua mente, uma onda de remorso enrolando como o amado nevoeiro de Hawes em suas veias. Culpa pelas mentiras que ele havia contado. Ele enrolou os dedos em volta dos pulsos de Hawes em um aperto leve pressionou suas testas juntas. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, porém, Hawes rolou os quadris e pressionou seu pau duro contra a virilha de Chris. Chris não conseguiu conter um gemido, e Hawes piscou para ele com olhos escurecidos pela luxúria.

Olhos que queriam se render, mas Hawes entendia a quem? Lembrando novamente seu remorso, sua culpa, a confiança que ele precisava reconquistar, Chris afastou seus quadris e soltou um dos pulsos de Hawes. Ele abaixou a mão e segurou a bochecha de Hawes. Hawes acariciou a palma da mão de Chris e ele quase perdeu sua determinação de vez. Toda aquela suavidade por baixo dos ângulos agudos era como um laço em torno de cada parte sensível de Chris, irremediavelmente envolvendo-o.

O estalo satisfatório de uma peça do quebra-cabeça encaixando no lugar.

Ele esfregou o polegar sobre a adorável e afiada mandíbula de Hawes, esperando Hawes erguer os olhos novamente. — Você tem certeza disso? Ele apertou o pulso de Hawes ainda sob sua mão



contra o vidro. Não havia como confundir sua pergunta. — Antes, você entregou isso a alguém que eu não era e sinto muito por isso.

Hawes passou a mão livre pelo pescoço de Chris e acariciando os cabelos em sua nuca. Com os dedos abertos, ele penteou para fora e forçou o elástico do cabelo de Chris, libertando seu coque. — Você disse que eu podia confiar em você. Ele passou os dedos pelos fios longos, causando um arrepio no corpo inteiro de Chris. — Não foi tudo mentira, foi?

— Você pode, e não, não foi. Chris suspirou suavemente, impotente. — Porra, Hawes, a maior parte era verdade, mas lamento muito pelas partes que não eram.

Emoções conflitantes, muitas para dissecar naquele momento, correram pelo rosto de Hawes, fluíram para os dedos que se apertaram nos cabelos de Chris e depois queimaram. Hawes derreteu sob ele, e Chris o segurou com seu corpo, pressionado entre ele e o vidro novamente. — Eu também sinto muito, Hawes sussurrou com voz rouca. — Por não lhe dizer a verdade.

— Você tinha suas razões.

Ele limpou a garganta. — Eu conhecia os riscos hoje, fiz o que tinha que fazer pela minha família, minha cidade. Ele desembaraçou os dedos dos cabelos de Chris e ergueu a mão, colocando o braço de volta à posição, espelhando o outro. — Agora eu preciso deixar ir, *por mim*. É por isso que estou aqui. Eu quero



fazer isso *com você*. Eu *preciso*.

Deixando os braços de Hawes no alto, Chris passou as mãos pelo seu comprimento tonificado, através do peito largo de Hawes que levava a uma cintura cônica, depois sob o pulôver e a camiseta fina. Ele espalhou as mãos sobre a pele fria de Hawes e seus abdominais ondulados, em seguida as desceu por seus quadris e sob a cintura da calça jeans. Suas nádegas estavam frias da janela e gloriosamente firmes e redondas, enchendo as mãos de Chris. Ele puxou Hawes para frente com um grunhido e moeu seus pênis juntos. — Como diabos eu devo ir contra isso? Discutir sobre qualquer coisa.

Apertando a moldura da janela, Hawes usou os abdominais, da mesma forma como tinha feito na sexta feira levantando a parte inferior do corpo e circulando a cintura de Chris com as pernas, capturando-o e trancando-o. — Mesma resposta. Não discuta.

Chris cedeu e voltou à boca de Hawes, até que outras necessidades se tornaram mais urgentes. Por mais que ele amasse o corpo flexível e poderoso preso entre ele e a janela, amasse o pênis de Hawes contra seu abdômen, cada canto de sua boca, uma com qual já estava muito familiarizado, ele amava mais ainda o pensamento de um Hawes nu. E essa posição não era propícia a tornar seus pensamentos realidade.

Com as mãos nos pulsos de Hawes, Chris colocou os braços



atrás das costas de Hawes. Com a sugestão, Hawes curvou as costas e empurrou o peito para frente, depositando mais do seu peso em Chris. — No três.

Chris pulou o um e dois. — Três, disse ele, e puxou-os da janela. Girando, ele deu dois passos e colocou um joelho na espreguiçadeira. Colocou Hawes contra a quina, estendendo os braços por cima da espreguiçadeira e as pernas metade sobre e metade fora das almofadas do assento, suficientemente largas para Chris se arrastar entre elas.

Hawes aninhou-se nas almofadas e sorriu. — Definitivamente mais macio que a janela.

— Quer saber o que não está nem um pouco macio? Chris fechou a mão em seu pênis através da calça jeans, esticando o jeans por todo o seu comprimento.

O sorriso de Hawes se transformou em um rosnado arbitrário. — Traga isso para mim.

Chris quase cedeu ao comando contagiado pelo desespero de Hawes. Podia se ver alimentando Hawes com seu pênis, podia imaginar o quão bom o estrondo de seu gemido seria em torno da ponta. Mas ainda não. — Vamos chegar lá, prometeu, voltando à tarefa de despi-lo.

Ele passou as mãos sob o pulôver e a camisa de Hawes e,



lentamente, passou-as pelo torso, torturando com língua e dentes cada centímetro de pele que ele expunha. — Quando terminarmos aqui, ele disse entre lambidas e beijos, — quero que você fique.

— Eu não posso. Hawes ofegou quando Chris mal respirou em um mamilo. — Eu preciso...-

— Durma na minha cama hoje à noite. Chris queria tanto isso quanto ele queria colocar sua boca em torno do pênis de Hawes. — Durma em meus braços novamente, aqui em minha casa, comigo. Talvez até mais, depois dos eventos de hoje. — Eu preciso disso depois de quase perder você. Ele pegou um mamilo entre os dentes e Hawes arqueou as costas. — Depois de quase perder isso.

Hawes manteve os braços abertos no topo da espreguiçadeira, os dedos cavando as almofadas enquanto seu corpo se contorcia em busca de contato. — Sim. Eu vou ficar.

O peito de Chris se apertou quando ele se lembrou do buraco que havia sido preenchido novamente. Ele aumentou a tortura como agradecimento, como uma promessa. Ele segurou seu corpo acima do de Hawes e concentrou todos os seus esforços em um único ponto de contato, sua língua girando em torno de um e depois do outro dos mamilos de Hawes. Eles enrugaram e se ficaram eretos como o resto do corpo de Hawes. Como o de Chris para combinar.



Incapaz de resistir aos apelos de “Preciso sentir você” de Hawes por mais tempo, ele fez um trabalho rápido para tirar suas camisas. Ele se abaixou em cima de Hawes - peito contra peito, pele contra pele, boca contra boca - e se perdeu em beijos, toques e em toda aquela suavidade. Exceto por seus paus, que ficavam mais duros à medida que moíam juntos com crescente urgência.

Chris apoiou um pé no chão e dobrou a outra perna entre as pernas abertas de Hawes, o joelho na almofada. — Na outra noite no telefone, eu estava aqui nesta espreguiçadeira. Ele desabotoou os jeans de Hawes e os puxou com sua cueca, o suficiente para libertar seu pau. Chris se esticou sobre Hawes, sussurrando calorosamente em seu ouvido: — Sua voz...- Ele colocou um punho em torno do comprimento duro de Hawes e acariciou lentamente. — Me deixou tão duro quanto você está agora.

— Dante...-

— O pensamento sobre você espalhado assim. Outro golpe. — Eu queria provar você de novo. Um golpe de seus dedos sobre a cabeça vazando. — Chupá-lo até você gozar.

Hawes ansiava por mais, seus braços escorregando na parte de trás da espreguiçadeira. Chris soltou seu pênis e agarrou cada um de seus pulsos, espalhando-os de volta no topo das almofadas. — Mantenha-os aí e segure-se firmemente enquanto eu te desmonto.



Ele ajoelhou-se ao lado da espreguiçadeira e puxou o jeans e a cueca de Hawes o resto do caminho. Chris inclinou-se sobre o colo e lambeu uma trilha até o vinco das bolas de Hawes. Como pretendido, Hawes levantou sua bunda da espreguiçadeira, perseguindo o toque, e Chris deu a ele. Ele empurrou uma mão para trás e provocou seu períneo e seu buraco, enquanto a outra segurava a base do pênis de Hawes. Sua boca o engoliu inteiro, provocando e provando-o. Afiado, irresistível, como o resto de Hawes.

— Maldito inferno, amaldiçoou Hawes. — Eu não vou durar se você continuar com isso.

— E eu não vou durar quando colocar meu pau na sua boca. Chris beijou o comprimento de Hawes enquanto falava. — Preciso me certificar de que você está pronto para gozar comigo. Então o levou de volta à boca.

Perdeu-se naquela dureza perfeita e dolorida, tanto em sua boca quanto naquela em seu próprio jeans, e não foi até Hawes gritar: “Christopher!” Que Chris voltou a si. E para Hawes que o encarava com olhos quase pretos, o azul reduzido a um fino anel de fogo gelado. — Coloque seu pau em mim agora, de um jeito ou de outro.

Chris quase gozou com o delicioso estalo de comando na voz de Hawes. Indo selvagem, ele tinha que agir antes que fosse tarde



demaís. Ele se levantou, deu um passo para trás e tirou o jeans e a cueca. Ele deu outro passo para trás e Hawes abriu a boca para protestar, mas Chris circulou a espreguiçadeira, parando atrás da quina onde estava a cabeça de Hawes, e Hawes entendeu sua fantasia.

Sua objeção morreu em um gemido. — Oh, porra, sim.

Chris passou a mão pelos fios sedosos de Hawes, inclinando a cabeça para trás. Com a outra mão, ele moveu uma das mãos de Hawes, que estava sobre as almofadas na parte de cima da espreguiçadeira, para os cabelos da virilha logo acima de seu pênis, pedindo que ele se tocasse. — Juntos, ele disse.

Hawes sorriu e deslizou a mão para baixo, circulando seu pênis. — Não pense que isso será um problema.

Tampouco para Chris que segurou a base de seu próprio pênis e o alimentou entre os lábios abertos de Hawes. Decidir para onde olhar se tornou quase tão duro quanto seu pênis - o punho de Hawes subindo e descendo ao longo de seu pênis adorável e liso, ou seus lábios se estendendo ao longo do comprimento de Chris, suas bochechas encovando com a sucção.

— Cristo. Chris se curvou para frente, enroscando os dedos da mão livre com os de Hawes em cima das almofadas. Hawes se agarrou com força. Isso não duraria muito para nenhum deles.



Hawes o levava mais fundo cada vez que Chris empurrava para frente, a garganta apertando a ponta enquanto ele engolia, a língua girando em torno do comprimento e a ponta enquanto Chris recuava. — Oh merda, é isso. Isso é perfeito. Foi a foda mais quente que Chris já teve, e se o orgasmo a caminho era qualquer indicação, seria o mais duro que ele já havia obtido também. — Hawes...- Ele começou a se afastar, mas os dedos ao redor dos seus apertaram quase quebrando-os.

Ordenando-o para ficar. Com ele.

Chris sabia exatamente onde procurar. Sabia exatamente de quem era a ordem que queria seguir.

De seu rei.

Ele empurrou de volta para a boca de Hawes, o êxtase percorrendo sua espinha e acompanhado pelo profundo e satisfeito gemido de Hawes quando eles gozaram juntos.



Capítulo Onze

Chris seguiu o cheiro de café do quarto, o apartamento ainda nas sombras, a escuridão da noite lá fora começando a dar lugar à manhã. Lá dentro, as luzes do armário lançavam um brilho suave na cozinha e, do outro lado da ilha, outra luz baixa emanava do escritório.

Embora eles tivessem dormido na mesma cama, com Hawes embrulhado em seus braços, conforme o negociado, Hawes o venceu, acordando antes e estava bisbilhotando o escritório trancado em que ele havia entrado, a julgar pelo fio dobrado na ilha da cozinha. Não que houvesse algo naquela sala que não estivesse no pen drive que Chris já havia lhe dado.

Ele encostou um ombro no batente da porta e admirou os movimentos graciosos e eficientes de seu amante. Vestido com jeans e uma das camisetas de Chris, Hawes parecia em casa aqui, com os pés descalços, o cabelo bagunçado e uma caneca de café na mão. Ele foi a primeira pessoa desde Izzy a invadir seu espaço - sua vida - com tanta facilidade e conforto. Deveria se preocupar que fosse Hawes Madigan, de todas as pessoas, mas foi a primeira vez



em anos que ele não se sentiu sozinho em sua própria casa. E se sentia assim pela primeira vez em anos - uma casa. Todas as peças se encaixando, mesmo que não deveriam.

— Você não olhou em volta noite passada? Ele perguntou depois de ficar mais um minuto espreitando o homem bonito e perigoso.

Hawes não se assustou, sem dúvida, ciente de que Chris estava parado ali, olhando. — Precisava da cerveja e do sexo. Ele sorriu por cima do ombro, mas então o sorriso caiu ao considerar as fotos da cena do crime de Isabella. — Ainda estava abalado por quase ter morrido.

— Você escondeu isso bem.

— Não é a primeira vez. Ele olhou novamente para Chris. — Somos profissionais.

— Nós somos.

Hawes entendeu isso e vice-versa. Talvez seja por isso que Hawes não se sentisse um estranho em sua casa. Chris se afastou do batente, caminhou até ele e passou um braço em volta de sua cintura. — Não deixa as coisas mais fáceis, não é? Arriscar sua vida em uma base diária ainda é arriscar a sua vida.

Hawes colocou a caneca na mesa e depois se virou para Chris, a mão quente sobre seu peito nu. A outra ele enroscou na



cintura de sua bermuda e puxou Chris para mais perto. — No entanto você consegue isso. Você estabiliza as coisas. Não sei porque...-

— Você também, para mim. Chris também não sabia por que, só sabia que precisava beijar Hawes, precisava prová-lo esta manhã, como na última manhã, eles acordaram no mesmo lugar e ainda em lados opostos. Chris mapeou cada canto doce e delicioso da boca, enquanto Hawes mapeou cada centímetro das costas e do tronco de Chris, enviando ondas de calor sob sua pele, através de suas veias, direcionadas diretamente para o centro do peito. Quando o ar voltou a ser necessário, Hawes descansou contra seu peito e Chris passou os dedos pelos cabelos selvagens da manhã. — Encontrou algo interessante?

— Você tem uma casa adorável.

Chris riu. — Para um agente do ATF.

Hawes recostou-se nos braços dele. — Eu não disse isso.

— Não precisava. Chris deu um rápido beijo em seus lábios e saiu dos braços de Hawes. Ele pegou a caneca vazia de Hawes e se dirigiu para a cozinha para enchê-la novamente e pegar uma paea si mesmo. — Ele precisa de algumas reformas, disse ele, enquanto passava a mão pelas bancadas. Lascadas em alguns lugares, rejuntados com uma cor indescritível, os azulejos eram da década de noventa e estavam esbranquiçados e nunca pareciam limpos,



mesmo que ele os esfregasse até brilhar. — Mas eu não sou bobo. Eu sei a mina de ouro em que estou sentado. Comprei quinze anos atrás, antes que os preços ficassem loucos. Quase dobrou de valor desde então.

— Você está pensando em vender? Se você não fica muito por aqui...-

— Eu trabalho principalmente na UC. Fico muito tempo fora. Ele puxou outra caneca. — Mas não pretendo vender tão cedo. Ele não está exatamente habitável, não era como costumava ser, mas eu gosto de ter um lugar próprio quando estou aqui. Minhas quatro paredes, não da minha mãe ou da minha irmã.

— Eu entendo isso. Hawes circulou a mesa de jantar adjacente, olhando os livros espalhados ao acaso. — E você tem que ter um lugar para guardar tudo isso.

— Eu gosto de ler.

Hawes se afastou da mesa de jantar e colocou a mão na parede do corredor entre o quarto de Chris e o escritório. — Essa é uma biblioteca escondida aqui? Ou um quarto de pânico? Não há porta aqui ou no lado do escritório.

— Você não tentou abrir a porta de acesso pelo quarto?

— Parecia privado. Chris revirou os olhos com força, e Hawes deixou cair a mão, rindo. — Mais privado do que as outras áreas.



Chris sorriu enquanto enchia suas canecas. — Não é nada tão chique. Ele entregou a Hawes uma xícara de café fresco. — É para armazenamento agora, mas era um berçário.

Hawes quase derrubou a caneca e Chris, com a mão ainda por perto, esperando a reação, ajudou-o a segurá-la. — Um o quê? Perguntou Hawes.

Chris não tinha planejado contar a verdade a Hawes ainda, mas depois de ontem, Hawes precisava saber a verdade, tudo, para que ele pudesse entender de onde Chris estava vindo, por que ele tomou as decisões que tinha, por que perder Hawes não era uma opção, e por que resolver a morte de Isabella estava no topo de sua escada prioritária. Chris pegou sua própria caneca, pegou a mão de Hawes e o levou de volta à área de leitura. Ele chamou Hawes para sentar na espreguiçadeira, entregou-lhe o café e virou-se para a estante. Ele puxou o único livro de capa dura — *Onde estão as coisas selvagens* — da prateleira superior, onde o guardou após sua conversa com Mia, e cuidadosamente folheou as páginas até chegar à foto enfiada. Ele retirou e estendeu para Hawes.

Empoleirado no final da espreguiçadeira, Hawes colocou as canecas no chão e tirou a foto oferecida. Ele passou o dedo no rosto infantil e sorriu, como fazia sempre que olhava para Lily. Ele seria um pai incrível um dia. — Esta é sua sobrinha? Ela se parece com você. Os mesmos olhos e cabelos escuros. Ele passou o polegar sobre o nariz e riu. — Até o nariz. Ela ficava com você?



— Essa não é minha sobrinha. Mia é incapaz de sorrir para a câmera. Aquela - ele assentiu para a foto - era minha filha Rochelle.

Hawes ofegou. — Filha? Você tem... Espere, *era?*

Chris se abaixou ao lado de Hawes e tirou a foto dos dedos trêmulos. — Ro faria dezessete anos em dezembro. Ele sorriu para a foto de sua filha radiante no dia da foto da escola.

— Você a teve no ensino médio?

— Bem, eu não a tinha, tecnicamente. O sorriso dele diminuiu, lembrando o primeiro choro, imaginando o último. — Também não a tenho mais.

Hawes gentilmente apertou seu joelho. — Dante...- Então apertou mais. — Merda, Chris, me desculpe. Isso é...-

Chris colocou a mão sobre a dele, atraindo o olhar de Hawes. — Eu gosto quando você me chama de Dante. Ele colocou a foto de Ro na mesinha de cabeceira, depois pegou as canecas do chão. Ele entregou uma a Hawes, depois passou por trás dele no canto da espreguiçadeira, uma perna de cada lado de Hawes, que pegou a dica e se reposicionou de volta contra o peito de Chris.

— Você se lembra de Jennifer Petrie? Chris perguntou assim que eles se estabeleceram.

— A líder de torcida do anuário?



— A única. Engravidei-a na noite do baile de formatura.

— E ela teve Rochelle.

Chris tomou um longo gole do café perfeitamente preparado e lembrou-se daqueles meses selvagens de sua vida quando tinha dezoito anos, desejando ter tomado um gotejamento intravenoso de cafeína na época. O pânico de Jenn quando ela veio até ele com a notícia, a alegria e o apoio de sua mãe, seu próprio medo e algo muito maior no dia em que sua filha nasceu. — A razão pela qual eu tive tanta certeza de que Holt era o traidor foi porque eu sabia como ele se sentia. De repente, seu mundo se realinha e gira em torno dessa nova vida. Uma que você faria qualquer coisa para proteger. Isso foi Ro para mim.

— E Jennifer?

— Queria fazer o certo por Ro, mas não estávamos apaixonados, e ela ainda não tinha interesse em ser mãe. Ela tinha uma bolsa de estudos na Flórida e uma família de merda em casa. Ela precisava ir embora, para sua própria segurança e futuro.

— Enquanto você tinha sua mãe, pai e irmã.

— Eu tinha a rede de suporte para fazer funcionar, como Holt tem todos vocês. E eu tinha um emprego trabalhando em motocicletas com meu pai na loja da família e uma vaga na Universidade de São Francisco. Eu estava em uma posição melhor



para cuidar de Ro. Ele pigarreou e, quando isso não desalojou o nó, tomou mais café. — Ela se tornou todo o meu mundo no segundo em que chorou.

Hawes torceu em seus braços para olhar para ele. — Você não precisa...-

Chris se inclinou para frente e acariciou a cavidade de sua bochecha. — Você precisa deste pedaço da história. Hawes assentiu, e Chris se recostou no canto, Hawes contra o peito novamente. — Eu me formei em justiça criminal e me tornei um investigador particular.

— Então você realmente era um detetive particular?

Ele passou um braço ao redor do peito de Hawes e apertou. — Eu disse que não era tudo mentira. Hawes bufou e baixou o queixo para beliscar o antebraço de Chris. Improvavelmente rindo, Chris deixou o braço ali, segurando levemente Hawes, apreciando a sensação dele em seus braços e se preparando para a parte mais difícil da história. — O trabalho de PI pagava bem e, com a ajuda de meus pais, comprei este lugar. O trabalho me deu mais flexibilidade para ficar em casa aqui, com minha filha.

— Parece ideal.

— Foi uma boa configuração, e o trabalho de PI foi como eu conheci Isabella. Hawes ficou tenso em seus braços, depois relaxou



quando Chris o apertou mais forte, confortando os dois. — Eu estava investigando uma pista sobre uma arma de fogo quando cruzei o caminho com ela. Trabalhamos bem juntos - nós dois conseguimos o que precisávamos para nossos respectivos casos - e depois seguimos caminhos separados.

— Até que algo aconteceu com Ro? Você disse que Isabella o ajudou em um momento em que você não estava em um bom caminho.

A caneca começou a tremer na mão de Chris, e ele se inclinou para colocá-la no chão. Endireitando-se, Chris encontrou sua mão capturada pela de Hawes, os dedos entrelaçados, dando-lhe a força que ele precisava para continuar. — Minha irmã pegou sua filha e Ro na escola. Motorista bêbado passou um sinal vermelho a menos de um quarteirão da casa. Ele morreu, e o mesmo aconteceu... Chris perdeu as palavras e Hawes ergueu as mãos unidas, beijando os nos nós dos dedos até Chris poder falar novamente. — O resto da minha família ficou bem, mas Ro não conseguiu.

Hawes girou para que seu lado descansasse contra o comprimento do torso de Chris, sua respiração suave onde ela passava pela pele de Chris. — Não tenha pressa.

Nunca haveria tempo suficiente para digerir essa perda, todos os sentimentos envolvidos nela. Chris passou os dedos pelos cabelos de Hawes, confortando-se como podia, mas infelizmente



sempre era de curta duração. — Você precisa ir, disse ele depois de mais um minuto. — Antes que amanheça totalmente.

— Está tudo bem, respondeu Hawes. — Diga-me o resto.

O tom de comando subjacente ao tom gentil era uma distração suficiente para a tristeza. Chris sorriu enquanto limpava a garganta. — Eu mal consegui também. Meu mundo inteiro tinha-se ido. Eu estava pronto para me juntar a ela. Eu usei uma das minhas conexões para conseguir uma arma.

— Você não tinha uma?

— Eu tinha, mas eu queria uma limpa. Não rastreável, para que ninguém se envolvesse além de mim. Foi o que eu disse a mim mesmo e foi estúpido. Anos de terapia depois, entendo o que queria que fosse interrompido.

— E foi aí que Isabella entrou.

— A arma que comprei não estava limpa. Ela era atribuída a um caso. Eu estava a cinco minutos de puxar o gatilho quando ela entrou. Ele se lembrou daquele dia, nunca iria esquecer. No final de um túnel escuro, literal e figurativamente, sentado no escuro, nesta mesma sala, quando uma senhora alta e mandona, com uma juba de cachos pretos e um forte sotaque de Nova York veio procurá-lo. — Mais parecia um pavão se exibindo quando entrou aqui e, em vez de tentar me convencer ou oferecer simpatia, ela deixou cair um



arquivo no chão na minha frente. Era de uma menina de sete anos sendo mantida em cativeiro por um culto.

— Inteligente, disse Hawes. — Você não poderia salvar Ro, mas poderia salvar a outra garota.

— Izzy estava me recrutando. Ela me deu um propósito. Ele gentilmente empurrou Hawes para cima, querendo ver seu rosto nesta parte, ou melhor, querendo que Hawes visse o dele. Isso era muito importante. — É por isso que não posso deixar seu assassinato assim. Não pude vingar a morte de Ro, mas posso vingar a de Izzy. Eu preciso disso.

Hawes enrijeceu em seus braços um segundo e saltou para fora deles no seguinte, disparando da espreguiçadeira como se tivesse sido queimado. Chris pegou seu pulso antes que ele pudesse sair completamente e colocar Chris fora de alcance novamente. — Ei, o que há de errado?

— Nada. Hawes olhou para baixo, depois para a estante e depois pela janela. Em qualquer lugar, menos para Chris.

Não é nada. Chris passou o polegar sobre o interior do pulso de Hawes, o ponto de pulsação acelerado lá latejando sob a ponta do dedo. — Você sabia o tempo todo que o assassino de Izzy é minha missão principal. O ATF se importa apenas com os explosivos, mas não deixarei isso até descobrir o que realmente aconteceu com minha parceira. Queria que você entendesse por que



isso é importante.

— Eu entendo. Realmente. Hawes engoliu em seco, mas ainda não olhou para ele. — Isso também é importante para mim, ele disse, apenas um sussurro.

Chris acreditou nele. As mudanças que Hawes havia feito na organização desde a noite da morte de Izzy eram uma prova. Então, por que ele não estava orgulhoso delas? Por que ele sempre ficava tenso quando Chris falava sobre encontrar o assassino? A menos que ele soubesse mais do que estava deixando transparecer, nesse caso... — Quem você está protegendo?

Um barulho vindo de fora cortou as palavras de Chris. Mais alto que os bichos de sempre, mas não tão alto que acordasse os vizinhos. Se ele e Hawes não fossem treinados como eram, talvez também não teriam ouvido. Mas eles eram, e eles ouviram.

Chris amaldiçoou. — Minha arma está no cofre. Ele começou a soltar a mão de Hawes, a caminho do cofre do quarto, ou se não houvesse tempo suficiente, para as facas da cozinha, mas Hawes inverteu o aperto, agarrando seu pulso e detendo-o a meio passo.

— Espere um segundo, ele sussurrou, em alerta, mas não tenso para a batalha. Antes que Chris pudesse perguntar sobre o que ele estava falando, uma batida veio abaixo da janela. A forma de Hawes relaxou e ele largou a mão de Chris. — Eu os convidei. Ele foi até a porta dos fundos quando passos começaram a subir as



escadas. Ele abriu a porta e Holt e Helena entraram, Lily nos braços de sua tia, para variar.

Chris pensou em se opor - todos sabiam onde ele morava agora -, mas Holt já sabia sobre isso e dado o endereço a Hawes. Pelo menos Hawes os havia convidado, ao contrário de como tinha acontecido no apartamento de Hawes, onde eles invadiam sem aviso prévio. Um aviso seria bom, mas Chris não havia dado uma chance a Hawes, depois de ter pulado direto para a lição de história.

Na hora, o bebê nos braços de Helena lamentou sua desaprovação pelo sol nascente, e Chris não pôde deixar de sorrir. — Você tem um microondas neste lugar? Helena perguntou. — Hora da mamadeira.

Chris estendeu um braço em direção à cozinha, e a tropa de Madigans se pôs em casa. Holt instalou-se no bar, com o computador aberto, Hawes pegou outra cafeteira e Helena pegou uma mamadeira na sacola e enfiou a garrafa no microondas.

Feito isso, ela girou e recostou-se no balcão, examinando o espaço. — Lugar agradável, Sr. Hair.

— Fico feliz de obter sua aprovação. Ele circulou o final da ilha, abriu a gaveta do lixo e pescou um Post-it dobrado. Ele deslizou através do bar para Holt. — Caso você precise da senha para o wireless.



Os olhos escuros e cansados de Holt passaram do pedaço de papel de néon desbotado para a gaveta de que Chris o retirara, para Chris. Ele parecia mais como ele novamente, embora ainda estivesse cansado. — Eu não me conectaria ao seu sistema. Ele retirou um ponto de acesso da bolsa de bebê e o conectou ao laptop. — Eu não sou um idiota.

O julgamento sarcástico fez Chris rir. — Claro que não. O gelo quebrou, ele abaixou a voz e disse a Holt: — Você não contou a ele sobre Ro. Ele tinha certeza de que Holt deve ter encontrado essas informações em sua pesquisa revisada.

Os olhos de Holt se voltaram para sua filha, para Chris, depois de volta para a tela. — Não é a minha história para contar.

— Obrigado. Sorrindo, Chris moveu-se o resto do caminho para a geladeira e pegou a desnatadeira, preparando-a para quando Hawes terminasse de servir as canecas de café fumegantes.

Holt engoliu metade dele, depois girou o laptop para que todos pudessem ver a tela. — Essa foi a dica que recebemos esta manhã.

Chris escaldou a garganta na pressa de engolir. — Que dica?

Hawes apontou para a tela. — É por isso que os convidamos para cá.

Chris se inclinou para frente e leu o e-mail. — O vendedor fez



contato...- Ele olhou por cima do ombro para Helena. — Contigo?

— Comigo. Sua expressão era mortalmente séria, mesmo enquanto ela alimentava Lily com a mamadeira e batia no seu traseiro. — Eles estão me oferecendo a chance de comprar de volta os explosivos.

Chris desviou o olhar para Hawes. — Por que você está trazendo isso para mim agora?

— Nós mantivemos você à margem ontem, disse Hawes. — Isso foi um erro e quase não deu certo. Precisamos coordenar. Não terei esses explosivos à solta na minha cidade.

— Então sua armadilha funcionou, disse Chris, satisfeito com o alinhamento dos interesses deles. — Eles estão na defensiva e tentando pegar o passe.

Hawes tomou um gole de sua caneca. — Provável.

— Pode ser Amelia?

— Possivelmente, respondeu Holt. — Ela sabe como mascarar o endereço de IP. Mas dissemos a Brax para não lhe dar acesso a um computador.

— Eu liguei para ele, Helena disse a eles. — Confirmei. Também não há acesso a dispositivos móveis.

— Então ela disse a alguém como fazer isso, disse Chris. —



Ou eles têm outro hacker, e esse plano estava em seu pen drive. Alguma sorte com isso?

Holt balançou a cabeça.

— Mas ela pode avaliar a dica, disse Hawes. — Ela pode nos dizer se isso fazia parte do plano, substituto ou não.

Ou conduzir Hawes exatamente onde sua facção o queria. — É uma armadilha, disse Chris.

— Foi o que eu disse a ele, disse Helena, e Holt assentiu também.

Hawes terminou sua caneca e colocou-a na pia. — Bom que todos concordamos com esse ponto. Agora, como voltamos essa armadilha contra para eles? Porque eu estou cansado dessa merda.

Chris inclinou a cabeça em direção ao escritório, e todos o seguiram. Helena assobiou baixo e entregou Lily a Holt, que resmungou baixinho algo como “muito papel de merda”. Chris riu enquanto caminhava para o organograma. — Eles exterminaram seus tenentes e dois de seus soldados estão sob custódia.

— Eles? Disse Hawes, quadril contra a mesa, braços cruzados sobre o peito.

— Um deles. Chris apontou para a camada de capitães.

Hawes balançou a cabeça. — Achamos que não. Álibis



conferem. Metade nem está aqui. Eles estão fora em contratos.

Chris descansou uma mão ao lado do X adjacente ao gráfico.
— Então alguém aqui fora.

— A concorrência, disse Helena. — Nós já estávamos pensando nisso.

A razão pela qual eles montaram a armadilha no prédio ontem.

— Três dos quais se foram, acrescentou Holt.

— Eu tenho minhas ideias, disse Hawes, depois olhou para Helena. — Precisamos conversar com Rose. Pode haver jogadores mais velhos com quem não estamos familiarizados que desejam explorar o vazio que eles acham que há na esfera de poder.

— Pegue uma lista deles, e então eu posso ver se eles se cruzaram com...- As palavras de Holt se esmaeceram, e ele olhou pela janela da frente, segurando Lily mais perto.

Foi um bom alívio - os irmãos disparando em todos os cilindros, uma visão e um processo que fascinou Chris - até a realidade reentrar em cena. Hawes foi para o lado do irmão e apertou o braço dele em conforto.

— Certifique-se de olhar para trás três anos, disse Chris, mantendo-os focados. — À noite...-



O olhar de Hawes disparou para ele, mas foi Helena quem falou. — À noite em que sua parceira morreu.

— Foi assassinada. Três rostos pálidos o encararam enquanto ele batia os nós dos dedos contra a parede entre o X e o organograma. — Aposto que essa pessoa, quem quer que seja, foi responsável pela morte de Izzy.

— E o que você vai fazer com ele? Perguntou Hawes.

— Descubra quem eles são e então lançamos a armadilha.

Alguns segundos de silêncio constrangedores se seguiram antes de Lily quebrá-lo com um lamento. — Precisamos levá-la para casa para tirar uma soneca, disse Holt.

Helena entrou em ação, voltando para a cozinha para arrumar as coisas, Holt em seus calcanhares. Hawes, no entanto, ficou paralisado, olhando de um lado para o outro entre a parede de fotos da cena do crime e seus irmãos. Ele estava imaginando eles lá? Ou ele próprio? Todos eles estiveram na linha de fogo na semana passada, intencionalmente e não.

— Hey, Chris disse suavemente, se aproximando e segurando a bochecha de Hawes. Ele esperou que os olhos azuis encontrassem os dele, depois descansou suas testas juntas. — Não deixaremos nada acontecer com eles. E não deixarei nada acontecer com você.

— Obrigado. Ele se inclinou para frente e capturou a boca de



Chris, roubando sua respiração e o coração em um beijo deslumbrante, que dizia mais do que suas palavras ou beijos anteriores, incluindo um traço confuso de adeus.





Capítulo Doze

De pé logo cedo, devido aos visitantes da noite e do dia, Chris chegou antes da maioria dos agentes e funcionários do escritório. Todos menos um. A luz brilhava por baixo da porta parcialmente fechada da sala de guerra, e os acordes da banda *The Grateful Dead* fluíam através do espaço tranquilo. É claro que Wheeler havia passado a noite toda ali. Chris não esperava nada menos dele.

No entanto, ele não esperava a escolha decente de música vindo de alguém tão tenso. Tampouco esperava abrir a porta o resto do caminho e encontrar o outro agente debruçado sobre seus arquivos, dormindo. Casaco, gravata e colete dobrados sobre uma das outras cadeiras, Wheeler arregaçara as mangas da camisa enrugada e a cabeça estava apoiada nos braços cruzados. Ele continuou a roncar levemente, sem se incomodar com a entrada de Chris. Para Wheeler estar tão morto para o mundo, ele provavelmente adormecera apenas recentemente. Chris examinou o resto da sala, confirmando sua suspeita. Wheeler esteve nisso a noite toda, pelo aspecto impressionante. O quadro branco de anotações atrás dele estava impossivelmente mais cheio de rabiscos



afiados e inclinados e, no outro extremo da sala, o quadro de avisos agora estava coberto de fotos, planos e anotações da cena de ontem.

Chris contornou atrás de Wheeler, abaixando a música e ligando a cafeteira enquanto caminhava para o outro lado da sala. Ele estava diante do quadro, de braços cruzados, examinando o que Wheeler havia reunido. Esquemas de construção. Antes e depois das fotos dos quartos dos compradores e da unidade de ventilação destruída no telhado acima deles, onde a explosão havia se originado. Restos carbonizados dos três compradores. O detonador na escada. As imagens térmicas mostrando o caminho que Hawes percorreu, de quarto em quarto, matando seus alvos. Tomando os lances, tanto quanto Wheeler sabia. Fotos de vigilância durante a janela de tempo antes e depois da explosão, um círculo vermelho desenhado em dois deles - por Wheeler, Chris presumiu - ao redor da cabeça de um homem que Chris não reconheceu. Hawes com a cabeça erguida ao entrar no prédio, depois com o rosto coberto de fuligem e uma criança nos braços, quando mais tarde emergiu ao lado de Kane.

Um calafrio subiu pela espinha de Chris quando ele se lembrou novamente de como esteve perto de perder tudo em que trabalhara nos últimos três anos e tudo o que encontrara na semana passada.

Quando o cheiro de café fresco começou a pairar em torno dele, Chris descansou contra a mesa, examinando as evidências do



alto. Tentando avaliar como e quando o vendedor se infiltrou e colocou os explosivos. Nos esquemas, outro círculo vermelho foi desenhado sobre um conjunto de portas subterrâneas no subsolo e uma linha vermelha conduzia dali a um armário de utilidades dentro do edifício. Logo ao lado da escada norte. Poderia ser esse o caminho de acesso que eles estavam procurando? O homem nas fotos foi a pessoa que percorreu esse caminho?

De acordo com o relatório de ontem, Jax estava colhendo vigilância desde o período em que os Madigans haviam publicado o anúncio do leilão até o momento da explosão. O caixa eletrônico só foi ativado naquela tarde, mas havia câmeras de trânsito e outras fontes das quais eles poderiam extrair imagens úteis. Focado apenas em quem entrou e saiu do prédio. Teria o estranho estado lá em algum momento fora do período que eles estavam analisando? Chris retirou o telefone, tirou fotos das fotos e dos esquemas e atirou-os com um texto para Kane e Jax, sugerindo que eles voltassem a focar sua análise na vigilância para este local indicado, e de olho nessa pessoa.

— Me desculpe por ontem.

Chris largou o telefone no bolso e girou em direção à voz.

Na posição vertical, Wheeler esfregou as duas mãos sobre o rosto e os cabelos, fazendo um trabalho terrível de tentar ajeitá-los. Você estava certo. Poderíamos ter perdido agentes, mas eu estava



ocupado demais tentando fazer com que uma emboscada acabasse com todas as outras. Ele recostou-se na cadeira e colocou as mãos no colo. — Eu não estava seguindo pelo caminho certo.

Adicione outra verificação na coluna impressa. Um agente que pudesse admitir quando estava errado, que poderia se ajustar e aprender, era um bem valioso. Chris acrescentou mentalmente um duplo cheque, já que Wheeler também estava assumindo a culpa que merecia nesse caso. Mas ele não podia dizer isso a ele.

— Isso acontece, ele disse. — E nós não perdemos nenhum agente.

— Ainda estamos esperando uma identificação para o terceiro corpo.

Chris também não podia dizer quem era, sem deixar transparecer toda a verdade sobre o incidente de ontem. — Mas todos os nossos agentes e todos os oficiais de Kane foram contabilizados, sim?

— Sim, felizmente. Assumimos que era outro comprador, dada a localização. Vamos ver quem mais aparece na vigilância. Tentar confirmar por seus registros dentários, se pudermos recuperar tanto.

— O legista disse quanto tempo?

— Alguns dias, se houver registros dentários.



Não era provável. Ele precisava conseguir essa identificação de outra forma e levar para Wheeler antes que isso se tornasse outro ponto de distração. Ou levar Wheeler a algum lugar em que Chris não queria que ele fosse. — Puxe os registros de residentes, disse Chris. — Vamos ver se já existe alguém no edifício que possa ser um comprador.

— Nós já fizemos isso, disse Wheeler. — Antes da emboscada.

— Verifique se há pseudônimos. Ele bateu nas fotos do estranho com o círculo vermelho. — E contra esse cara que você circulou. Sabemos quem ele é?

Wheeler sacudiu a cabeça. — Não, mas além dos bancos de dados gerais, eu não tinha muito para trabalhar além da minha intuição, o que me diz que ele pode ser uma das imagens térmicas nas escadas do norte pouco antes da explosão.

— Você pode estar certo. Vamos ver se ele é residente ou está conectado a um.

Wheeler manteve o olhar, procurando, e Chris se preocupou com o fato de ter insistido demais, mas Wheeler se inclinou para a frente e abriu o laptop, disparando um e-mail. Enquanto ele fazia isso, Chris encheu uma caneca, colocou o café ao lado de Wheeler e depois deu a volta na mesa para se sentar à sua frente.

— Obrigado, disse Wheeler antes de tomar um gole e fazer



uma careta. — Eu pensei que vocês tomavam um bom café nesta cidade.

Foi o primeiro deslize para seu sotaque do sul que Chris detectou no agente nascido na Geórgia, e a palavra fanhosa, juntamente com a observação, o fez rir. — Você já esteve em muitos escritórios da ATF que tomam um bom café?

— Touché.

— Você quer um bom café, invada o escritório do FBI. O SAC é um esnobe para um bom café.

— É bom saber. Ele tomou outro gole longo, o rosto enrugando um pouco menos desta vez, depois abaixou a caneca, as mãos ainda em volta dela. Seu olhar foi para o organograma Madigan. — Você conhece essas pessoas melhor do que ninguém. Eu deveria ter escutado você. Então voltou para Chris. — Os explosivos são nosso objetivo.

Garantido o foco redirecionado de Wheeler, Chris retirou o pedaço de papel do bolso interno do casaco e deslizou-o sobre a mesa. — Você terá outra chance. Sexta-feira.

Os olhos de Wheeler se arregalaram quando ele leu o e-mail para Helena. — Como você conseguiu isso?

— Não importa.



Olhos castanhos céticos dispararam para ele. — Perri...-

— Você quer proteger os explosivos?

O olhar deles durou dez segundos antes de Wheeler finalmente concordar. Chris lentamente soltou o ar pelo nariz.

— Bom, ele disse. — Você vai descobrir mais sobre isso. Ainda não sabemos onde, local da reunião, então será complicado. Precisamos considerar todos os locais possíveis e ter contingências de prontidão. Vou coordenar com os Madigans. Os olhos dele se voltaram para a imagem de Hawes e de volta. Wheeler assentiu novamente. — E acrescentarei o que sei ao planejamento da missão, depois de verificar a dica.

— Verificar com quem? Perguntou Wheeler.

— Amelia Madigan.

..*.*

Quando Chris chegou ao quartel-general do SFPD, Kane estava a caminho de abrir um buraco no chão do lado de fora das salas de interrogatório. Com a gravata torta, o botão de cima da camisa desabotoada, bolsas embaixo dos olhos e vincos profundos nos cantos da boca fechada, o chefe parecia estar vivendo as mais



longas vinte e quatro horas – ou as duas semanas mais longas - de sua vida. Chris tinha certeza de que não era nada comparado ao tempo de Kane nas forças armadas, mas a família tinha um jeito de complicar as coisas.

— Como foi a audiência de acusação? Chris perguntou, preocupado que outra coisa tivesse saído dos trilhos. Parecia ser a sorte deles ultimamente.

Kane parou em seu caminho e passou a mão sobre a cabeça.
— Tão boa quanto poderia ser. Fiança negada. Risco de fuga.

— Tenho certeza de que todas essas fotos dela em bancos estrangeiros ajudaram.

— Isso é um fundo escandaloso de dez milhões que Holt encontrou na noite passada.

Isso explicava por que o irmão de Hawes parecia mais engajado e desgastado esta manhã. Ele fez uma pesquisa bem-sucedida e encontrou a última coisa que queria.

— Alguma sorte rastreando os fundos?

Kane retomou o passo. — Ele está trabalhando nisso.

Chris encostou-se na parede, fora de seu caminho. — Amelia ainda está de boca fechada?

— Relativamente.



— Provavelmente vai tornar isso mais difícil.

— Diga-me o que está acontecendo antes de entrarmos lá, disse Kane. — Chega dessa merda de ser pego de surpresa.

— Alguém contactou Helena se oferecendo para intermediar uma venda.

Os passos de Kane vacilaram e seus olhos se arregalaram. — Para quando?

— Sexta-feira. Mas preciso que Amelia ateste isso.

— Temos certeza do que essa dica é: espere, foi por isso que Helena ligou para confirmar que Amelia não havia acessado nenhum dispositivo?

Chris assentiu. — O que me deixa bastante certo de que sim, essa é uma dica legítima, disse ele, estendendo sua resposta a pergunta anterior não formulada de Kane. Esta não é uma configuração criada pelos Madigan como ontem. — Precisamos de Amelia para confirmar que é da parte externa certa. Não de outra pessoa tentando se inserir na briga para seu próprio ganho.

— Pode não ser tão difícil quanto você pensa, disse Kane. — Holt e Lily estavam no tribunal hoje. Ele parou e olhou para a porta da sala de interrogatório, empatia girando em seus olhos castanhos. — Ela sente falta da filha e acho que ela se arrepende de ter traído Holt. Mas o juiz não lhe deu a chance de dizer isso ou de visitá-los.



Ordenei que ela seja mandada de volta para o isolamento assim que terminarmos aqui, até que a ameaça atual passe.

Como pai, Chris tinha uma ideia do que Amelia deveria estar sentindo. Conhecia bem aquele puxão no coração exigindo que você fizesse qualquer coisa para voltar ao seu filho. Ele sentia isso todos os dias sobre Ro, ainda hoje, mas não havia como voltar para ela. Ela se foi para sempre. Mas Lily não e nem Amelia, e se havia uma coisa que Chris não duvidava, era que Amelia amava sua filha. Ela poderia ter perdido isso de vista temporariamente, ou interpretado suas ações como sendo tomadas por amor, mas como uma nova mãe, isso devia estar matando ela.

O que lhes dava certa influência sobre ela. — Se pudermos mudar isso...-

— Exatamente, disse Kane. — Dar a ela o que ela mais deseja.

Chris não achava mais que era sobre poder. Ele esperava que não fosse, ou essa estratégia - a única que eles tinham - seria um tiro pela culatra.

Ele entrou na sala de interrogatório e deslizou na cadeira ao lado de Kane, em frente a Amelia e seu advogado. Um olhar para a enfermeira Madigan, e Chris sentiu suas chances aumentarem. Kane estava certo. Sua postura e modos eram estoicos, mas os olhos e o nariz estavam vermelhos, o vestido pendia solto no corpo



esguio e ela mantinha as mãos fechadas em punho à sua frente, como se tentasse segurar os tremores que ondulavam sobre elas e o resto do corpo dela.

— Você sempre soube quem eu era? Chris perguntou. Essa pergunta o atormentava desde o fim de semana. Quanto de peão ele tinha sido? — Ou você descobriu isso apenas na semana passada?

Os olhos verdes de Amelia brilharam para Kane, depois voltaram.

— O gato está fora da bolsa, disse Chris, respondendo a sua pergunta silenciosa.

Suas mãos entrelaçadas relaxaram um pouco. — Acho que isso explica por que você não esteve na acusação.

— E quem exatamente é você? Perguntou o advogado dela.

Oakland Ashe, ou “Oak” como Kane o cumprimentara, era um homem bonito por qualquer padrão de análise - cabelos escuros, olhos acinzentados, corpo em forma para um homem de quarenta e poucos anos - e tudo sobre ele era caro. Claramente exposto em seu corte de cabelo de três dígitos, no terno feito sob medida, nos sapatos perfeitamente engraxados, na aliança de casamento incrustada de diamantes em seu dedo anelar e, finalmente no Rolex de ouro e diamante correspondente no pulso. Os Madigans não tinham poupado em conseguir para Amelia o



melhor. E ele estava ganhando seu salário.

Chris tirou o distintivo do bolso de trás e jogou-o sobre a mesa. Agente Especial Christopher Perri. ATF.

Oak pegou o distintivo e examinou suas credenciais. — Você é o agente do incidente no loft de Hawes? Ao aceno de Chris, Oak fechou a carteira e a enviou deslizando de volta sobre a mesa para ele. — Minha cliente não precisa responder a essa pergunta se isso a incriminar.

— Mais do que ela já está?

Oak abriu a boca para protestar, mas Chris o interrompeu. — Ela tem acusações suficientes para lidar. Não estou querendo adicionar mais. Só estou procurando uma história de fundo. Ele voltou sua atenção para Amelia. — Meu objetivo não é obter mais tempo na cadeia para você, e sim menos.

Amelia não conseguiu esconder seu tremor de corpo inteiro. — Menos? Ou o toque de esperança em sua voz.

Kane estava certo. Eles poderiam usar isso.

— Senhora Madigan, você...-

Amelia afastou Oak. — Sim, eu sabia quem você era antes de aparecer na semana passada.

— Porque seu chefe disse a você?



— Sim, eles me avisaram.

O pronome neutro em termos de gênero não revelou nada. Sua delicadeza, no entanto, sim. — Amelia, se você está protegendo alguém...-

— Estou protegendo minha família.

— Configurando-os para receber esse golpe?

— Nem todos eles.

Apenas Hawes. Consistente com suas ações e as de sua facção na semana passada. Eles não queriam derrubar todo o império. Apenas remover o rei. — É por isso que alguém entrou em contato com Helena? Ele retirou a cópia do e-mail e empurrou-o sobre a mesa. — Ela é o plano de backup de seu chefe ou o objetivo final?

Surpresa brilhou em seu rosto pela segunda vez em tantos minutos. — Helena quase atirou em mim. Você viu isso com seus próprios olhos.

— Ah, acho que ela não é sua aliada então, disse Chris, convencido agora de que os irmãos não se virariam um contra o outro. Não, esse era outra pessoa. — Mas seu chefe está nos movendo através do quadro, e parece que eles a cortaram em favor da outra irmã. A verdadeira.



Foi um golpe baixo, mas teve o efeito pretendido. Os ombros de Amelia caíram e seu engasgo foi audível.

— Amelia, disse Kane, a voz mais suave, interpretando o bom policial. Eles foram amigos uma vez, e ele era o mais familiar aqui. — Estamos tentando protegê-los também.

Ela suavizou ao olhar nos olhos de Kane. — Eu sei que você está, Brax. Mas vocês dois estão tão distantes da sua liga.

— Estamos pelo menos no mesmo campo com isso? Chris cutucou a folha de papel. — Isso veio de seu chefe? Esse era o plano?

Os olhos dela voltaram para ele, menos suaves, mais divertidos e calculistas. — Quem sobrou, se não Helena?

— Eu preciso de mais para atestar isso.

— Atestar, ela zombou, seu comportamento mudando novamente em um centavo. — Você já parece com ele. Tudo tem que ser examinado. Você está ajustando seu quadro de referência na direção errada. Estamos todos aqui por causa da única noite em que tudo mudou, a única noite em que ele não atestou algo.

A única noite em que tudo mudou.

Chris estava certo. Tudo isso estava conectado àquela noite, três anos atrás. — A organização não examinou quem realmente era



Isabella, disse ele, conectando-a. — Você sabia disso também? Foi por isso que ela foi assassinada?

— Senhora Madigan...-

— Não se preocupe, Oak, respondeu Amelia, mesmo que seus olhos estivessem presos em Chris. — Eu sei melhor do que responder a essa pergunta.

— Tudo o que você puder fazer para nos ajudar será considerado em uma sentença, redirecionou Kane, colocando-os de volta aos trilhos. — Não queremos afastar você da Lily. Ela precisa da mãe.

Tão rápido quanto a luta ressurgiu em Amelia, ela murchou como um balão furado, lembrando o que realmente estava em jogo aqui. Os ombros dela se curvaram para frente, o queixo caiu e as lágrimas se acumularam em seus olhos.

— Por favor, Amelia, insistiu Kane.

— Sim, ela disse calmamente. — Sempre tivemos a intenção de recrutar Helena.

— Mas antes, quando mostramos o e-mail, disse Chris, — ...você ficou surpresa.

— Eles estão fazendo isso muito cedo.

— Você realmente achou que funcionaria? Que ela trairia



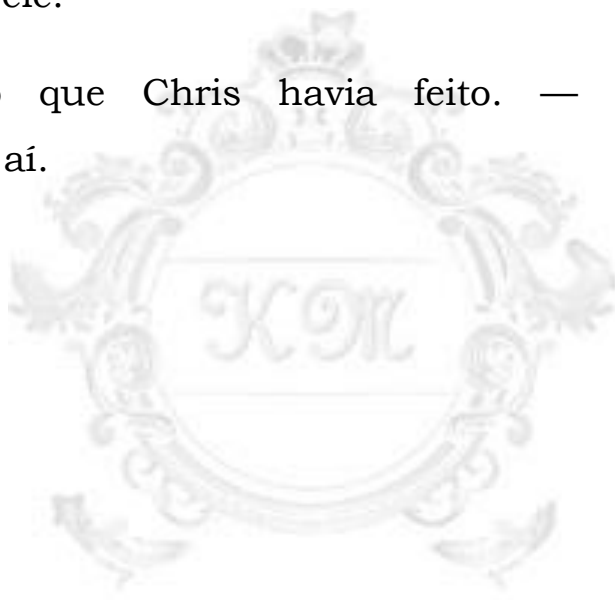
seus irmãos?

— Eu não, disse Amelia. — Mas eles estão ficando sem tempo.

Porque o plano de Hawes funcionou. — Eles estão assustados.

— Parece que sim, disse Amelia. — Talvez nós a tenhamos julgado mal. E a ele.

O mesmo que Chris havia feito. — Há muito disso acontecendo por aí.





Capítulo Treze

Do lado de fora, do outro lado do cruzamento em Hyde e Beach, parecia qualquer outra noite de quarta-feira no Buena Vista. Letreiro de néon vermelho iluminado na frente, luzes amarelas do globo iluminando o interior da antiga residência em um brilho quente e suave, um punhado de clientes em banquinhos no bar de madeira ornamentado e nas mesas baixas e redondas, a maioria delas bebendo os cafés irlandeses pelos quais o estabelecimento era famoso. Aparências, no entanto, Chris pensou enquanto atravessava o cruzamento e entrava no bar, poderia ser enganador.

O casal feminino em uma das mesas baixas: Avery e Zoe.

O barman de jaqueta branca e gravata fina: um capitão dos Madigan.

Mais dois capitães Madigan estavam posando como clientes no bar.

E ao redor da mesa, na pequena área de jantar no outro extremo do espaço, passando pelo bar, subindo dois degraus e fora das vistas das grandes janelas de vidro: Hawes, Holt e a última



pessoa que Chris esperava ver lá. Rose.

A matriarca Madigan parecia com o milhão de dólares que ela valia, não como se tivesse recebido alta do hospital no início desta semana. Ela cortou uma pilha de cartas com seus dedos ágeis e as distribuiu para uma partida de bridge. Ela olhou para cima, viu-o e começou a distribuir as cartas em quatro pilhas. A mudança em seu embaralhamento metódico chamou a atenção dos gêmeos. Holt lançou-lhe um olhar superficial, depois voltou movendo Lily na tipoia. Hawes, ao contrário de sua avó e irmão, rastreou todos os passos de Chris enquanto ele se aproximava, olhos ardentes queimando-o como fizeram na noite passada. Chris guardou essa lembrança tão rápido quanto pode, antes de se envergonhar na frente de todas essas pessoas, especialmente de Rose. Ele imaginou que já estava no topo da lista de merda dela.

O que ficou confirmado quando ela passou direto sobre a pergunta dele sobre como ela estava, e perguntou: — Por que devo confiar em você com minha família?

— Porque eu poderia ter prendido qualquer um de vocês nos últimos dez dias e, no entanto, você está sentada aqui, distribuindo cartas.

Olhos da mesma tonalidade azul que os de Hawes - exceto o mais longe possível do frio gelido - o prenderam no local. — Eu também poderia estar morta.



— Mas você não está, porque eu empurrei seu carro para fora do caminho e me coloquei no caminho daquela van.

Era um movimento arriscado, indo cara a cara com ela, mas Chris não achava que Rose era o tipo de tolerar, muito menos apreciar, besteira. Direto ao ponto parecia mais o estilo dela.

Ela empurrou uma pilha de cartas na frente da cadeira vazia à sua esquerda. — Sente-se.

Ele julgara corretamente, então. — Que jogo estamos jogando?

— Copas¹², disse Hawes do outro lado da mesa, com um canto da boca levantado.

— Como está Amelia? Holt perguntou enquanto passavam três cartas para a direita. — Nós não conseguimos falar com ela na audiência de acusação.

— Ela está cansada, sentindo falta de vocês dois e cooperando como resultado.

— Ela disse para quem está trabalhando? Perguntou Hawes.

¹² O jogo é um Perde-Ganha, ou seja, os jogadores jogam sempre com o objectivo de perder e, não de ganhar, pois quem acaba o jogo com maior pontuação, quem "perde" é que efectivamente vence o jogo. São distribuídas quantidades iguais de cartas para os quatro jogadores. Um deles joga uma carta, os outros três, em ordem e, se possível, respeitando-se onaipe, fazem o mesmo. Quem tiver a carta de maior valor e do naipe "puxado", leva as outras três para a contagem. Esse jogador faz uma nova "puxada". Repete-se até que acabem as cartas



Chris balançou a cabeça, os olhos ainda em Holt e Lily. — Ela diz que está protegendo sua família.

— Alguém os ameaçou, disse Rose.

— Talvez alguém tenha ameaçado todos vocês.

Holt colocou as cartas na mesa, de braços, e aconchegou Lily mais perto de seu peito, segurando-a com força. Hawes agarrou seu ombro, apertando-o. — Não vamos deixar nada acontecer com Amelia, nem com vocês dois.

Rose jogou o dois de paus no centro da mesa. — Eu fiz uma lista.

— Posso ver?

— Não. Ela cortou-lhe um olho lateral frio. — Eu não ficaria surpreendida com a capacidade de alguns desses nomes em fazer essas ameaças.

Chris retirou duas folhas de papel do bolso do casaco. —Você pode me dizer se algum desses nomes...- ele empurrou a lista de residentes para ela primeiro, depois a foto -...ou esse homem está nela?

Os olhos dela se voltaram primeiro para a foto. — Eu não o conheço. Então ela examinou a lista de residentes, de cima a baixo. — Nenhum deles também, mas Holt pode tentar verificar



pseudônimos.

— Fizemos isso, disse Chris. — Voltou em branco, exceto a vítima que já conhecíamos.

Holt meio que tossiu, meio riu, enquanto Rose mantinha seu tom frio. — Nossos recursos são mais extensos que os seus.

Hawes pigarreou. — Também estamos vendo se algum desses nomes cruzou com Amelia, como falamos.

Chris estava fazendo o mesmo com a foto e a lista de moradores, mas se eles queriam guardar alguns segredos, ele também manteria alguns.

— Ela confirmou o e-mail? Holt perguntou.

Chris assentiu. — Recrutar Helena fazia parte do plano, mas isso é mais cedo do que o esperado.

— Verifique a lista contra Hena também, disse Hawes ao irmão. — Ela impressionou alguém.

— Isso não é difícil de fazer, disse Chris. — Ela é a mais assustadora de vocês.

— E a mais improvável de se virar contra a família dela, disse Rose.

Ela falou como se fosse um fato, e Chris ficou surpreso que



nem Hawes nem Holt reagiram ou protestaram contra a declaração. Depois de um momento de consideração, porém, Chris teve que concordar. Tanto quanto ele sabia, tanto quanto as pesquisas de Izzy e Wheeler, Helena nunca teve influências externas que desviavam sua lealdade. Sem filhos, sem parceiro, sem amante. Ela tinha o emprego dela, mas não precisava dele pelo dinheiro. Era um trabalho por amor e, desde que seus clientes fossem atendidos, ela poderia sair quando desejasse. Já estava se preparando para fazê-lo na semana passada. E enquanto ela e Hawes geralmente estavam no mesmo comprimento de onda em relação aos objetivos e direção da organização, Chris imaginou que a linha vermelha de Helena estava muito mais distante e um pouco mais borrada que a de Hawes. Cruel, inteligente e leal. Impressionante.

— Ela deve continuar sendo o ponto para nós, disse Rose, puxando Chris para fora de seus pensamentos. — Confirme o encontro, mas ninguém vai entrar sozinho desta vez.

Hawes teve o bom senso de parecer devidamente castigado. Chris teve o bom senso de manter a conversa em andamento. — Estamos trabalhando nos parâmetros da missão do nosso lado. Eu deveria ter uma análise completa para compartilhar amanhã.

— Wheeler vai aceitar? Perguntou Hawes.

— Ele está focado nos explosivos agora, não em você, disse Chris. — Estamos todos tentando parar a mesma coisa aqui. A



mesma pessoa. Estamos há três anos, embora separadamente. Podemos fazer isso juntos. Estamos perto.

Rose jogou as cartas na mesa, terminando a rodada semi-finalizada, e Chris pensou que ele havia perdido a mão, ainda mais. Mas então ela bebeu o café, levantou-se e disse: — Aguardaremos sua ligação, Agente Perri.

Reunião finalizada, Holt levantou-se ao lado dela, entregou Lily a ela e colocou a bolsa de fraldas em seu ombro. Eles saíram do restaurante, com Avery e Zoe, enquanto Hawes permanecia.

— Você lidou bem com ela, ele disse.

Chris o encontrou à meio caminho ao redor da mesa, perto do canto dos fundos da sala e fora da vista das janelas. — Ela é intimidante pra caralho.

Hawes sorriu, um pouco melancólico e muito sombrio. — Todo mundo sempre pensou que Papa Cal era o mais assustador.

— Ela está bem sobre isso?

— Ela lamentou. Ela superou isso. — Mas Hawes não, a julgar pela maneira como ele desviou o olhar. — Ela agiu da mesma maneira quando mamãe e papai morreram. Um naufrágio por alguns dias, depois completamente composta e no comando.

Aproximando-se, Chris levantou uma mão e segurou sua



bochecha. — E você? Faz apenas uma semana que você o perdeu também. Eu sinto muito. Eu deveria ter perguntado...-

— Quando? Hawes disse com uma risada fraca. — Não tivemos um minuto.

Isso não era totalmente verdade. —Você me ouviu enquanto eu descarregava esta manhã sobre Ro e Izzy. Eu deveria ter...-

Hawes o cortou com uma mão em volta do pulso. — Você precisava me dizer isso, e eu precisava ouvi-lo.— Ele virou o rosto contra a palma de Chris, fazendo um carinho. Mandíbula afiada, restolho espinhoso e lábios macios enquanto acariciavam a pele de Chris. — Obrigado por confiar em mim.

Dois passos à frente e Chris o pressionou contra a esquina. — Eu que deveria estar agradecendo. Ele apontou para si mesmo. — Eu sou o federal que mentiu.

— Bom título para um filme. Hawes afrouxou o aperto e passou a mão pelo antebraço de Chris, despertando arrepios em seu rastro. — E você não é como ninguém que eu já conheci.

— Conheceu muitos, não é?

Ele encolheu os ombros e o canto oposto da boca se levantou, a sugestão de um sorriso afugentando a melancolia. No instante seguinte, Chris foi puxado para frente pelo braço, girado e empurrado de frente contra o canto. O calor de Hawes bateu em



suas costas e flutuou sobre sua orelha, lábios e respiração fazendo cócegas lá. — Você é meu favorito.

O estômago de Chris revirou e seu pau endureceu. — É bom saber e foda-se eles.

Hawes riu e mordiscou sua nuca. — Amanhã, agente Perri.

— Amanhã, Chris repetiu nas costas de Hawes enquanto o rei, cabeça erguida, saía do restaurante e saía para a noite.

..*.*

Chris esperou o tempo suficiente para sua ereção diminuir, depois pagou a conta da mesa, atravessou a rua e virou na direção do beco onde havia estacionado a Hog. E descobriu que ele não estava sozinho. Hawes estava encostado na parede em frente à moto, joelho dobrado, um pé apoiado nos blocos de concreto. A névoa rastejava ao redor do tornozelo de sua outra perna, ao redor das aberturas do paletó e no alto, no leve halo de luz emitido pelas lâmpadas da rua em cada extremidade do beco.

Nos olhos azuis que giraram na direção de Chris.

Chris tirou uma foto mental, a essência de Hawes Madigan capturada em um único tiro. Como a neblina que ele tanto amava,



Hawes era uma criatura de sombra e luz, brincando nos cantos, nas bordas, até que a névoa fina e indefinível se espalhasse por tudo ao redor, avassaladora demais para se vislumbrar a saída. Você pode temer isso, temer a incerteza do desconhecido ou deixar ir e aceitá-la. Nesta cidade, não havia como escapar. Então você tinha que aprender a amá-la. Como Hawes tinha feito com o nevoeiro, como Chris tinha feito com o homem.

Porra, ele se apaixonara totalmente pelo seu alvo.

As prioridades mudavam a cada passo que Chris dava em direção a Hawes. Manter este homem vivo disparou ainda mais alto na escada. Encontrar o assassino de Isabella era fundamental. Proteger os explosivos e o império de Hawes da mesma forma perto do topo. Mas não apenas porque Chris concordava que menos morte era uma coisa boa ou porque ele estava a bordo pelo modo como Hawes dirigia as coisas. Chris queria - precisava - de Hawes vivo no final de tudo isso. Hawes poderia cuidar de si mesmo, ele provou isso várias vezes, mas depois de quase vê-lo morrer ontem, fazendo-o o sentir como se seu mundo havia desmoronado pela terceira vez, ele não conseguia lidar com essa realidade.

Não quando uma realidade alternativa estava se tornando conhecida. Sua cabeça ainda não estava totalmente a bordo, sem saber como conciliar as diferentes abordagens da justiça, mas seu coração tinha provado o sabor de casa novamente e relutava em se separar dela. Ou do homem que trouxe esse sentimento à vida.



— Você está de acordo com este plano? Chris disse enquanto se aproximava.

— Você me ouviu objetar?

— Eu não ouvi você dizer muita coisa. Chris descansou seu corpo com cuidado contra a moto. Um exercício de equilíbrio e restrição, todos os músculos de seu corpo gritando para pressionar contra o de Hawes, para reivindicar outro gosto de casa, mas ele precisava fazer seu ponto. Precisava ter certeza. — Eu preciso saber que você está na mesma página. Que estamos nisso juntos.

Hawes inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu. — Seria um erro tático, manter você fora do circuito novamente.

— Foda-se as razões táticas. O latido frustrado na voz de Chris puxou o olhar de Hawes de volta para ele. — Estou falando sobre mantê-lo vivo. Porque ontem não pode acontecer novamente.

— Você sabe o que eu sou. Eu sei o que você é. Não sejamos ingênuos. A morte é sempre um risco.

Chris abaixou a cabeça, enrolou uma mão ao redor do guidão e a outra ao redor do assento de couro e inspirou profundamente.

— Eu também não quero te perder, sussurrou Hawes do outro lado do beco, a voz tão torturada quanto aquela no interior de Chris. Cheia com a mesma tempestade de emoções com a qual Chris estava lutando, provocada por uma realidade que não podia



ser negada. Reconhecida então, mas também como tudo o que estava em jogo para os dois.

Foda-se a restrição. Chris se afastou da moto e fechou a distância entre eles. Ele inclinou a cabeça e girou a língua no sulco profundo entre o pescoço e o ombro de Hawes. — Esses outros federais sabiam como você gosta de ser beijado, bem aqui?

Hawes choramingou e passou a mão pelo cabelo de Chris, segurando-o lá. Chris aproveitou o puxão enquanto mordiscava a clavícula de Hawes, depois alisou a pele sardenta com a língua. Mas, enquanto seguia uma linha de beijos até a orelha de Hawes, ele agarrou o pulso de Hawes, retirou a mão de seu cabelo e prendeu o braço na parede. — Eles sabiam como você gosta de deixar ir? Ele revirou os quadris e Hawes empurrou contra ele.

— Eles não me conheciam assim. Ninguém. Ele se inclinou para um beijo e Chris se esquivou. — Dante, por favor.

Chris pressionou contra ele, uma onda rolante de necessidade subindo de suas coxas até a virilha, o peito, a respiração na bochecha de Hawes e a mão emaranhada na dele. E em cada ponto de contato, Hawes revertia com a mesma necessidade. — Eles sabiam como é ter tudo isso se contorcendo debaixo deles? Ele beijou a bochecha de Hawes e passou a mão entre eles para segurar Hawes através de suas calças. — Que porra de presente é tudo isso?



Um tremor assolou o corpo de Hawes, e ele congelou. Chris se inclinou para trás o suficiente para ver seu rosto, com medo de ter dito ou feito algo errado. Mas não era raiva ou confusão olhando de volta para ele. Em vez disso, os olhos de Hawes estavam arregalados e cheios de uma tristeza fria. — Eu não sou um presente para ninguém. Uma maldição, talvez...-

— Errado. Chris o beijou com força, explodindo o calor para se afastar daquele maldito gelo. — E mesmo se você fosse uma maldição, eu não teria interesse em quebrá-la.

— Você vai quebrar só a mim.

— Bom, então estaremos quites.

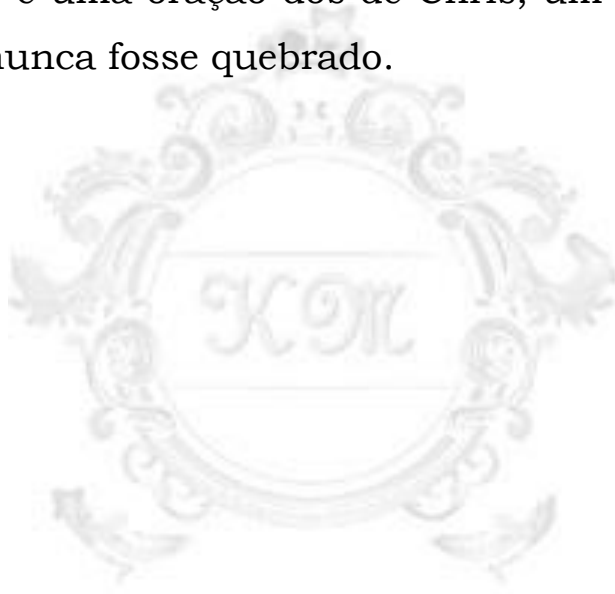
Hawes riu, profunda e estrondosamente, quebrando a tensão e quebrando qualquer esperança que Chris tivesse de se conter. Ele esmagou a boca contra a de Hawes e, a partir daí, foi uma corrida para ver quem poderia quebrar o outro mais rápido. Calças rasgadas, mãos mergulhando em boxers, punhos enrolados em paus, acariciando um ao outro na escuridão, a névoa fresca se enrolando ao redor deles, escondendo-os em seu próprio mundo de calor e desespero.

Foi imprudente, compartilhar isso aqui em um beco público, fazer isso, para os dois, mas acionar o freio não era mais uma opção. E quando Hawes pegou os dois na mão, exercendo o controle, Chris agarrou a parede de cada lado da cabeça de Hawes,



lutando para se segurar contra o ataque de prazer. Ofegando entre beijos frenéticos e famintos, ele empurrou no punho de Hawes, contra seu pau longo e duro, com o pé no acelerador, acelerando-os em direção ao orgasmo.

Quando eles se gozaram juntos, a mão de Chris cobrindo a de Hawes, apertada em torno de seus pênis, os dois moendo e derramando sobre seus dedos emaranhados, “Sempre” saiu dos lábios de Hawes, e uma oração dos de Chris, um desejo ardente de que esse feitiço nunca fosse quebrado.





Capítulo Quatorze

A cabeça de Chris ainda estava girando na manhã seguinte por causa do encontro surreal com os Madigans - e do surreal encontro posterior com Hawes no beco. Tanto que ele teria estragado a omelete de Mia, se não fosse por Marco arrancando o saco de presunto picado da mão.

— Ela é vegetariana esta semana, lembra? Perguntou o sobrinho.

— Boa captura, garoto. Ele recuperou a sacola e jogou a carne restante na outra frigideira, fazendo a de Marco duplamente recheada.

Marco riu. — Estou achando que você precisa de café tanto quanto eu. Ele pegou o pote e Gloria entrou, batendo em sua mão.

— A resposta é não, disse ela.

— Ang só vai parar e nos levar para um café com leite no caminho para o acampamento de Marco, disse Mia da mesa, onde estava sentada com um e-reader apoiado na frente dela. — O café



favorito dela é nesse bairro.

— Mas eu não fui eu que lhe serviu, disse Gloria. — Regras da sua mãe.

Marco fez uma varredura digna de Vanna White através da sala com os olhos e os braços. — Eu não estou vendo a mamãe, você está?

Chris bateu em seu quadril. — Vá se sentar, Platão. Não é hora de discutir.

Mia revirou os olhos. — Ele faz jus ao apelido.

O riso quebrou a tensão, mas não a preocupação de Chris, que foi despertada pelo comentário descartável de Marco. Onde estava Celia?

Ele deslizou cada omelete da frigideira para um prato e levou-as para a mesa, onde escorregou dez para cada uma das crianças. Marco deu-lhe uma batida de mão, Mia um sorriso. Ele aceitou isso e a maneira como eles se deliciaram com sua comida.

Ele voltou para as tábuas e utensílios da pia e o sorriso de sua mãe. — Eu vi isso.

— Como Mia disse, eles vão conseguir de qualquer maneira. Angélica não deveria ter que pagar a conta. E ela me fez uma caixa de cannoli de visco.



— E a verdade vem à tona. Gloria tomou seu primeiro copo, depois o encheu de novo e um para ele também. Ele terminou de encher a pia com água e sabão, depois limpou as mãos e aceitou a bebida oferecida. Ela acrescentou: — Obrigado por ajudar esta manhã.

Ele baixou a voz para que as crianças não o ouvissem. — Você disse que sua gota estava agindo, mas você está se movendo muito bem, então por que eu estou realmente aqui? Ela olhou por cima do ombro para as crianças, confirmando a suspeita de Chris. — Cadê a Celia?

Antes que ela pudesse responder, uma buzina do carro tocou do lado de fora, e seus sobrinhos deram um pulo rápido, empurrando as últimas mordidas em suas bocas e colocando suas coisas espalhadas em mochilas.

— Pratos na pia, disse Gloria, e eles correram para deixar seus pratos na água e sabão.

Marco deu um abraço nos dois. Mia deu um beijo na bochecha de Gloria e para Chris ela acenou com seu e-reader, e então eles se foram, o bater das portas e o guincho dos pneus de Angélica do lado de fora fazendo Chris rir. De todos os Perris, era sua prima que tinha o pé mais pesado e passagens velozes para provar isso.

Chris voltou para a pia e mergulhou as mãos sob a espuma.



— Você não respondeu minha pergunta, disse ele à mãe, enquanto lavava a louça. — Cadê a Celia?

— Bem aqui. E eu estou bem.

Ele virou a cabeça na direção oposta, na direção da voz de sua irmã, e agradeceu aos santos que suas mãos - não, punhos - estavam escondidas sob a água. Sua irmã claramente não estava bem. Seu corpo leve estava perdido nas dobras do antigo manto de flanela do pai, mas Chris supôs que isso lhe dava algum conforto. Era alguma proteção contra a realidade gritante de seu olho roxo, lábio quebrado e o mancar de seus passos enquanto ela atravessava lentamente a sala em direção a eles.

A preocupação de Mia da outra noite havia se realizado.

— Eu vou matá-lo, porra. Tanto para manter sua raiva sob controle.

— Não, disse ela, abaixando-se cautelosamente na cadeira que Mia havia desocupado. — Ele não vale a pena. Prefiro que você me ajude a obter uma ordem de restrição.

Sobre a porra do tempo. — Feito. Ele pegou o último prato, o enxaguou e o colocou na prateleira para secar. Eu conheço um advogado. Não é o que ela faz, mas ela conhece todo mundo. Ela fará com que isso aconteça. — Ele imaginou que esse era exatamente a especialidade de Helena, de várias maneiras. E Kane



ficaria mais do que feliz em fazer cumprir a referida ordem. — Ele não vai chegar perto de você de novo, Cee.

Gloria colocou uma caneca fumegante na frente dela, depois pegou a cadeira ao lado dela. — E você também não voltará para ele.

Celia desviou o olhar deles, engolindo em seco. Com uma visão clara do olho enegrecido, dos machucados no pescoço que seu cabelo havia escondido, Chris teve que enrolar uma toalha em volta dos punhos para não bater na parede. — Onde ele está? Então, saberemos para onde mandar a ordem de restrição.

Celia riu, cansada e amarga. — Então assim você pode bater nele? Não, não que eu tenha alguma ideia de onde ele foi... depois...- Ela apontou para o rosto dela, depois apertou o roupão com mais força.

Porra, a última coisa que ela precisava agora era ele no modo de raiva também. Ele desenrolou o pano, respirou fundo e sentou na cadeira em frente a eles. — Eu sei que isso é difícil...-

— O que você sabe sobre isso? Celia estalou. Seus olhos escuros brilharam para combinar, mas não com raiva, com mágoa e arrependimento. — Você nunca está aqui.

Chris levantou as mãos, com as palmas para fora. — Você está certa. Já fui embora demais, mas espero mudar isso. Além do



pânico momentâneo em que ele pensou que Hawes estava morto, sua esperança e compromisso de ficar só se solidificaram na última semana e meia. Ele queria - precisava - ficar. Por tudo o que havia com Hawes e também com sua família.

Mas sua irmã não parecia feliz com essa declaração. Ela desviou o olhar novamente e engoliu em seco.

— Você não me quer aqui? Perguntou Chris.

— Claro que eu quero você aqui.

— Então, o que é?

Ela endireitou o olhar e havia lágrimas em seus olhos escuros, uma escapando e correndo pelo rosto machucado. — Ela parecia muito com você. Sua voz tremeu nas palavras – “A culpa é minha” - e quebrou, Celia com ela, enquanto cobria o rosto e chorava com o rosto escondido em suas mãos.

O coração de Chris também partiu, por tudo o que eles haviam perdido, e pelo peso que Celia estava carregando, porque ele fugira do dele, não estava por perto para ajudá-la a suportar a carga, para dizer que não, ela não era culpada de nada. Este foi o dano que ele fez.

Ele se levantou, circulou a mesa e se ajoelhou ao lado da irmã. — Porra, Cee, desculpe, ele disse, e quando ela não lhe olhou para ele, ele agarrou levemente o queixo dela e trouxe seu olhar



para o dele. — Você é a última pessoa que eu culpo pelo que aconteceu com Ro. Se você não estivesse dirigindo, teríamos perdido você e Mia também. Ele segurou sua bochecha que não estava ferida. — Por favor, pare de se culpar.

Ela escondeu o rosto na mão dele. — Eu continuo lembrando aquele dia. Se eu tivesse feito algo diferente, se não tivesse tomado esse atalho...-

— Pare. Ele se levantou e gentilmente a puxou para um abraço. — Faz dez anos, Cee. Pare de se punir. Pare de deixá-lo punir você. Porque é isso que ela estava fazendo. Recebendo os golpes porque ela achava que os merecia. Ele a segurou tão firmemente quanto seus ferimentos permitiriam. — Sua vida inteira ficou presa lá, querida. Ro não iria querer isso.

A maldição quebrou, seus soluços ficaram altos e irregulares, e a tensão finalmente, finalmente, fluiu de seu corpo. Chris segurou a irmã como deveria ter feito durante a última década, não os abraços desajeitados de estranhos que compartilharam, mas de duas pessoas que foram melhores amigas enquanto cresciam, que sempre tiveram as costas um do outro.

Gloria se aproximou, esfregando as costas da filha. — Tudo mudou naquele dia. Perdemos Ro, mas também perdemos você.

Celia se afastou, enxugando as lágrimas debaixo dos olhos e a umidade debaixo dos olhos de Chris também. — Nós também



perdemos você naquele dia, disse ela. — Ro também não gostaria disso.

Tudo mudou dez anos atrás. Ele perdera o centro de seu mundo, ficara à deriva e quase apagara as luzes. Mas Izzy o encontrou e mudou o curso de sua vida. E ele estava se punindo desde então. Saltando de uma tarefa secreta para outra, fingindo ser alguém que ele não era, para que ele pudesse bloquear tudo o que havia perdido. Funcionou quando ele precisou, mas agora? Estando de volta aqui com sua família, estando com Hawes, um pouco do velho Christopher e um pouco do novo Dante estavam se misturando - alguém que era o mesmo e mas ao mesmo tempo não, o verdadeiro *ele* agora, e ele estava procurando um porto para voltar para casa, mas o nevoeiro dificultava a navegação. Névoa advinda de todos os anos passados achando-se fraco naquele momento de escuridão, devido aos erros que ele havia cometido. Porque ele também se sentia responsável por não estar lá naquela época e agora. E nos últimos três anos, ele se jogou na caça ao assassino de Izzy. Outra distração, outro ato de retribuição e de auto-culpa.

Retribuição. Auto-culpa.

Chris congelou, as palavras ecoando em sua cabeça, mudando seu quadro de referência quando peças de quebra-cabeça de um tipo diferente se encaixavam.

Tudo mudou naquela noite.



A noite da morte de Isabella.

Porque Hawes se sentia responsável.

Ou porque ele era o responsável?

..*.*

Chris ficou feliz por ter levado a Hog à casa de sua mãe. Tornou a viagem de volta para casa mais fácil. Mais rápida. Menos tempo para ele tirar conclusões sem antes reexaminar as evidências da noite da morte de Izzy. Reconsiderar aquela noite que mudou tudo através de uma perspectiva diferente. Não por conta própria, mas como um investigador de fora. Não de Izzy como sua parceira, mas como uma vítima. De Hawes. Como o quê?

Assim como a vida de Chris mudou no dia em que Ro morreu, a vida de Hawes e a trajetória de sua organização mudaram na noite em que Isabella morreu. Chris testemunhou essas mudanças em ação, contou com elas para revelar certas informações a Hawes e estava trabalhando com Hawes para protegê-las daqueles que queriam voltar aos velhos hábitos.

Sob o regime de Hawes, os alvos precisavam ser examinados e os danos colaterais eliminados. A moral elevada de um assassino



descendia de pais que, segundo todos os relatos, eram máquinas de matar eficientes, como Helena. De uma avó que empunhava as palavras como Holt pressionava as teclas. E um avô que construiu um império a partir do medo, muito parecido com o apelido de Prince of Killers, que Hawes odiava, mas ficava feliz em usar quando necessário.

Um novo regime que surgiu após a morte de Izzy.

Por quê? Izzy perguntou na cabeça de Chris. O que mudou para ele naquela noite?

Por que Hawes, como Celia, se sentia responsável? Ele não estava se punindo exatamente como a irmã de Chris, mas mudou toda a sua vida como resultado daquela noite.

Chris caminhava para lá e para cá em seu escritório enquanto conversava com sua parceira. — Porque a família dele estava sendo ameaçada. Infiltrada pelo ATF. Ele não queria que isso acontecesse novamente.

Exceto que algo não estava certo. Surpresa e traição genuínas apareceram no rosto de Hawes quando Chris revelou as verdadeiras identidades dele e de Izzy. Ele não sabia até semana passada, muito menos três anos atrás, que sua organização havia sido tão profundamente infiltrada pelo ATF. Essa não era a razão.

Qual é o outro lado dessa moeda?



— Ele pensou que você era inocente. Ele se virou para enfrentar a colagem de fotos e notas da cena do crime. Os corpos cobertos de lençóis de Izzy e Zander Rowe na rua molhada pela chuva. O reflexo das luzes azuis e vermelhas, marcadores de provas e duas pistolas. — Um de seus funcionários, um secretário, que estava tentando se defender, morto por um de seus tenentes. Hawes se importava tanto com a organização legítima quanto com a ilegal. Ele levaria para o lado pessoal, suportaria o peso da responsabilidade, se um desses funcionários fosse pego involuntariamente no fogo cruzado.

Que fogo cruzado?

Com certeza não tinha sido um distúrbio doméstico. Enquanto as evidências no local apontavam para isso com bastante facilidade – os pulsos mutilados de Izzy, os machucados em seu rosto - nenhuma das anotações de Izzy indicava que Rowe havia sido abusivo. E nenhum dos irmãos Madigan teria suportado esse tipo de comportamento se eles tivessem chegado a desconfiar.

Porra, como ele encaixava as peças desse quebra-cabeça? O que ele estava perdendo? Estava tudo lá. Ele só tinha que descobrir o que unia tudo isso.

Com as mãos na cabeça, ele girou lentamente pela sala, parando em frente às notas de investigação atuais.

Os explosivos.



— Essa era sua missão. Você encontrou algo. Foi por isso que Rowe matou você?

Eles estavam conectados a tudo isso, e Hawes estava fazendo tudo o que podia para tirar a organização desse negócio. Muito risco, alto custo, ele disse semana passada. A definição de dano colateral.

Nenhum dano colateral.

— Isso é o que você foi.— Não uma toupeira, não pega em uma disputa doméstica. Não, até onde Hawes sabia, ela era namorada de Rowe, e nessa noite, ela esteve no lugar errado, na hora errada. — Um dano colateral inaceitável.

Chris correu para a mesa cheia de anotações e começou a puxar folhas de papel e pregando-as na parede em uma colagem separada. Fotos da cena do crime reposicionadas indo com elas. As coisas que nunca se somaram. Um sedan da empresa Madigan no local, mas nenhum cabelo ou fibra proveniente de Izzy ou Rowe dentro dele. Marcas de pneus e marcas de derrapagem que não combinavam com o sedan. Provavelmente eram de uma van ou de uma caminhonete.

Como a van carregada de explosivos que usaram na tentativa de matar Hawes depois do velório de seu avô Cal. Ele pegou o registro bancário mostrando o depósito de Amelia para Zander Rowe e adicionou à história.



— Rowe era um traidor. Desviou uma van de explosivos. E você descobriu.

O último relatório que ela registrou - na noite em que morreu - foi de que alguém estava tentando comprar os explosivos. Ela descobriu, e o neo-Nazi que morreu na terça-feira estava no topo da lista de suspeitos.

Não, o neo-Nazi que foi assassinado. Por...

— Hawes. Ele descobriu também.

O que seria inaceitável para o então príncipe na época. O potencial de danos colaterais - à família, ao império e à cidade - seriam altos demais.

O que ele fez, Dante?

Gelo rastejou em suas veias quando as peças irregulares do quebra-cabeça começaram a combinar, começaram a se encaixar em uma imagem que ainda estava embaçada, mas que uma parte inerente dele sabia que não queria ver. Não era a imagem de casa que ele estivera colocando juntas. Um pesadelo, como aquele que Hawes tinha - *repetindo-se* - todas as noites.

— Ele interceptou a van.

Não era mais apenas gelo. Uma montanha inteira de neve o enterrou em uma avalanche enquanto ações e palavras da semana



passada passavam por sua mente.

A repulsa de Hawes pela arma que Chris enfiou em sua mão.
— *Eles matam muito rápido* - dissera Hawes. — *Sem pensar. É muito fácil fazer a conexão errada* .

Em cada luta, o assassino usava uma arma diferente - seu corpo, um garrote, suas palavras. Até a manhã de sexta-feira, quando ele pegou a arma de Chris, e Helena tinha ficado chocada e aterrorizada.

Por quê?

Chris adivinhou a terrível verdade. — Porque ele não tocara nenhuma em três anos.

Em seguida, ele procurou as evidências para refutar o que ele não queria acreditar.

Revisando os arquivos de Izzy, ele procurou fotos de Hawes de antes da morte de Izzy.

Uma foto dele no MCS, vestindo um de seus ternos, uma protuberância visível debaixo do braço esquerdo.

No iate, uma saliência no quadril direito sob a bainha do suéter.

Ele costumava carregar uma.



Até que ele fez a conexão errada.

Ele virou para a próxima foto do arquivo.

Hawes, em um beco cheio de nevoeiro, uma arma apontada para um homem de joelhos.

Um Colt 1911.

O mesmo tipo de arma encontrada no chão ao lado do corpo de Zander Rowe. A arma que disparou a bala que matou Izzy. Uma arma que não estava registrada para Zander Rowe. Que eles nunca foram capazes de rastrear. Eles pensaram que ela pertencia a Rowe, obtida ilegalmente.

De quem era, Dante?

Bile subiu pela garganta de Chris, e ele apoiou as mãos na parede, em qualquer lado da história pontual que ele construía. Do quebra-cabeça montado na frente dele, o pesadelo claro como cristal agora.

Sem assassinatos indiscriminados. A última das regras de Hawes. Algo que uma arma tendia a fazer. A arma que Hawes não usaria. A regra e a aversão sendo exatamente o oposto do título que lhe foi concedido.

O Príncipe dos Assassinos.

Por que ele odeia tanto esse apelido?



— Porque ele acha que matou seus pais. Hawes havia lhe contado essa história.

Como fora ele o responsável por mandar desligar e tirar os pais dele do suporte de vida. Mas esse não era o único motivo. Essas não eram as únicas mortes que Hawes se arrependera. Havia outra encarando Chris bem na cara. Uma verdade que mantinha Hawes acordado à noite, que ele e seus irmãos tinham andado na ponta dos pés quando surgia nas conversas, pelo que Hawes pedira desculpas na outra noite, só que Chris não havia entendido a abrangência dele então.

Ele entendeu agora. Seu intestino queimava e seu peito doía, dilacerado por outra perda - sua esperança de um futuro, um lar, sangrando no chão de madeira.

Como Izzy havia sangrado naquela noite na rua, assassinada pelo mesmo homem por quem Chris tinha se apaixonado.

Quem ele matou, Dante?

Empurrando a dor, ele falou a verdade que escapara dele por três longos anos. — Você.



Capítulo Quinze

Chris ignorou o telefone vibrando em seu bolso, assim como ele ignorou muitas outras ligações hoje enquanto ele estava ajustando seu quadro de referência. Reorganizando as evidências em uma imagem indiscutível. Repetindo cada interação que ele teve com Hawes Madigan.

A traição doía quente e profundamente. Carma de merda.

Até esta manhã, Chris tinha sido sincero em seu objetivo de ajudar Hawes a se segurar no poder. A direção que Hawes e seus irmãos estavam levando a organização, as regras que eles seguiam resultavam em menos mortes. Somente os piores criminosos, aqueles que escaparam da justiça que Chris e a lei distribuía encontraram seu fim. Tanto quanto Chris queria acreditar que o sistema judiciário era suficiente, ele não era um tolo total.

Mas sabendo o porquê agora, sabendo que Hawes estava solapando a missão principal de Chris a todo momento, sabendo que o assassino de Isabella estivera encarando-o todo o tempo, beijando-o, contorcendo-se sob ele, enviou Chris amordaçando para



o banheiro mais de uma vez hoje.

Nojo e o desejo condenável ainda agitavam seu intestino, mas a raiva alimentou seus passos acima da escada, dois de cada vez, para o escritório de Kane. Ele bateu a porta da escada, vislumbrou a sinalização direcional e desviou. Ele queria verificar outra coisa primeiro. Outra coisa que não se encaixou naquela noite.

Ele encontrou o departamento de TI e o Mohawk platinado de Jax era como um farol, atraindo-o para sua estação de trabalho. Ele o viu a várias mesas de distância e recuou em sua cadeira. Chris diminuiu a marcha e reprimiu seu olhar. Ele precisava da ajuda dele, mas isso era apenas uma suposição. Jax só começou no SFPD no último ano. Não achava que ele estaria envolvido há três anos, mas Jax era um dos pupilos de Holt. Não havia como saber ao certo o que ele poderia ter feito fora do livro antes de se juntar à força. Se nada mais, Chris tinha certeza de que denunciaria esse encontro.

— Agente Perri, Jax o cumprimentou cautelosamente. — O que está acontecendo?

Ele tirou um pen drive do bolso do paletó. — Mostre-me isso.

Ele ergueu uma sobrancelha cética para ele, a mesma que Holt tinha quando Chris anteriormente apresentara a ele um pen drive. — É a própria filmagem do SFPD, de uma cena de crime antiga.



— Se isso tem um...-

— Nenhum vírus. Eu não saberia como, de qualquer maneira.

Eles ainda executaram uma verificação de vírus após inserir o dispositivo e antes de clicar em qualquer arquivo ali dentro. Feito isso, Jax abriu o vídeo e pressionou *Play*.

E nada. Tão frustrantemente chato como sempre fora. Apenas uma gravação da rua chuvosa que caía antes de Isabella e Rowe aparecerem.

— Eu não entendo, disse Jax.

— Segundo o relatório da polícia, a câmera de trânsito que filmava esse cruzamento foi desligada dois minutos antes de ocorrer um duplo homicídio aqui. Ele bateu com os dedos na tela. — Você pode dizer se é esse o caso?

— É, Jax respondeu imediatamente. — Mas isso foi colocado em modo de repetição antes disso.

— Desculpe?

— Logo antes do ponto de corte. É um *loop feed*. Muito bem executado, mas é um loop. Eu sou daltônico vermelho-verde. — Jax apontou para uma bandeira do Golden State Warriors pendurada em uma porta da loja no canto direito da tela. — Essa bandeira é na verdade azul e amarelo para você. Para mim, é azul marinho e



branco, como o branco brilhante, que realmente aparece no escuro. — Seus dedos correram pelo teclado, e um segundo mais tarde, a imagem ficou monocromática — Retire a saturação da cor e os detalhes também aparecem para você. — De fato, Chris percebeu isso mais claramente agora. — Você vê ela se mover?

Ele assentiu. — Com o vento.

— Exatamente da mesma maneira? Eles rebobinaram a filmagem, diminuíram a velocidade e com certeza suficiente, era uma réplica exata. Mais como um ponto do que o leve empurrão da brisa.

— E olhe para o reflexo na poça. Do letreiro vermelho neon FECHADO em uma janela da loja, com um marcador de notícias abaixo, exibindo a mesma linha de texto.

— Foda-se. Mas isso tinha sido cortado antes do incidente. O que eles esconderam naqueles poucos segundos? A van entrando em cena? Alguém mais - Hawes - chegando ali também? — Você pode recuperar as imagens alteradas?

Jax sacudiu a cabeça. — Não seria possível, pois passou da marca de três anos de arquivamento, mas eu sou o melhor aqui em encontrar códigos ocultos. Os dedos voaram novamente. — Tem que estar enterrado aqui em algum lugar. Outros dois minutos em que Chris tentou não perder o pouco que ainda restava de seu controle, e então Jax parou de digitar abruptamente.



Chris olhou para a tela, para a sequência de números que não significava nada para ele, mas estava claramente traduzido para Jax. — O que foi?

— Nada. Não há nada aqui.

Chris agarrou o braço da cadeira e a girou para encará-lo.

— Você está fazendo um bom trabalho aqui. Você percorreu um longo caminho desde o abrigo. Não arrisque isso.

— Não consigo captar as imagens.

— Mas você sabe quem fez a alteração. Ele olhou para a tela.
— Seu mentor Holt, suponho?

— Não exatamente. Jax bateu as unhas no apoio de braço, reticente em dizer mais.

O que foi mais que suficiente para Chris. Se não fosse Holt, havia apenas uma pessoa que Jax protegeria com seu silêncio. E por sorte, ele trabalhava neste mesmo edifício.

..*.*

Kane estava atrás de sua mesa, esperando em uma postura militar. Pernas abertas, braços cruzados sobre o peito, ele não



piscou, não vacilou, quando Chris atacou seu escritório e bateu a porta atrás dele.

— O que aconteceu na noite em que Isabella morreu? Chris exigiu.

— Isso foi antes de eu ser Chefe.

— Mas você estava aqui, na força, não estava?

— Eu cheguei dezoito meses antes.

Isso não era conveniente? O policial de estimação dos Madigans apareceu logo depois da ascensão de Hawes. Eles sempre planejaram dessa maneira? Provavelmente. Chris não achava que tinha sido por acaso.

Ele jogou o pen drive na mesa. — Você alterou a filmagem de vigilância da noite em que Izzy morreu.

Kane empalideceu e enfiou os dedos nos bíceps, mas não disse uma palavra para confirmar ou negar isso.

Chris deu um passo à frente, coxas batendo na borda da mesa na frente dele.

— Você os ajudou a encobrir isso.

— Não sei do que você está falando.

Chris zombou. — Você sabia que eles deixaram uma pista no



sistema?

— Não há evidências...-

— Jax é um hacker melhor do que você ou Holt pensam.

As sobrancelhas de Kane mergulharam em um V, mas ele manteve os lábios pressionados, silenciosos.

— Você ainda não tem seu mandato, não é?

O chefe de polícia, o homem encarregado de defender a lei em São Francisco, inspirava-se não na lei, mas em uma organização de assassinos.

Doze horas atrás, Chris pensou que talvez isso funcionasse. Que o delicado equilíbrio fosse necessário. Não mais. E a julgar pelo seu comportamento frio e fechado, Kane não estava mais olhando para Chris como um aliado. Na frente dele estava Agente Perri, o homem que poderia destruir todo o seu castelo de cartas. Dado o que estava em jogo, e o treinamento militar de Kane, esse exercício era inútil. Ele não estava indo rachar.

— Eu preciso falar com Amelia, disse Chris.

— Ela já foi transferida.

Claro que sim. Rosnando, Chris estendeu um braço e bateu o pote de doces fora da mesa. O tapete impediu que se quebrasse, mas balas de caramelo saíram voando, batendo nas paredes e no



chão. — Então você vai me dar um pouco da porra das respostas que preciso, ou eu vou...-

— Você vai o que?

Chris virou-se para a mulher que teve o timing mais impecável da história do mundo, e uma faca na mão, a ponta afiada agora pressionando o ponto sensível sob sua última costela. — Nós já não estivemos aqui antes, Sr. Hair? Você ainda não aprendeu sua lição sobre fazer ameaças?

— Claro que você está aqui.

Helena deu de ombros e pressionou um pouco mais forte com a faca, apenas a um movimento de seu pulso de tirar sangue, ou pior. — Qual era a ameaça que você estava prestes a fazer?

Bem, ele precisava falar com ela de qualquer maneira. O dia tinha saído dos eixos e ele perdeu de vista suas outras prioridades. Havia uma chance de consertar isso, pelo menos.

— Duas coisas, ele disse a ela. — Primeiro, preciso de um bom advogado da vara da família.

Helena inclinou a cabeça, olhos estreitados. — Você?

— Minha irmã. Seu marido bateu nela. Precisa de um mandato de restrição e um divórcio.

Sem hesitação, sem vacilar. — Feito.



— Dois, Hawes matou Isabella?

Isso a fez estremecer, e foi uma confirmação tão boa quanto qualquer outra.

Porra.

O tempo todo, o assassino de sua parceira estivera bem na frente dele, debaixo dele, em seus braços, em sua cama de merda. Ele tropeçou de volta contra a borda da mesa e abaixou a cabeça. — E eu pensando que estava enganando todos vocês.

Eles enganaram Kane também, a julgar pela maldição murmurada do homem.

— Você não sabia? Chris perguntou por cima do ombro.

Kane caiu na cadeira e cobriu o rosto com as mãos. Mais que traição suficiente para dar a volta ao que parecia.

— Hawes também foi enganado, disse Helena, chamando a atenção de Chris de volta para ela.

Ela deu um passo atrás e escondeu a faca só Deus sabia onde. — Ele pensou que ela era cúmplice, e então ele descobriu que ela era inocente. Isso o rasgou todos os dias nos últimos três anos, e então você aparece e martela o prego ainda mais. Mas ela não era nenhuma dessas coisas, era? Ela era uma agente, ela sabia no que estava se metendo, sabia dos riscos. O mesmo que você. Montaram



uma armadilha para ele, assim como para o resto de nós.

— Ele atirou nela, e durante toda a semana, ele - *todos vocês* - me deixaram pensar que foi outra pessoa.

— Foi *outra* pessoa, disse Kane, e Chris virou-se, olhando para ele furioso.

— Você se lembra do que Amelia disse? A pessoa para quem ela está trabalhando, que sabia quem você era antes de chegar aqui. Acho que eles sabiam quem era sua parceira também. Helena está certa. Hawes pode ter puxado o gatilho, mas alguém o colocou e à sua parceira lá.

— Neste momento, essa outra pessoa não é meu problema. Ele se afastou da mesa e usou toda a sua altura para pairar sobre Helena. — Onde ele está?

— Sem chance, Sr. Hair.

Ele passou por ela em direção à porta. — É melhor que você o encontre antes de mim.



Capítulo Dezesete

Helena encontrou Hawes primeiro, ou no mínimo, mandou um aviso para ele, porque onde quer que Chris o procurasse, Hawes não estava lá. O armazenamento a frio, a instalação nas docas, o armazém em South City, o iate da empresa, o apartamento em South Beach, o forte da família em Pac Heights, o estádio. Chris tinha exibido seu distintivo para entrar e explorar todo o clube. Como um fantasma, Hawes havia desaparecido. Chris não achou que ele havia saído da cidade, não com tanta incerteza pairando sobre sua família e sua organização. E ele não iria embora deixando Helena desprotegida amanhã, mas ele aparentemente estava jogando de Gasparzinho até que ele fosse obrigado a aparecer.

Provavelmente era melhor assim. Chris tinha a porra de uma operação para se preparar, uma que dependia da cooperação dos Madigans, que poderia salvar inúmeras vidas, mas tudo em que Chris conseguia se concentrar era na vida perdida. E o homem que a havia roubado. O homem que roubou outra coisa de Chris e que deixou seu peito doendo, seu intestino torcido, e todo o seu ser escavado e à deriva, não mais em casa no meio do nevoeiro. Apenas



sufocando sob o peso dela.

Frustrado e de mãos vazias, Chris estava com um humor que combinava com o céu noturno quando ele voltou ao seu apartamento. Casa. Não parecia mais, justamente agora quando ele começara sentir isso pela primeira vez em uma década.

Subindo os degraus, Chris se curvou e flexionou os dedos, coçando para rasgar o lugar à parte. Para quebrar qualquer coisa.

Ele abriu a porta da frente e conseguiu seu desejo na forma de um assassino de olhos azuis e um metro e oitenta, convenientemente parado calmamente perto de sua ilha de cozinha.

Com uma arma na mão.

Chris o julgara mal mais uma vez. Hawes não estava jogando de Gasparzinho em tudo. Ele veio diretamente aqui para encarar a verdade. O que foi que ele dissera? Ele estava cansado dessa merda. Aparentemente sim. Hawes ergueu os ombros e levantou o braço segurando a arma. Chris fechou a mão em torno do cabo da arma de backup no coldre, mas a soltou quando Hawes colocou a sua - não, a arma de Chris que ele tomara na sexta-feira - na ilha ao lado de uma garrafa de Crown Royal Rye, o mesmo que eles compartilharam no apartamento de Hawes. — Eu não pretendia deixá-lo indefeso.

Indefeso. Boa descrição. Claro, ele tinha uma arma ao seu



alcance, mas a ausência da verdade era muito mais mortal. Chris bateu a porta com força e jogou a jaqueta em um canto, e caminhou em direção a ele, fechando a distância. Sem mais mentiras.

— Por que tudo mudou naquela noite?

Olhos desafiadores e resignados olharam de volta para ele, uma tempestade de inverno rodando em suas profundidades. — Porque eu atirei em Isabelle Costa.

Chris o agarrou pelas lapelas da jaqueta, girou e bateu-o com força contra a parede entre o escritório e o quarto. — Você a matou? Não foi Rowe?

Apesar de sua manipulação áspera, Hawes não revidou e não deu sinal de angústia. — Eu fiz isso, ele respondeu categoricamente.

Frio, intocável. Agora Chris entendia. E isso apenas aumentou sua raiva, a fez queimar mais forte. — Você sabia por que eu estava aqui, o que estava procurando, e você deixou passar uma semana e meia sem dizer uma palavra.

— Você estava me usando. Eu estava usando você.

Chris achatou as mãos no peito de Hawes e empurrou, batendo-o contra a parede novamente. — Nós já superamos isso e você sabe disso.



— Acho que a mesma pessoa por trás do golpe estava por trás de tudo naquela noite.

A raiva explodiu com a deflexão, com a capacidade de Hawes de manter aquele tom frio e plano quando o mundo de Chris estava desmoronando. — Você puxou a porra do gatilho! Talvez você seja uma maldição.

Finalmente, uma reação. Hawes jogou a cabeça para o lado como se ele tivesse levado um tapa. Ele olhou pelas janelas traseiras, o pomo de Adão balançando irregularmente.

Chris segurou a lateral do rosto, longe de gentil, com o polegar preso sob seu queixo, os dedos abertos sobre a bochecha, o aperto seguro. — E depois do que eu disse a você na outra manhã, sobre Ro, sobre como Izzy me salvou, você ainda não me contou a verdade. Eu confiei em você. Eu... Hawes tentou se soltar, e a pressão que exerceu no aperto de Chris o fez tropeçar em suas palavras antes de proferir a última coisa qualquer um deles precisava. — Porra!

A resposta de Hawes saiu em um sussurro rouco. — Ainda não sei quem configurou tudo para ela morrer.

Chris forçou o rosto a voltar. — Isso importa? Você apertou o gatilho. Você a matou.

Hawes abaixou os olhos, cílios longos roçando suas



bochechas pálidas. — Eu sinto muito, Dant...-

— Não! Você não pode mais usar esse nome. — Não agora que o feitiço fora bem e verdadeiramente quebrado. Ele pressionou as pontas dos dedos na cavidade da bochecha de Hawes, exigindo seu olhar novamente. — Esse nome significava que eu importava para alguém de novo, para ela.

E ela também era importante para mim também.

— Sim.

Metal duro e frio foi pressionado contra o estômago de Chris. Ele olhou para baixo, então voltou para cima surpreso. Em sua raiva, na agitação de seus movimentos anteriores, ele não tinha notado que Hawes pegara a arma na ilha, não percebeu que ele estivera sob a misericórdia de Hawes esse tempo todo. E agora Hawes estava sob a sua, Hawes empurrou a coronha da arma em Chris, o cano apontando para seu próprio intestino.

— Ela importava, disse Hawes, a voz rouca, seu exterior gelado quebrando com cada palavra. — E estou disposto a perder tudo por ela agora. Eu puxei o gatilho. Eu revivo aquela noite repetidamente. Fiz isso sim, mas quero saber quem me colocou e a ela nessa posição, que trouxe você à minha porta três anos depois, que sabia que você seria minha fraqueza.

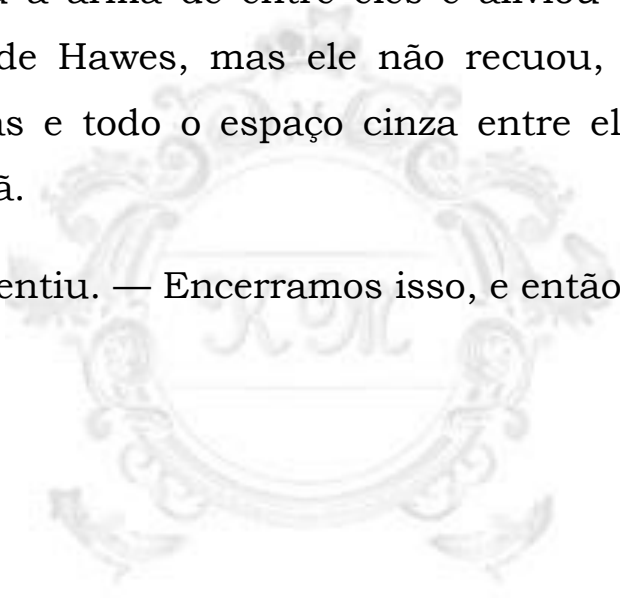
Ele pressionou a arma com mais força no abdômen de Chris,



esperando que ele a segurasse, e só continuando depois que ele a pegou. — Eu quero saber toda a verdade, e o mesmo acontece com você. Mais do que isso, quero impedir que isso aconteça novamente e não posso fazer isso sozinho. Eu entrei nisso usando você, mas você está certo - nós voamos muito além disso, e agora eu preciso de você. Ajude-me a parar com isso e depois me entregarei a você, dentro ou fora dos livros.

Chris tirou a arma de entre eles e aliviou o aperto de seus dedos no rosto de Hawes, mas ele não recuou, mantido ali pela verdade, mentiras e todo o espaço cinza entre elas. — Depois da operação amanhã.

Hawes assentiu. — Encerramos isso, e então eu sou seu.





Capítulo Dezessete

Chris encontrou Wheeler na sala de guerra, como esperado. Sem gravata e com as mangas enroladas ele estava vasculhando fotos de vigilância e mapas de ruas com uma mão e mantendo um ritmo staccato com a caneta na outra. — Você esteve tentando me alcançar, disse Chris, tornando sua presença conhecida.

Wheeler levantou a cabeça, olhou surpreso e depois furioso. — Por toda a merda do dia. No entanto, seu temperamento se acalmou com o que viu no rosto de Chris. Ele desceu de dez para um tolerável cinco. — Você não atendeu minhas ligações e você está ignorando meus correios de voz.

— Primeiro, aprenda a escrever. Segundo, eu estava resolvendo algumas coisas, as quais serão abordadas em um minuto. Ele se sentou na cadeira do outro lado da mesa. — Mas primeiro, é este o plano tático para amanhã?

— Sim, com base no nosso trabalho ontem.

Chris assentiu. — Ok, me dê um resumo.



Wheeler o acompanhou, passo-a-passo – o transporte, a abordagem, convergência, ataque e apreensão. Assumindo que tudo corresse conforme o planejado. Ele tinha as contingências mapeadas, vários meios de transporte prontos e pontos de vigilância e check-ins táticos a cada passo do caminho. Ele coordenou bem com o SFPD sem interrupções, e todos os sistemas estavam disponíveis para a Operação. Chris pretendia seguir noventa e nove por cento do plano. Ele não achou que Wheeler se importaria com a mudança de um por cento.

— Não é exatamente assim que a operação vai acontecer, disse ele.

A fúria voltou quando Wheeler se levantou. — Sinto muito, o que? Ele esperou ouvir Chris dizendo que iria substituí-lo, desfazer o plano tático pelo qual ele perdera só Deus sabe quantas horas de sono para montar.

— Ouça-me, disse Chris. — Eu quero a mesma coisa que você.

— Proteger os explosivos.

— E derrubar os Madigans.

Após o confronto com Hawes, ele caminhara pelo parque por uma hora, debatendo a oferta de Hawes. *Sou seu*. Para matar, foder, prender ou abandonar.



Manter.

Essa última opção trouxe até aqui. Ele não podia manter Hawes e obter justiça para Izzy ao mesmo tempo. Eles eram incompatíveis. Hawes havia matado Izzy. Chris tinha que trazer o ATF nisso porque era o que ela merecia e porque a tentação de fazer de outra forma era um canto de sereia que ele não sabia se poderia resistir, mesmo através de um furacão de traição.

Com os olhos arregalados, Wheeler mal conseguiu apontar sua bunda para a cadeira enquanto ele caía de volta nela. — Desde quando?

— Desde que descobri quem matou minha parceira.

— O que você descobriu?

— Que não foi um distúrbio doméstico, que os Madigans o encobriram, e que a pessoa que puxou o gatilho não é a única responsável. Ele não estava disposto a entregar todas as suas cartas - Chris só confiava completamente em si mesmo agora - mas Wheeler poderia ajudar a ganhar a mão. — Eu quero todos eles, e os explosivos são o fio condutor.

— Eu posso ter uma liderança nisso. Wheeler saltou da cadeira, não mais inseguro e disparou para a pilha de arquivos na outra extremidade da mesa de conferência.

Ele pegou uma pasta de papel pardo e, a partir dela, fotos do



homem misterioso no local do leilão. — Ele não é morador de prédio, então eu usei o carimbo de data e hora da vigilância e os logs de acesso ao prédio para ver quais unidades foram acionadas para acesso no momento em que ele chegou. Havia duas, e quando eu procurei nas redes sociais de cada um desses residentes eu encontrei isso. Ele entregou a Chris uma segunda foto, uma captura em tela de um arquivo do Instagram.

Era por isso que você queria Scotty Wheeler em seus casos. Nunca conheci um palheiro que ele não gostasse. — Karen Alexander, disse ele. — Unidade 501.

Chris examinou a foto.

A loira de vinte e poucos anos, vestida para um dia de navegação, estava no convés de um barco, a Bay Bridge ao fundo, o homem misterioso ao lado dela. Chris leu a legenda, com a data da manhã da operação: *Obrigado pelo rebocador, GB. Jantar comigo hoje à noite?*

— Gilbert Baker, disse Wheeler, se antecipando à pergunta de Chris. — Ele tem um rebocador e...- ele enrolou os dedos entre aspas -...uma operação de *resgate* na China Basin.—

— E por *resgate* você quer dizer contrabandista.

— Nunca cobrado oficialmente.

— Claro que não. Não estaria nos negócios por muito tempo,



se ele tivesse. Chris trabalhou através deste novo desenvolvimento. — Ele não é de alto nível o suficiente para competir com os Madigans, mas se você estivesse no mercado de explosivos e precisasse movê-los...—

— Ele seria o seu cara. Uma pilha de papéis grampeados - uma lista - apareceu embaixo do nariz dele. — As pessoas com quem ele faz negócios.

Chris assobiou baixo. Não era uma lista curta e muitos dos nomes - legítimos ou não - eram reconhecíveis, incluindo um que estava nos arquivos de Izzy. — Carl Reeves está nesta lista.

A empresa de fachada de Reeves, uma empresa de transporte marítimo, tinha contratos com a MCS. Izzy tinha suspeitado que havia mais do que o fornecimento de freezers para transportar em seus navios, mas nunca obteve as provas necessárias para prosseguir com essa pista oficialmente. No entanto, ela desconfiava de algo e com certeza bisbilhotou por lá. Se Reeves ficou sabendo disso, sobre Izzy, se ele se interessou em descobrir quem estava fuçando ao redor, talvez ele tenha descoberto quem realmente era Izzy. Quem era Chris. Se eles estavam procurando um jogador com o poder para mover todos ao redor do quadro, Reeves se encaixaria bem. E uma aquisição hostil dos Madigans também se encaixaria. Integração vertical para seus negócios legítimos. Assassinos treinados e um estoque de explosivos para proteger sua outra empresa. Uma força em terra e no mar.



Wheeler se recostou na cadeira em frente a Chris. — Eu desconfio que o barco de Karen não tivesse apenas uma falha no motor naquele dia.

— Bom palpite.

Reeves teria visto o aviso do leilão dos Madigans na dark web e procurado uma maneira de entrar na armadilha. Gilbert garantiu a entrada e provavelmente contrabandeou esses explosivos para dentro do prédio.

— Seus contratos com os Madigans começaram a diminuir há cinco anos, depois foram finalizados completamente a cerca de três anos.

— Porque Hawes não queria mais nada com ele.

— Ou porque Reeves sabia que eles haviam sido infiltrados. Está tudo amarrado, Wheeler disse com um aceno de cabeça. — Eu acredito em você.

E agora Reeves estava estendendo a mão para Helena. Tentando derrubar o homem que arruinou seu plano e instalar uma nova rainha em seu império. Chris tinha outras ideias.

— Verifique as conexões dele com todos os irmãos e com Rose. A matriarca não estava apenas sentada. Ela havia efetivamente conduzido aquela reunião no Buena Vista. Ela também estava executando algo paralelamente? Estaria ela infeliz



com a direção mais contida que seus netos estavam levando a empresa? — Vamos estar prontos, então quando pegá-los, todos eles, em nossa armadilha, podemos derrubá-los.

O sorriso de Wheeler foi tímido. — O Assassino do Rei saiu para jogar.

Chris forçou-se a não se encolher, o instinto automático. Mas o Assassino do Rei era quem ele precisava ser agora, derrubar o homem que queria ser rei e obter justiça contra o rei que matou sua parceira. O Assassino do Rei poderia silenciar o canto de sereia, esquecer a imagem da casa que elas cantavam.

— Suponho que você possa ajustar o plano de ataque? Disse ele a Wheeler. — Nós protegeremos os explosivos, então protegeremos os alvos. Todos eles.

— Eu preciso de mais alguns agentes. Dois, talvez três.

— Verifique-os primeiro. Chris se encolheu ao lembrar a afirmação de Amelia. Ele souou como Hawes, mas nesse caso, a operação deles dependia disso. Eles não podiam ter nenhum vazamento. — Se estiverem limpos, traga-os para dentro.

— Kane? Wheeler perguntou.

Chris balançou a cabeça. — Comprometido. Então quase riu alto com a ironia do rótulo de Kane como comprometido quando ele fora o único fodendo com Hawes em um beco na noite passada. Mas



não fora a parceira de Kane que Hawes havia matado.

Que o Chefe lute ele mesmo contra sua lealdade à lei ou aos Madigans.

Chris sabia onde ele estava: com Izzy. — Somente do ATF.

Com um aceno agudo, Wheeler se levantou e correu em direção à porta. Dê-me uma hora. Vou ligar para quem eu preciso e ter uma tática revisada pronta...-

Chris acenou para ele. — Durma, Scotty. Podemos revisar tudo pela manhã. A operação não é até amanhã à noite.

Wheeler soltou um suspiro e uma risada cansada e passou a mão pelos cabelos desgrehados. — Eu terminei com o sono há muito tempo.

— Beije-o e faça as pazes, disse Chris. — Vai ser um longo dia amanhã. Eu preciso de você alerta.

— Vou tentar. E você também.

Ele não deu a Chris a chance de responder ou devolver a lista e a foto na mão dele. Chris olhou para as peças que faltavam para o quebra-cabeça daquela noite três anos atrás. Ele estava tão perto de levar os assassinos de Izzy à justiça. Ele manteve esse pensamento à frente em sua mente, ignorando o núcleo de suspeita no fundo de que isso - colocar Hawes e seus irmãos sob a mira - era



exatamente o que a pessoa que planejara tudo naquela noite queria que ele fizesse.

..*.*

Uma hora e meia e uma garrafa de uísque depois, esse pequeno grão de dúvida se transformou em um campo inteiro de milho. E Chris estava perdido em meio a ele.

O confronto com Hawes continuava a tocar em sua cabeça, o *eu sou seu* não menos alto. Tampouco a imagem de Hawes desafiador, mas resignado, era menos vívida. Ombros e queixo erguidos, pronto para tomar uma bala se Chris quisesse entregá-la, hoje à noite ou um dia a partir de agora.

Chris pegou a garrafa do Crown Royal e deu outro gole. O centeio ardente queimando sua língua e a garganta, mas não conseguiu queimar a indecisão que atava seu estômago em nós, torcia seu coração e fodia com sua cabeça.

Dividido entre o que ele queria fazer e o que deveria fazer, e as múltiplas opções em cada uma dessas colunas.

Porra.

Ele tampou a garrafa e deitou-se na estreita faixa de grama



que ele chamava de quintal, olhando para o céu escuro que não conseguiu lhe dar nenhuma resposta. Ele meio que esperava ver Hawes aparecendo, saindo fora do nevoeiro a qualquer momento, mas até agora, eram apenas Chris e o nada escuro e inútil.

Ele fechou os olhos, viu Hawes atrás das pálpebras, ouviu o *eu sou seu* nos ouvidos dele, lembrou as palavras de Amelia e Kane na estação, lembrou as palavras alegres de Scotty chamando-o de *Assassino do Rei*, e o carrossel começava de novo. Estaria ele sendo manipulado também? Ele estava jogando direto na mão de Reeves? Importava se ele estivesse fazendo justiça por Izzy?

O carrossel só fez uma pausa quando ele ouviu o ruído metálico da trava do portão lateral. Instantaneamente alerta, Chris rolou para o lado, ajustou o aperto na garrafa, a única arma que ele tinha disponível, e levantou o braço, preparando-se para arremessá-la no intruso àquela hora noite. Mas então a explosão de adrenalina se tornou mais acentuada, e um passo tão familiar quanto o dele chegou aos seus ouvidos.

Relaxando seu quadril, ele tomou outro gole de uísque e esperou sua irmã aparecer ao virar da esquina. No escuro, apenas com a luz ambiente plana acima deles, os machucados no rosto e no pescoço não eram tão flagrantes, mas a forma com que ela se moveu era cuidadosa e medida, sentindo as dores de sua luta com Dex. Havia também uma aura mais confiante e encorajadora em sua postura que ele não via há muito tempo. E um capacete em



suas mãos que o fez sorrir. — Você me trouxe um presente, Cee?

— Trouxe para você o que é exigido por lei.

— Você é uma mãe.

— Cale a boca. Ela jogou a bolsa na cadeira de praia enferrujada e quebrada e abaixou-se, de pernas cruzadas, ao lado dele no chão. — O advogado ligou hoje. Queria dizer obrigado.

— À meia-noite?

Outra advogada ligou. Ela disse que você poderia estar precisando de alguém hoje à noite.

Ele levantou uma sobrancelha. — E você decidiu ser essa pessoa?

Ela empurrou o capacete no peito dele, e ele caiu, fingindo estar ferido.

Ela riu, um bom sinal de boas-vindas, antes de pegar a garrafa e tomar um gole saudável. — Nenhum de nós esteve lá pelo outro como deveríamos ter estado. Como costumávamos estar. Mas você esteve lá por mim hoje e eu estou aqui por você agora. Um calor, o primeiro desde esta manhã, inundou sua pessoa e acalmou um pouco a dor em seu peito, reorganizou um pouco o caos em sua cabeça. Ele correu uma mão sobre o capacete básico e durável, deixando que isso o acalmasse ainda mais, grato pela pequena



pausa.

— Você quer falar sobre isso? Ela perguntou.

— Eu descobri quem matou Izzy.

Ela cobriu a mão dele com a dela. — Não foi o namorado?

Porra, ele desejou que tivesse sido Zander Rowe, desejou poder retroceder e contar ao Agente Perri, vingativo e angustiado de três anos atrás, para deixar ir, apenas aceitar a versão oficial dos eventos. Teria sido muito menos doloroso, menos complicado. — Não quem eu pensei que era.

— E você não está feliz com isso.

Ele riu, porque que porra mais ele faria? Chorar? Ele sentou-se ereto, colocou o capacete no chão e recuperou a garrafa, tomando outro gole.

Olhar abatido, Celia começou a limpar a graxa da loja debaixo das unhas. — Dex não é quem eu pensava que ele fosse também.

— Cee...-

— Eu sei que tenho um ponto cego em relação a ele, mas tivemos alguns bons anos antes de tudo ir à merda. Ele me deu dois filhos lindos, mas depois mudou, assim como eu. Ela suspirou pesadamente. — Mas você sabe o que não mudou? Minha



responsabilidade com essas crianças, e eu as decepcionei. Eu deveria ter deixado ele anos atrás, pelo bem deles.

Ele já viu o mesmo acontecimento antes, na família de Jennifer e nos círculos que ele se infiltrara como agente. Ele sabia quem era o culpado, e não era sua irmã ou as crianças. — Não é assim que funciona o abuso, Cee.

— Não tenho certeza de como muitas coisas funcionam.

— Exceto um motor.

Ela olhou para ele, um pequeno sorriso feliz passando por seu rosto. — Isso eu sei.

— Papai nos ensinou bem. Você é a melhor.

Surpreendendo-o, ela pegou a mão dele. — Mas esse não é o único mecanismo de funcionamento que ele nos ensinou. Mamãe e Pop, eles também nos mostraram como operar o motor de uma família e de um trabalho também. Meus filhos, a oficina, essas são as coisas que me fazem continuar. Vou focar neles, ajustá-los e deixar isso me levar. O que está te levando, grande irmão?

Sou seu.

Ele afastou o pensamento. — Vou dormir, depois acordarei amanhã e o Agente especial Christopher Perri fará seu trabalho. Uma última vez. Por Izzy. Por Ro. Por esta família. Completar sua



missão final e sair. Ele perdeu isso de vista, cego por um futuro que ele não poderia ter. Ele lembrou-se agora e deixara isso dirigi-lo. Ele terminaria tudo amanhã, de um jeito ou de outro.





Capítulo Dezoito

Um carro preto estacionou na entrada do forte da família Madigan, faróis explodindo sobre a mansão vitoriana verde-sálvia. As luzes também brilhavam acima, a casa toda iluminada do andar principal até o covil de Holt no sótão, dando a impressão de que o hacker estava lá. Não sentado atrás de Chris no banco de trás da viatura de Kane, estacionada nas sombras da entrada do outro lado da rua.

— Aqui vamos nós, cantou Helena, sua voz ecoando no carro através das caixas de som da viatura. Ela se inclinou e beijou a bochecha de Rose, a matriarca em pé na frente das grandes janelas com Lily nos braços.

— Temos você, relatou Holt de volta enquanto o ponto vermelho na tela do painel rastreava os movimentos de Helena em direção à porta. — Mantenha seu canal aberto para podermos ouvir, mas não há mais comunicação de nossa parte.

— Não sou uma novata, Little H.

Não, Helena definitivamente não era. Sua postura era



relaxada, seu comportamento calmo enquanto ela descia os degraus da varanda, aproximava-se do carro que chegara e estendia seus braços, permitindo que o motorista a checasse por armas e dispositivos. Desarmada e limpa, a mesma tecnologia indetectável que Chris havia plantado em Iris uma vez, ficara indetectável de novo. O motorista abriu a porta para ela e Helena deslizou para o banco de trás. Ela não tinha ideia de no que ela estava se metendo, quem poderia estar esperando por ela, e ainda assim a loira pequena vestida de couro e caxemira não exibia um pinga de apreensão. Impressionante era a palavra certa, e também confiante no fato de ser mais mortal do que uma boa porcentagem da população.

Chris se perguntou, não pela primeira vez desde que ele a enfrentou no escritório de Kane ontem, como ela estava na noite em que Izzy morreu. Ela sabia claramente o que havia acontecido e entendeu como as consequências haviam mudado o irmão dela. Ela estava lá? Ela deixou Izzy na rua? Foi a única a adulterar a cena do crime para fazê-la parecer o suficiente como uma briga doméstica? Com Kane então no SFPD, disposto a cobri-los, e o ATF silencioso, sem vontade de divulgar sua presença, quanto tempo e evidências eles haviam perdido? Talvez Chris tivesse juntado as peças antes, antes que tudo tivesse se tornado uma bagunça confusa.

— Então, somos apenas eu e você? O bate-papo educado de Helena com o motorista trouxe Chris de volta ao presente. Ela



estava deixando eles saberem que estava sozinha no carro, enquanto eles começavam a descer a colina de Pac Heights.

— Alfa em movimento, Chris transmitiu por rádio para as equipes da força-tarefa. — Tático, espere para avançar. Beta, entre sessenta.

Exatamente um minuto depois, um Mercedes Benz saiu do beco dois quarteirões acima, Avery ao volante, Hawes no banco do passageiro. Um ponto azul apareceu na tela de Kane no painel, seguindo a uma distância discreta atrás do carro. — Beta em movimento.

Kane esperou mais um minuto antes de retirar o cruzador não marcado atrás deles. — Comando em movimento, relatou Chris. — Tático, aguarde mais sessenta, então inicie o avanço.

Como planejado, a resposta de Helena ao vendedor insistia em provas visuais. Ela não faria nenhum acordo sem vistoriar todo o lote de explosivos. Em resposta, o vendedor propôs uma reunião, em um local não revelado, levando a força-tarefa a manter-se seguindo o carro alvo pelas ruas, tornando isso um dos aspectos mais complicados da operação. Não importa a reviravolta que Chris tinha planejado para o fim, supondo que eles conseguissem garantir a segurança dos explosivos primeiro.

Em direção a esse objetivo, eles não podiam ser vistos antes de chegarem ao destino. As equipes se moviam em um padrão de



grade atrás deles. Wheeler, no comando tático, chamava nas ruas transversais a cada poucos quarteirões, e as equipes fizeram o check-in, confirmando suas localizações. Havia equipes adicionais em campo, posicionadas próximas de meia dúzia de locais possíveis que Chris e Wheeler haviam observado, mas nenhum deles relatou qualquer atividade. Enquanto eles continuavam descendo a Third, atravessando a King e passando o estádio e a arena, Chris começou a entender o porquê, começou a suspeitar para onde eles estavam indo.

Ele girou em seu assento. — Isso é outra porra de configuração?

A julgar pelos rostos pálidos ao lado e atrás dele, ele não imaginou que fosse. Holt chacoalhou a cabeça. — Nós não estávamos esperando isso também.

Confirmado pelo “inferno do caralho” de Hawes sobre o veículo quando o carro carregando sua irmã virou para a estrada que levava ao píer, onde a sede da MCS estava localizada. “Estamos seguindo”, disse Hawes.

— Somente beta e comando, Chris transmitiu às equipes por rádio. — O tráfego é muito leve para todos nós. Wheeler, mude a equipe tática de Hunter's Point para o píer aqui.

— Entendido, disse Wheeler, em seguida, retransmitiu a ordem para baixo na fila.



Chris o desligou, confiando em Scotty para fazer seu trabalho, e voltou sua atenção para Hawes. — Não vá até o portão, Madigan. Abordagem furtiva. É nossa melhor chance de salvar esta operação.

— Foda-se sua operação, Hawes praticamente rosnou. — Eu não vou deixar minha irmã entrar lá sozinha. Que parte da palavra armadilha você não entendeu?

Ele entendeu tudo, incluindo a armadilha que planejava. Ele não estava prestes a deixar esta operação ir para a merda também. — Criamos um plano tático logo abaixo, no cais de Hunter's Point. Estamos movendo essa equipe para cá. De barco, eles estarão aqui em dez minutos, no máximo.

— Hena pode parar no portão, disse Holt. — Mas isso provavelmente só vai nos comprar cinco minutos.

— Faça isso, Chris disse a ele. — As outras equipes chegarão aqui a tempo de oferecer um backup.

Holt transmitiu o pedido a Helena, que limpou a garganta, sinalizando que a mensagem fora recebida. Hawes bateu no painel do Mercedes Benz, claramente frustrado, o barulho alto da batida soando sobre o comunicador. Eles o colocaram em uma caixa, não lhe deram uma oportunidade de objetar. Ele ordenou que Avery puxasse para dentro do estacionamento de um prédio do MCS, e Kane colocou o cruzador ao lado deles.



Hawes saiu do Mercedes e imediatamente começou a andar. Simpatia cortou o peito de Chris - ele também ficaria louco se fosse Celia – e seu coração, tanto quanto doía por Izzy e pela traição de Hawes, doía ainda mais, traiçoeiramente ansioso, para confortar o outro homem.

Ele voltou ao modo agente e trancou seu interior, ignorando a atração irreprimível e as persistentes dúvidas de que talvez ele também estivesse caminhando para uma armadilha. Trabalhe o tático; essa era a melhor maneira de evitar tudo. E a melhor maneira de obter justiça para Izzy. — Você tem funcionários no local? Ele perguntou a Hawes.

— Mínimo. Estamos entre turnos a essa hora da noite.

— Porque alguém sabe exatamente como você opera.

— Outra porra de toupeira.

— Acha que os explosivos estão realmente lá? Kane perguntou.

Holt mostrou o relógio da contagem regressiva em seu tablet. — Faltam quatro minutos e nós descobriremos isso, de um jeito ou de outro.



Capítulo Dezenove

Quatro minutos e o atraso experiente de Helena deram a sua pequena equipe tempo para convergirem a pé. Kane esperou no cruzador, preparado para comandar o apoio tático quando chegassem, enquanto Chris, Hawes, Holt e Avery se aproximavam através da propriedade adjacente. Hawes arrombou a fechadura do portão do vizinho, a cerca atrás do estacionamento mais próximo do prédio que era muito diferente do pátio totalmente fechado do MCS, e Holt invadiu o sistema de alarme, por ordem do chefe de polícia, é claro. Era arriscado ter Holt aqui também, todos os irmãos Madigan no local, mas ele se recusou a permanecer à margem desta vez, e eles precisavam dele exatamente para essas situações. Ninguém conhecia melhor a segurança por aqui. Eles entraram sorrateiramente e rastejaram pela passagem sombreada entre o edifício e a barreira que separava as duas propriedades.

Quando se aproximaram dos fundos, onde as escadas levavam às docas e à água, Chris parou o grupo e falou em um sussurro. — Estaremos expostos demais na doca.

— Eu vou passar primeiro, disse Hawes, apontando para a



parede de barreira que descia em um conjunto de patamares.

Chris apontou para a própria parede. — Se houver um hostil do outro lado, você vai atirar neles?

A mandíbula de Hawes endureceu, seus olhos azuis brilhando com desafio. — Eu não preciso de uma arma para derrubar alguém.

— Eu sei disso, respondeu Chris, esforçando-se para manter a voz baixa e calma. — Mas precisamos de cada segundo que conseguirmos e uma remoção rápida e relativamente silenciosa é necessária agora.

— Eu vou passar por cima primeiro. Avery levantou a pistola, que estava equipada com um silenciador.

— Mais leve e silenciosa.

— Não, disse Hawes, seu tom não admitindo discussão. — Não sabemos quem está do outro lado dessa parede. Não podemos atirar primeiro e fazer perguntas depois. Isso não é como trabalhamos mais.

A admiração aumentou no peito de Chris até que ele lembrou por que Hawes tinha essas regras, e todo aquele calor espontâneo congelou em suas veias. Hawes olhou de volta para ele, um pouco da dureza em seus olhos suavizando com arrependimento, fazendo a mesma conexão que Chris tinha feito, mas ele ainda não estava



cedendo uma polegada.

A voz de Helena cortou o impasse. — Você pegou meu telefone, ela disse para o motorista. — Se eu o tivesse, poderia ligar para o pessoal de TI e descobrir o que há com esse portão.

— Boa tentativa, respondeu o motorista. — Qual é o número? E nada de gracinhas. Apenas retransmita o problema.

Ela recitou uma série de dígitos que, quando discados, tocavam diretamente nos números do comunicador de Holt. Ele respondeu, não revelando quem ele era, fingindo ser um cara tonto de TI que acabara de acordar. Ela explicou o problema e ele devolveu um, — Sim, senhorita Madigan, me dê apenas um minuto. Ele desligou o comunicador e voltou para Chris. — Impulsione Hawes no três.

Agora, Chris fora que se encontrava encaixotado, sem escolha, Holt batendo em seu tablet enquanto Hawes se aproximava. Perto o suficiente para fazer cócegas com a respiração na bochecha de Chris, o cheiro de loção pós-barba cara provocando seu nariz, o calor de Hawes aquecendo o frio que o dominara um momento atás.

— 1.—

Hawes colocou a mão no ombro de Chris, ampliando o calor dez vezes, intensificado pelo vulnerável tremor em seus dedos que



Hawes não podia esconder dele. *Porra*, se Chris não odiava essa hesitação, esse fluxo e refluxo de confiança e desconfiança entre eles. Odiava que Hawes estivesse certo em duvidar dele. Eles tinham que confiar um no outro, pelo menos na próxima hora, se algum deles quisesse sair disso vivo. E as paredes de apoio estavam lá para fazer isso. Sim, a fundação estava instável, ambos mentindo sobre pilares críticos um para o outro, mas eles trabalharam bem juntos quando pensaram que seus interesses estavam alinhados.

— Dois.

Chris se agachou com as mãos em concha para dar apoio ao pé de Hawes e o aperto de Hawes no ombro dele ficou mais forte. Olhando para cima, os olhos de Chris colidiram com os de Hawes, e uma enxurrada de lembranças tomou conta dele como as ondas batendo no cais abaixo. Chris em uma posição semelhante na noite em que chupou Hawes contra a escada.

Suas posições invertidas quando Hawes retornou o favor em frente ao sofá. Seus olhos trancados um no outro em seu recanto de leitura, no beco, porque eles não puderam resistir um ao outro nesta semana, reunindo-se uma e outra vez. Hawes confiando nele. Chris tinha se apaixonado por esse presente inebriante, por aqueles olhos azuis e pelo homem a quem eles pertenciam, sua queda começando no segundo em que ele entrou no Danko, na primeira vez que o viu do outro lado da sala.



O homem que matou sua parceira.

Porra.

Mas Hawes era o mesmo homem? Pesadelos daquela noite o atormentavam, mas ele levantou-se todos os dias e mudou tudo sobre si mesmo, sua vida e sua organização, para que nada parecido com o que aconteceu naquela noite acontecesse novamente. Para se redimir. Por Izzy. Para lhe trazer justiça.

Seus interesses ainda estavam alinhados.

— Três.

Hawes colocou o pé no berço das mãos de Chris e soltou o ombro dele. Confiando nele. Chris impulsionou e soltou o homem que fez uma bagunça emaranhada de seu interior, de suas prioridades sobre o muro.

Um baque abafado de Hawes batendo no chão, foi seguido por um meio-falado, — O que...- antes que a pergunta do estranho fosse cortada. Dois tapas rápidos de pele contra pele e de combate corpo a corpo, depois outro baque.

— Limpo, disse Hawes, e Chris não quis considerar seu alívio por essa única palavra no tom familiar e confiante do rei. — Envie Avery, depois venha ao redor da parede. Vamos destrancar o portão.

Eles se reuniram novamente do lado de fora das docas de



carregamento no lado sul da instalação da MCS. Hawes estava empurrando um mercenário inconsciente todo de preto para uma unidade de depósito. Chris mal conseguiu um “bom trabalho” quando Helena soou assustada com: — O que diabos está acontecendo aqui?

— Exatamente o que foi prometido.

O estômago de Chris afundou, Holt abaixou a cabeça e Hawes xingou.

— Foda-se, Avery ofegou. — Eles chegaram a Zoe também.

Outra voz mais profunda entrou na briga, falando com Helena. — Uma chance para o futuro.

A cabeça de Holt se levantou. — Esse é...-

— Carl Reeves, disse Hawes.

Chris mediu sua reação, não deixando transparecer que Reeves havia disparado recentemente para o topo de sua lista de suspeitos. Foi um risco, surpreendendo Hawes e as equipes em campo, mas Chris não havia divulgado isso antecipadamente, não querendo arriscar Hawes ou mais alguém eliminando sua melhor chance de confirmar o marionetista por trás da morte de Izzy. — Ele estava na lista de Rose? Chris perguntou.

Hawes balançou a cabeça. — Não negociamos com ele há



anos. Nós não o consideramos um concorrente em nenhum dos negócios.

— Por que você parou de fazer negócios com ele?

— Não estava confortável com a forma como ele usava nossos produtos e serviços.

Esse eufemismo era quase tão irônico quanto assassinos que mantinham uma empresa de armazenagem frigorífica. — Parece que ele não gostou muito disso.

— Mas ele seguiu o seu caminho, e nós seguimos o nosso, disse Holt.

— Ou, Chris se aventurou, — ele permaneceu circulando como um tubarão o tempo todo.

Então Helena falou novamente, perguntando: — E se eu não aceitar? Trazendo sua atenção para o confronto acontecendo no jardim da frente.

— Aperto este gatilho e o passado é apagado, respondeu Reeves. — O futuro segue em frente sem você.

O estômago de Chris caiu o resto do caminho até os pés. — Os explosivos estão aqui. Ele clicou no canal aberto de Kane. — Chefe, você está ouvindo isso?

— Dei ordem para manter as equipes ao redor do perímetro.



Ele limpou a garganta. — Tire-os de lá, Perri.

Chris desligou sem responder, esperando que o fato de Helena estar falando novamente fosse uma desculpa suficientemente boa para justificar sua falta de resposta. — Você acha que Hawes vai deixar isso acontecer? Ela disse.

— Não estamos preocupados com o príncipe, disse Zoe, notavelmente não se referindo a ele como rei. — Seus dias estão contados.

O olhar de Hawes se voltou para Chris, e a semente de dúvida no fundo da cabeça de Chris balançou - estourou - enviando um calafrio percorrendo sua espinha e espalhando por seus membros. Todos estavam sendo manipulados, movidos através do tabuleiro para satisfação de Reeves.

— E Holt? Helena perguntou.

— No final, fará o que for preciso para quem ele ama.

Do outro lado deles, o homem em questão abaixou a cabeça e colocou a mão sobre seu peitoral direito, dedos cavando a flanela que cobria uma tatuagem de lótus, feita em homenagem a sua filha. Por um segundo, Chris pensou que o haviam perdido, mas Holt levantou a mão, olhos escuros e determinados, depois os ergueu ainda mais, em direção ao centro de comando no último andar da instalação. — Estou subindo, disse ele. — Dependendo de como



eles conectaram os explosivos, talvez eu possa fazer algo sobre eles de lá.

Hawes assentiu. — Avery, vá com ele.

Eles decolaram enquanto Helena continuava a protelar, exigindo provas da presença dos explosivos. Seu engolir em seco, um momento mais tarde foi audível. — Você conectou toda a ala norte.

Onde ocorria toda a fabricação. — Isso é a porra de um barril de pólvora.

Reeves deve ter mostrado a ela uma transmissão ao vivo de algum tablet. Bom. Melhor mesmo se o detonador estivesse nele, porque assim Holt teria uma chance. E caso ele precisasse de mais tempo, Chris e Hawes precisavam se mover. Chris apontou para o impasse na frente do prédio.

— Vamos lá, concordou Hawes, caindo atrás dele. — Hena, estamos vindo para você. Mantenha-os conversando.

Ela não perdeu o ritmo. — É um estoque inteiro de explosivos.

— Todo ele, disse Reeves. — Meu agora.

— Se você explodi-los, você não terá mais nada.

— Eu tenho recrutas, disse Zoe, e pelo barulho de cascalho



atrás deles, ela tinha muitos lá no local com eles. — Soldados que tem feito o trabalho sujo, fabricando e explodindo-os por anos. Eles farão mais por nós. Nós não temos medo de vender ou usá-los.

— E a demonstração será poderosa, acrescentou Reeves. — Você deve fazer parte disto.

— Por que eu iria me juntar a você?

— Por que não? Não há nada que a prenda à sua vida atual. Você ainda pode viver sua vida e fazer seu trabalho se precisar. Nós não nos importamos.

Nós. Ele estava se referindo a Zoe ou a outra pessoa?

— Ela disse que você era a estrela, um ativo que a organização não poderia perder.

Ela.

— *Amelia?* Murmurou Hawes, sobrelanceira levantada.

Chris também foi cético em relação a essa opção, mentalmente analisando as opções. A partir do interrogatório de Amelia, Chris não achou que ela fosse do tipo que elogiaria Helena. Zoe, embora fizesse parte do círculo interno, Chris nunca considerou-a tendo esse tipo de adoração por Amelia tampouco. Mas Avery...

Com o rosto pálido, Hawes já havia chegado à mesma



conclusão e voltou seu olhar para o céu, olhando para o escritório de seu irmão. Estava escuro, nenhum sinal de movimento, Holt sabia que não deve acender as luzes, para operar sob o radar o maior tempo possível.

Não sabia?

Se é que ele conseguira chegar lá.

Holt para baixo não era necessariamente contrário ao objetivo de Chris, mas porra, ele queria que o gêmeo mais novo, que realmente faria qualquer coisa por aqueles que amava, sua filha especialmente, para cair dessa maneira. Era um destino muito cruel para Lily e aqueles que o amavam, incluindo Hawes.

— Estamos prontos. A voz de Holt veio sobre a comunicação, e Chris e Hawes ofegaram ao soltar a respiração contida. — Estou conectado ao sinal deles.

— Derrube esses filhos da puta, acrescentou Avery, provando sua lealdade mais uma vez.

Hawes sorriu, daquele jeito perverso e bonito, só seu e que fazia o sangue de Chris correr muito quente e atava seu interior. Ele não deveria desejá-lo, não deveria querer ele assim, mas ele era irresistível. E aquela foto de casa que estava constantemente circulando na cabeça de Chris? Nela estava incluído Hawes e esse homem que ele era agora. O vazio que Chris sentira depois do leilão,



depois de quase perdê-lo, sabendo que se ele o tivesse perdido essa foto estaria sempre incompleta, era prova suficiente.

Sou seu. E ele era de Hawes.

E seus objetivos comuns - os explosivos, o vendedor e a pessoa que pode ter armado a morte de Izzy, que pode ter configurado Hawes para puxar o gatilho - estavam ao seu alcance.

Chris rastejou em direção à esquina do prédio e lutou contra um arrepio de corpo inteiro quando Hawes colocou a mão firme na parte inferior de suas costas, sem mais tremores, confiando agora, preparado para entrar na guerra com ele.

— Você esqueceu uma coisa, disse Helena. — Eu sou leal.

— À sua família, disse Zoe.

— Exatamente. À meus irmãos.

— Todas as equipes, mantenham-se no perímetro, ordenou Kane sobre a comunicação. — Estejam preparados para entrar quando as luzes se acenderem.

— Você vai morrer por essa lealdade, disse Reeves, e pressionou o botão detonador.

Uma luz brilhante explodiu, mas não dos explosivos - de todas as luzes ali e em torno da instalação subitamente ardendo para a vida.



A batalha começou e Chris e Hawes entraram juntos.

..*.*

Por alguns segundos valiosos, todos no pátio ficaram congelados, cegos pelas luzes e esperando a explosão que nunca veio. Essa foi a abertura que Chris e Hawes precisavam para sair de trás do prédio e alcançar Helena, que habilmente agarrou a K-Bar que Hawes jogou em sua direção. Ele bateu na palma de sua mão como um *smack* e foi como pressionar *Play* em uma gravação. Tudo ao seu redor voltou à ação.

Ao sinal de Zoe, três soldados os atacaram. Chris apresentou um para sua bota, chutando a arma dele. No mesmo impulso, ele posicionou sua perna chutando no chão e girou a outra, dando um chute na cabeça do soldado. O soldado desmoronou em uma pilha inconsciente.

— Nenhuma promoção para esse, disse Hawes enquanto puxava os cotovelos de outro soldado para trás com seu garrote em um ângulo não natural, o estalo de ossos soando doentio. — Nenhuma promoção para este também. Com um movimento suave do pulso, Hawes puxou o fio e os braços quebrados do soldado penderam frouxos. Hawes chutou-o nos rins e o mandou voando de



cara na calçada.

Eles se uniram a Helena. Ela estava de costas para eles, a faca pingando sangue do soldado caído aos seus pés. Ele ainda estava respirando, mas decorado com várias marcas de cortes vermelhas do sangue fluindo. — Isso é tudo o que você tem, traidora, Helena gritou para Zoe.

Hawes falou com os outros soldados. — Eles enganaram vocês. Coloquem suas armas para baixo e nenhuma retaliação virá para vocês.

— Como Lucas, Jodie e Ray? Zoe respondeu.

— Eles tomaram suas decisões, respondeu Hawes. — Agora estou dando a esses soldados a mesma chance de escolha.

Vários recuaram, mas um número igual permaneceu ao lado de Zoe. No entanto, ela não os enviou para a próxima onda de ataque. Mercenários eram mais dispensáveis do que soldados valiosos. Nenhum tiro fora disparado. Eles claramente receberam ordens para capturar, não matar. Chris entrou num combate corpo-a-corpo com um e com o canto dos olhos ele observava Hawes e Helena trabalharem em conjunto. Capturar, cortar, lançar. Nada fatal, mas esses mercenários não voltariam a funcionar tão cedo.

Nem o mercenário que Chris finalmente sufocou com sua jaqueta jeans.



Helena olhou com aprovação. — Boa utilização do jeans para a vitória.

A pausa foi de curta duração, e Chris se preocupou que a próxima onda de ataque fosse mais do que o trio poderia suportar. Hawes também reconheceu isso. Ele se aproximou, seus ombros roçando. — Ela está tentando nos desgastar.

— Chamar os capitães? Perguntou Helena.

— Não, disse Hawes. — Precisamos deles na reserva.

— Não precisa, Holt transmitiu pelo rádio. — O resto da cavalaria está aqui.

Ele mal terminou de falar quando o flash de luzes azuis e vermelhas refletiu nos olhos dos mercenários.

— Quebrar, Hena! Hawes gritou.

Ela girou para a esquerda, Hawes para a direita, levando Chris com ele. A manobra os colocou fora do alcance dos mercenários no centro, era mais fácil lidar com apenas alguns que permaneciam no perímetro, enquanto os outros se dispersavam na esteira dos carros de polícia formando uma barricada, oficiais e agentes se posicionando atrás deles.

— Trouxemos amigos! Disse Hawes.

— Policiais e federais, disse Reeves. — O que aconteceu com



você?

— Confiei nas pessoas certas.

Calor inundou o peito de Chris, depois fugiu com as próximas palavras de Reeves. — Eles vão encontrar os explosivos e prender você.

Esse tinha sido o plano, mas Chris colocara esse plano em risco quando ele jogara Hawes por cima desse muro. Jogou tudo fora junto quando Hawes tinha colocado a mão em suas costas enquanto se preparavam para invadir o pátio. Juntos. Ao menos durante esta batalha. Por mais tempo, se ele conseguisse descobrir como conciliar a justiça, sua consciência e seu coração. Ele não encontrou a resposta em nenhum cenário onde pudesse vislumbrar a prisão ou morte de Hawes Madigan ou de seus irmãos.

Quanto ao desafio imediato, Holt resolveu esse problema para eles. Zoe e as próprias palavras pré-batalha de Reeves - reivindicando a propriedade dos explosivos e a intenção de fabricar, vender e usar mais - explodiu dos alto-falantes no pátio.

— Parece que esses são seus explosivos, disse Hawes.

— Os que você pretende usar na prática de um crime, acrescentou Chris.

— Com a intenção de fazer e distribuir mais, concluiu Helena.
— E você pode apostar que também apresentaremos acusações de



invasão.

— E os corpos aos seus pés? Perguntou Reeves.

— Não estão mortos, respondeu Chris. — E se eles estivessem, foi autodefesa. Ao lado dele, Hawes riu. Chris também sorriu com a ironia de suas palavras, na semana passada chegando um círculo completo.

— Pare, Reeves, Kane berrou através de um megafone. — Acabou.

— Voltem! Zoe ordenou. Apenas dois soldados se juntaram a ela, Reeves e o par de mercenários restantes correram para o lado oposto do edifício e desceram a rampa de acesso à água.

— Eles estão indo para as docas! Disse Hawes.

— Eles vão encontrar agentes por lá, disse Chris. O barco vindo de Hunter's Point e a equipe de três homens de Wheeler que pensavam que estavam lá para capturar Hawes.

— Vou ficar e gerenciar a cena aqui, disse Helena. — Vai!

Em vez de seguir pela rampa, Hawes correu em direção à porta da frente, Chris em seu rastro. — Vamos passar pelo meio, disse ele, enquanto as portas se abriam para eles. — Obrigado, pequeno H.

Eles circularam a mesa de segurança, atravessaram a sala de



descanso e a cafeteria, e desceram a mesma escada que eles usaram na semana passada. Hawes abriu a porta de saída de emergência para encontrar um tiroteio, e Chris agiu por instinto, forçando-o contra a parede e cobrindo o corpo de Hawes com o seu maior. Hawes poderia ficar chateado com ele mais tarde.

Exceto que ele não estava. Ele apertou os lados da camisa de Chris e o segurou mais apertado, mais perto, o rosto enterrado na dobra de seu pescoço.

— Você foi alvejado? Chris sussurrou em seu ouvido. Hawes balançou a cabeça. Nem Chris. Ele olhou de um lado para o outro. Eles estavam sozinhos. Tiros começaram novamente. — Está nas docas.

Hawes recuou o suficiente para encontrar seu olhar. — Eu sinto muito. Eu só precisava de um segundo.

Chris abaixou um braço da cabeça de Hawes e apalpou sua bochecha.

— Firme, agora?

Ele assentiu, confiante mais uma vez. — Vamos lá.

Chris, no entanto, o manteve firme. Havia mais uma coisa que ele precisava dizer, antes de entrarem no tiroteio. — Você precisa saber...-



— Que você pretendia me prender, se sobrevivêssemos esta noite.

Chris piscou, depois sorriu. Claro que ele sabia. — Essa não é minha intenção, não mais.

Hawes circulou seu pulso, dedos sobre seu ponto de pulsação e apertou. — Minha promessa se mantém. Eu sou seu, de qualquer maneira.

Chris sabia qual das opções ele queria agora. Mas a rodada de tiros chamou sua atenção e eles partiram novamente, correndo para as docas a cena não era boa. A equipe de agentes do ATF de Wheeler, além da equipe de quatro homens do outro barco, estava agora no navio de salvamento de Gilbert, enfrentando Zoe, Reeves e seus reforços. Deveria ter sido uma vitória fácil para o ATF, com base em números, mas enquanto suas ordens eram para capturar, os bandidos não tinham escrúpulos em matar ou jogar LEOs ao mar.

Zoe estava diretamente envolvida com Wheeler, enquanto Reeves e Gilbert ficavam fora do caminho, ao lado do leme, como se não tivesse sido para isso que eles se inscreveram. Chris pensou que talvez eles pudessem usar isso. Ele e Hawes se aproximaram, quase até o barco. A vista era boa o suficiente, a distância curta o suficiente, que quando Zoe puxou a arma e atirou em Scotty no lado, exatamente onde o Kevlar não cobria, ela pegou o movimento



de Chris alcançando sua arma no coldre lateral.

— Finalmente chegou para jogar.

— Zoe, vamos lá! Reeves gritou.

— Não é ele que está manipulando as cordas, disse Chris baixinho.

Enquanto Chris fazia a observação, Zoe girou o braço da arma e atirou em Reeves, à queima-roupa entre os olhos. Gilbert gritou, o que foi exatamente o movimento errado. O foco de Zoe mudou para ele, e ele caiu em uma pilha ao lado de Reeves.

Com a atenção dela desviada, Hawes fez um movimento para o barco. Amaldiçoando, Chris sacou a arma e correu atrás dele. Eles deram dois passos para o convés quando Zoe os interrompeu com um tiro de advertência bem entre suas cabeças.

— Reeves se encaixa em seus critérios, disse ela a Hawes. — O contrabandista também. Não é?

Hawes não mordeu a isca. — Para quem você está trabalhando?

— Para a pessoa que sempre coloca os interesses desta organização em primeiro lugar.

— Você chama esse trabalho com Reeves como colocando os interesses da organização em primeiro lugar?



— Ele era um peão, como todos vocês. Seu olhar castanho mudou para Chris. — Incluindo sua antiga parceira. Ela sabia.

Chris ofegou. — O quê? Seus joelhos teriam cedido debaixo dele, se ele já não estivesse preparado para o balanço das ondas.

Zoe sorriu, o mesmo sorriso presunçoso que Tamela usara na estação BART.

— O mesmo acontece com seu atual parceiro. Ele veio até nós, assim como Isabella. Mas estou farta de federais confiantes.

Ela levantou o braço, a arma apontada diretamente para a cabeça de Scotty, e Chris não hesitou em apontar a dele e disparar. Em Zoe. Ela caiu no convés, sem vida, e Hawes caiu, as mãos nos joelhos, soltando um suspiro gigante.

A cabeça de Chris estava girando com as revelações do último minuto, mas ele continuou ereto, concentrando-se no homem ao seu lado, que estava controlando o que deveria ser um furacão ainda maior em sua mente. Ele colocou a mão nas costas de Hawes e rodeou-o para se ajoelhar na frente dele. — Ela estava indo matá-lo.

Com os olhos ainda fechados, Hawes assentiu. — Foi a jogada certa. A última coisa que nós precisamos é de mais federais mortos.

Tanto para ignorar as palavras de Zoe sobre Izzy. A tenente



estava jogando com eles? Ou havia mais na história do assassinato de Izzy do que Chris ou Hawes sabiam? Chris tinha noventa e nove por cento de certeza de que Izzy não estava suja, mas não podia dizer isso com cem por cento de certeza. Tran acreditava que ela tinha se tornado desonesta quando ela parou as comunicações logo antes de sua morte. Chris não tinha uma explicação para isso, e agora havia mais perguntas girando naquele espaço escuro. Questões que o fizeram computar esse 1% de incerteza. Um por cento que eles precisavam esclarecer e a pessoa que poderia ajudá-los a obter respostas - a pessoa que Chris tinha zero dúvidas - estava neste barco.

— Ouça-me, Hawes. Os olhos azuis se abriram e se fixaram nos dele. — Scotty Wheeler é a última pessoa...-

— Eu acredito em você. Hawes respirou fundo e se endireitou, e Chris mudou-se para verificar Scotty.

O agente ainda estava respirando, e a perda de sangue felizmente era lenta. O galo formando na cabeça dele quando caiu foi provavelmente o que o nocauteou. Chris pegou uma toalha de convés, empurrou-a sobre a ferida e arrumou o colete de Scotty para segurar a toalha enfiada lá.

— Recebi hoje uma dica de que ele estava sujo, disse Hawes.
— Mais armadilhas.

Chris se levantou e olhou de um lado para o outro entre ele e



Wheeler. — Então...-

— Ela precisa pensar que eu acreditei nisso. E preciso que você me ajude a vender essa concepção.

A raiva brilhou mais forte entre o turbilhão de emoções que o assolavam, tudo girando velozmente também. — Que parte do não me deixe fora do circuito...-

Hawes o interrompeu e diminuiu sua raiva dando um passo à frente e colocando uma mão em seu quadril e a outra em seu pescoço. — Até vinte minutos atrás, eu pensei que você ia me matar, não matar para proteger minha organização.

Chris fechou a distância entre eles e descansou a testa contra Hawes. — Baby, eu não posso te matar. Pelo contrário eu acho que posso apenas te amar.

Hawes inalou bruscamente, depois esboçou aquele sorriso perverso que torcia e aquecia o interior de Chris. — Você ainda vai me amar quando eu jogar você fora deste barco?

— Porra, eu tinha medo disso. Ele deu um passo atrás e olhou de um lado para o outro, para toda aquela água escura ao redor, todos os pensamentos de calor fugindo. Ele não conseguia olhar para Hawes quando perguntou: — Você sabe quem é ela? Ele não queria ver a dor em seus olhos, não achava que ele poderia suportar.



— Acho que sim, e acho que você também. Eu não posso acreditar que minha... dar voz a isso, no entanto, era um milhão de vezes pior.

Voltando-se para ele, Chris colocou a mão sobre sua boca para parar o som de sua dor. — Não diga isso, não até que você tenha certeza. Ele acenou com a cabeça para Wheeler. — Eu tive minhas suspeitas também. Eu pedi a ele para checar. Provavelmente foi por isso que o sinalizaram e armaram para você eliminá-lo.

— Dois pássaros, uma pedra.

— O mesmo que eles tentaram na noite do assassinato de Izzy. Isso era mil vezes mais complicado agora. — Quando ele acordar, ele é sua melhor aposta para confirmar isso.

— E o envolvimento de Izzy.

— Se ela estivesse envolvida.

Chris apreciou a consideração, o que significava que Hawes estava disposto a manter a inocência de Izzy e, ao fazê-lo, manter sua própria culpa por sua morte. Isto estava de acordo com o homem que ele era, o homem pelo qual Chris se apaixonara. O homem que merecia sua consideração. — Precisamos descobrir toda a verdade. Ele olhou novamente para Scotty e enviou uma oração por perdão por envolvê-lo nisso tudo.



— Proteja-o.

— Você sabe que sim. Hawes passou a mão trêmula pelos cabelos, olhando para trás e para cima na colina onde os gritos estavam ficando mais altos e o brilho das luzes de lanternas brilhavam mais e mais. Kane e seus homens ainda não estavam chegando, mas a qualquer momento... — Se estivermos certos, talvez eu precise contornar as regras.

Chris pegou sua mão e entrelaçou seus dedos, puxando Hawes para perto uma vez mais. — Estamos lutando contra isso de fora. Lutaremos do lado de dentro se for necessário. Essa pode ser a única maneira de encontrarmos a verdade.

— Toda ela, disse Hawes, parte de sua confiança retornando.

— Toda ela, Chris repetiu, depois empurrou a coroa da arma na mão de Hawes meio, o mesmo que Hawes tinha feito com ele na noite passada. — Venda isso, de qualquer maneira. Chris engoliu o suspiro de Hawes, depositando tudo em seu beijo - admiração, amor, confiança - e recuperando a confiança que ele tanto precisava. A confiança que eles precisariam para encontrar o caminho de casa novamente, porque era isso que Hawes significava para ele. Inegavelmente. A imagem estava clara.

Pistola na mão, Hawes recuou com um beijo final doce e doloroso no canto da boca dele. — Eu acho que posso estar apaixonado por você também.



O calor inundou Chris do centro do peito até os dedos das mãos e pés protegendo-o da dor da bala que rasgou seu ombro e do frio da água escura da baía que o engoliu inteiro.

